Edir Macedo

Aliança com Deus



Unipro Editora

Aliança com Deus

Macedo, Bispo

ISBN 85.7140.349-x

Coordenação Geral: Carlos Macedo

Supervisão Geral: Josué Linhares

Revisão: Soraya Rangel

Diagramação: Paulo Farias

Capa: Cristiano Ribeiro

Tratamento de imagens: José Armini

Copyright© 2000

Tel: (21) 3296-9300

editora@universalproducoes.com.br

Impressão e acabamento: Editora Gráfica Universal Ltda

www.universalproducoes.com.br

Versão Digital 2010

Prefácio

Quando se fala em aliança, a lembrança mais prosaica que me vem é a do casamento. Volto ao longínquo passado, e me vejo de mão espalmada a examinar um par de alianças que, assim juntas, lado a lado, lembravam o símbolo matemático do infinito. Ao percorrer o indicador sobre as alianças, esse movimento do meu dedo na palma da mão traça-me na imaginação a figura de um oito deitado, símbolo das coisas que jamais teriam fim...

Mas, a coisa não funciona assim. Na abertura do livro Aliança com Deus, o bispo Macedo chama a atenção sobre um contrato muito comum nas relações humanas: o casamento, esta instituição tripartite, em que dois dos contratantes, geralmente, se esquecem de uma primeira Pessoa: Deus. "Será que você cumpriu a sua parte nesse pacto?" – pergunta o bispo Macedo, tendo como parâmetro esta sociedade em que os casamentos sem Deus são programados para o divórcio, e, quando há constância no relacionamento, percebemos que a maioria das pessoas se atura somente para salvar as aparências, vivendo uma a sugar o vazio da outra...

O bispo Macedo nos ensina que "aliança" é uma palavra que carrega em si fidelidade, doação e amor. Antes de fazer parte de uma aliança, Deus tem o privilégio e o direito divino de agir conforme lhe apraz; mas uma vez feita em Seu Nome, Ele Se torna definitivamente fiel a ela, não havendo como esquecê-Lo no contrato, sob pena de o casamento perder as Suas graças.

Neste livro, desde Adão até a Nova Aliança de Nosso Senhor Jesus Cristo, o autor desenha também as faces da mesquinhez e da grandeza humana. Fala-nos desde a pequenez de Caim à sabedoria de Salomão, e descreve como e por que a estrutura da Bíblia está fundamentada a partir dos pactos de sangue, além de analisar a dubiedade da fé dos homens.

Dos altos e baixos dessa dubiedade encontrada nos chefes religiosos e no seu povo, Deus foi sempre renovando a Sua aliança no Velho Testamento, na busca de um líder para compor uma nação santa e de propriedade exclusiva d'Ele, onde as Suas bênçãos seriam abundantes. Mas em vão: "Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda." (Hebreus 8.7).

Eis que, pela misericórdia de Deus, surge a derradeira e superior Aliança, através do sangue do Senhor Jesus Cristo. Com o Seu sacrifício, pudemos declarar, então, a nossa adesão àquela nação santa e às Suas promessas, não mais restritas aos limites de um território ou ao povo dele, mas aberta a todos os que fazem do seu coração propriedade exclusiva de Deus, independente das fronteiras em que tenham nascido, e aceitam o Senhor Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Isso se confirma nas palavras de Paulo aos romanos "Não foi por intermédio da lei que a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé. Pois, se os da lei é que são os herdeiros, anula-se a fé e cancela-se a promessa," (Romanos 4.13-14).

O bispo Macedo nos faz ver o quanto é bom ter o Senhor Jesus Cristo como Salvador, já que somos crianças espirituais. Tê-Lo como Salvador
significa contar com o Divino Mestre para guiar-nos, consolar e curar.

Tê-Lo como Salvador significa passarmos de servos a mestres, para orientar, educar, aliviar e cuidar

dos nossos semelhantes. É como se voltássemos ao encantamento daqueles tempos de criança que Jesus abençoou, dizendo: "...Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. " (Mateus 18.3).

É como o encontro feliz de uma criança rumo aos presentes prometidos pelo Pai Eterno e aos folguedos espirituais nas novas e luminosas manhãs sob as bênçãos do Senhor Jesus Cristo!

Na Bíblia, dois lugares santos marcaram a história das alianças: os Montes Sinai e Calvário. Neles, a presença e o poder de Deus foram de tal monta, que convulsionaram os elementos da natureza, traçando um denominador
comum aos dois. Do primeiro temos a seguinte descrição: "Todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente." (Êxodo 19.18).

E, no Monte Calvário, vemos: "Já era quase a hora sexta, e, escurecendo-se o sol, houve trevas sobre toda a terra até à hora nona. E rasgou-se pelo meio o véu do santuário." (Lucas 23.44-45).

Completaram-se as alianças: uma da Lei, e a outra da Graça.

Portanto, podemos afirmar que este livro fará com que os leitores
viajem pelo passado, repensem o presente e se tornem esperançosos quanto ao futuro. Que o leitor possa ser abençoado por Deus através da leitura deste livro e que cada palavra fique gravada no seu coração!

Os editores

Introdução

O salmista Asafe fez uma oração que reflete muito bem o que tem sido a Igreja do Senhor Jesus Cristo nos dias atuais, quando disse: “Ó Deus, as nações invadiram a tua herança, profanaram o teu santo templo, reduziram Jerusalém a um montão de ruínas.” (Salmos 79.1).

De fato, ele não estava pensando na Igreja do Senhor nos últimos dias, mas na situação política de Israel naquela época. O povo de Israel desprezou a sua aliança com Deus seguindo e servindo os deuses dos povos que haviam derrotado devido à fé no Deus de seus pais. Então, nada mais restava para eles senão a fraqueza espiritual e, como conseqüência, as sucessivas derrotas para os inimigos. A miséria, a fome e a destruição geral fizeram surgir um país envergonhado e humilhado diante de todas as nações.

A verdade é que a aliança que Israel tinha com Deus sustentava a sua fé e o seu poder de lutar e vencer, mas, quando foi quebrada, a fé do povo de Israel enfraqueceu e os seus homens de guerra perderam a confiança em si mesmos, enquanto a de seus inimigos era automaticamente fortalecida.

Infelizmente, assim também acontece hoje com o povo que se diz cristão, que crê no Testamento do Senhor Jesus, mas não tem podido tomar posse da sua herança, pelo fato de permitir que as “nações inimigas” venham invadir o seu território, a Igreja, com toda a sorte de filosofias, doutrinas estranhas à Bíblia Sagrada, profecias mentirosas, sem falar das politicagens e carnalidades de muitas de suas lideranças.

O apóstolo Paulo, escrevendo a seu filho na fé, Timóteo, alerta para o seguinte: “Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência,” (1 Timóteo 4.1,2).

O resultado de tudo isso temos visto no mundo inteiro: a Igreja do Senhor Jesus misturada às igrejas dos deuses desse mundo, sem que haja, na sua aparência, um mínimo de diferença. Ela tem até sido mais profanada e reduzida a um montão de ruínas espirituais e físicas.

Talvez possam argumentar que exista uma grande falta de conhecimento no meio do povo cristão a respeito da aliança que Deus fez com ele, através da morte do Seu próprio Filho Jesus. Porém, as promessas de Deus são muito claras e transparentes para que os cristãos se deixem levar pelo fracasso cotidiano, diante das nações espirituais do mal, inimigas de Deus e do Seu povo.

Estas nações, das quais Asafe fala, nada mais são, hoje, que os espíritos imundos e enganadores, os quais têm levado Jerusalém, isto é, a Igreja do Senhor, ao engano e ao engodo; ora com filosofias baratas, ora com profecias falsas.

Tudo isso com a finalidade de apresentar ao povo um Deus velho, cansado e impotente, para que, quando as “tempestades” vierem, a Igreja abandone o seu primeiro amor e desvie a fé do Deus de Abrão, de Isaque e de Israel, para os deuses de madeira, de pedra e de metal; ou, então, se entregue às religiões diabólicas espalhadas pelos quatro cantos da Terra.

O estudo das alianças com Deus pretende não apenas colocar o
seguidor do Senhor Jesus a par de seus deveres, obrigações e privilégios como aliado de Deus. Sobretudo, objetiva prepará-lo com uma base de fé, de tal forma, que venha a ser um conquistador em potencial para a glória de Deus, revertendo a situação espiritual da Igreja do Senhor Jesus, através de um testemunho vivo, poderoso e transparente, e permanecendo inabalável diante da contínua luta contra as nações espirituais do mal.

Capítulo 1

Aliança

Para se ter uma idéia da importância e profundidade das alianças bíblicas, basta-nos observar o fato de que a Bíblia é dividida em apenas duas grandes alianças: a Antiga Aliança, que é narrada no Antigo Testamento, e a Nova Aliança, descrita no Novo Testamento.

A Antiga Aliança ou o Antigo Testamento é composto por trinta e nove livros, que formam uma narrativa de como Deus preparou Seu povo para ser uma nação forte, pura e santa, na qual viria a nascer o Seu Santo Filho, Jesus.

Com esse povo, Deus estabeleceu a Sua Aliança, que não pôde ser definitiva, tendo em vista a rebeldia dos homens, que desobedeceram e quebraram as regras determinantes da aliança, causando conseqüentemente a morte e a destruição sobre Israel.

Do ocorrido, surgiu a necessidade de constituir um povo, através de uma nova e definitiva Aliança, apresentada no Novo Testamento, composto de vinte e sete livros, que narram não somente o nascimento, a vida, a morte, a ressurreição e a ascensão do Senhor Jesus, mas também toda a história da Sua Igreja primitiva, além dos ensinamentos apostólicos ditados pelo Espírito Santo, e o Apocalipse, que é a revelação de todas as coisas futuras.

A palavra “aliança” aparece na Bíblia trezentas e vinte e oito vezes, e isto sugere, naturalmente, a sua grande importância e o estudo apurado do seu significado, especialmente por parte dos que já entraram em aliança com Deus.

A primeira vez que encontramos a palavra “aliança” na Bíblia é no livro de Gênesis, quando Deus fala a Noé e anuncia o seu propósito de “dar cabo de toda carne”.

O Senhor, tendo em vista a consideração e amor por ele, abre uma exceção, preservando não somente a sua vida, mas também a de toda a sua família, através de um pacto: “Contigo, porém, estabelecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos.” (Gênesis 6.18).

A última vez que a Bíblia faz referência à aliança está justamente no último livro, o Apocalipse: “Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada.” (Apocalipse 11.19).

Ora, se analisarmos, tanto o primeiro quanto o último versículos, vamos constatar que o último completa o primeiro, porque o primeiro fala de uma aliança futura, que, aliás, da parte de Deus, foi devidamente cumprida durante todo o processo de desenvolvimento da Humanidade até hoje.

A consumação dessa aliança se completa justamente no cumprimento do Apocalipse, quando se abre o santuário de Deus e manifesta-se a Arca da Aliança que, diga-se de passagem, é a testemunha de todas as promessas de Deus.

Uma aliança, do ponto de vista bíblico, não traz apenas segurança e firmeza de fé, mas, sobretudo, traz a certeza absoluta de que todas as promessas divinas serão cumpridas para com aqueles que aceitam entrar em aliança com o Senhor.

Todos os que um dia se aliaram a Deus e cumpriram a parte que lhes cabia neste pacto tiveram um sucesso extraordinário em suas vidas, a ponto de chegarem a fazer história, pela importância que tiveram para a Humanidade, vivendo e trabalhando em perfeita comunhão com o Criador.

Eles transformaram o mundo em suas respectivas épocas, pelo exemplo de fé que deram, simplesmente por causa de uma aliança que fizeram com o Senhor Deus. Sim, porque através de um pacto com Deus é que a pessoa passa a ter uma fé ativa e produtiva, capaz de até reclamar os seus direitos e conquistar os benefícios inerentes à fé cristã. E é a aliança que garante as respostas de Deus aos seus anseios e necessidades.

a) O que é uma aliança?

Uma aliança, segundo as Escrituras Sagradas, é um contrato, um pacto, um acordo ou uma sociedade entre duas ou mais pessoas, em que se estabelecem compromissos, deveres, obrigações e privilégios entre as partes envolvidas.

No Antigo Testamento, verificamos dois tipos de aliança: a aliança de respeito mútuo e a aliança de amor. A aliança de respeito mútuo era feita no sentido exclusivo de não haver guerras entre as partes aliadas, como foi o caso de Isaque e Abimeleque, quando este foi ter com o primeiro, juntamente com um amigo e o comandante de seu exército, porque o temia e, então, lhe disseram:

"...Vimos claramente que o Senhor é contigo; então, dissemos: Haja agora juramento entre nós e ti, e façamos aliança contigo. Jura que nos não farás mal, como também não te havemos tocado, e como te fizemos somente o bem, e te deixamos ir em paz. Tu és agora o abençoado do Senhor."

Gênesis 26.28,29

Este mesmo tipo de aliança foi feito entre Abrão e Abimeleque, entre Davi e Jônatas, entre Acabe e Ben-Hadade. Esta aliança é o chamado "acordo de cavalheiros", onde as partes se aturam respeitando cada um o direito do outro. Em outras palavras: "Não mexa comigo que eu não mexo com você!".

Já a aliança de amor era feita no sentido de sociedade, onde os bens de uma parte passavam a pertencer à outra e vice-versa. Este tipo de aliança era completamente diferente do outro, porque requeria um perfeito amor entre as partes. E é justamente este tipo de aliança que abordamos neste livro: a aliança selada pelo amor.

Numa aliança entre os homens, é natural que cada um participe com a metade ou com um percentual do todo, e cada sócio se empenha com todas as suas forças para que, juntos, possam multiplicar aquele todo, e na colheita venham a dividir os lucros da sociedade. Quando, porém, uma das partes contribui com menos que a outra, então, a distribuição dos lucros será proporcional, e o seu lucro também será menor. Cada um lucra segundo a sua capacidade de participação na sociedade.

Na aliança de amor, ou seja, na aliança com Deus, as regras de participação não são diferentes, pois o envolvimento de Deus na aliança com o homem é de cem por cento, isto é, Deus participa com tudo o que Ele é e tem, e exige que a participação do homem também seja cem por cento do seu coração, com todo o seu amor e toda a sua vida.

A esse respeito, o Senhor Jesus respondeu a um fariseu: "... Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento." (Mateus 22.37). De outra feita, Ele disse:

"Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á."

Mateus 10.37-39

Nos versos acima, podemos notar o tipo de aliança que Deus faz conosco. Ele não aceita parte de nós! É tudo ou nada! Porque também não nos dá uma parte d'Ele. Com respeito ao Seu Santo Espírito, está escrito: "...porque Deus não dá o Espírito por medida. (João 3.34).

Com respeito às Suas bênçãos, o Senhor Jesus prometeu, dizendo: "Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito." (João 15.7).

Se Deus não mede sacrifícios para dar-nos tudo o que é e tem, é justo que também exija de nós darmos a Ele tudo o que somos ou temos!

b) Os compromissos que envolvem uma aliança

Certamente, quando uma aliança é realizada com a participação do ser humano, jamais pode ser feita envolvendo apenas palavras, porque assim como as palavras são fáceis de ser pronunciadas também são fáceis de não ser cumpridas. É próprio da Humanidade faltar com a palavra, especialmente se as circunstâncias lhe são desfavoráveis. E Deus, que conhece bem o caráter do ser humano, não poderia firmar um pacto com ele confiando apenas na sua afirmativa.

Na sociedade hebraica primitiva, a palavra falada adquiria um caráter solene, tornando-se uma realidade concreta. A palavra, uma vez pronunciada, não podia ser anulada ou desmentida. Foi aí que o Senhor instituiu regras para garantir um pacto com o homem, além da Sua própria Palavra. Ele mesmo quis que a aliança fosse num nível em que o homem também pudesse cumprir a sua parte.

O pacto com Deus ou a aliança de amor é feita nos moldes de um casamento, não como nos casamentos programados para o divórcio, como tem sido de praxe neste mundo, mas no casamento do tipo de Abrão e Sara, onde a fidelidade prevaleceu até a morte.

No casamento, há compromissos de parte a parte; cada uma tem as suas próprias responsabilidades que, unidas pelos laços do verdadeiro amor, conduzem à unidade indivisível de pensamentos e coordenação de atitudes.

Os compromissos de cada um sempre têm que ter sincronia com o outro, e ainda que os sacrifícios de cada um sejam demasiadamente grandes, a força da aliança os leva sempre a pensar nos objetivos

comuns que são ainda muito mais importantes. Ora, não é assim com aqueles que planejam se casar?

Não importam as dificuldades que os noivos terão que enfrentar, porque a força do amor entre eles é capaz de superar quaisquer obstáculos; pelo menos é assim que os noivos costumam pensar. Quer dizer: a energia do amor os conduz à sociedade indivisível que é o casamento. E o casamento nada mais é que a união de duas metades que se transformam num todo, como está escrito: "...Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne..." (Mateus 19.5,6).

Da mesma forma acontece na aliança entre Deus e o homem: cada um é uma parte que, através da união pela sociedade, forma um todo capaz de proceder ao desenvolvimento do Reino de Deus neste mundo.

As regras estabelecidas por Deus para a construção do Seu Reino exigem a cooperação do ser humano. Ele não pode implantar o Seu Reino aqui na Terra sem a participação da Sua criatura; Ele precisa de nós para isso! Se Deus teve que vir ao mundo em forma humana para salvar-nos, devemos concluir que a construção da nova terra de que fala João, em Apocalipse 21, tem o seu início aqui a partir da aliança entre o Criador e a criatura.

"No princípio criou Deus os céus e a terra", e como tudo o que Ele cria tem a Sua chancela de perfeição, tanto os Céus como a Terra eram perfeitos. Todavia, depois desta criação primorosa de Deus, veio-lhe o grande desgosto, porque houve nos Céus uma revolta por parte do chefe de todos os anjos, arcanjos, querubins e serafins, que Deus havia criado também.

O profeta Ezequiel conta como foi esta rebelião, dizendo:

"Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, levanta uma lamentação contra o rei de Tiro e dize-lhe: Assim diz o Senhor Deus: Tu és o sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura.

Estavas no Éden, jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobrias: o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo e a esmeralda; de ouro se te fizeram os engastes e os ornamentos; no dia em que foste criado, foram eles preparados."

Ezequiel 28.11-13

Até aqui o profeta conta como foi a glória de Lúcifer quando foi criado. Em seguida, o profeta continua narrando a respeito da sua autoridade e condição diante de Deus:

"Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniqüidade em ti.

Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim da guarda, em meio ao brilho das pedras. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria

por causa do teu resplendor; lancei-te por terra, diante dos reis te pus, para que te contemplem.

Pela multidão das tuas iniqüidades, pela injustiça do teu comércio, profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu, e te reduzi a cinzas sobre a terra, aos olhos de todos os que te contemplam. Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; vens a ser objeto de espanto e jamais subsistirás."

Ezequiel 28.14-19

Por causa dessa rebelião no Céu, Deus foi obrigado a expulsar o líder dela, assim como todos os seus seguidores. Foi quando o Céu voltou a ser como era antes: perfeito. No entanto, a Terra é que sofreu com a presença dos rebeldes, e aconteceu justamente o que está escrito no segundo verso da Bíblia: "A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo..." (Gênesis 1.2).

Lúcifer veio a ser Satanás, e os anjos que o seguiram vieram a ser os demônios. Sobre os anjos que se transformaram em demônios, há os que crêem que eles eram a terça parte do Céu, tendo em vista o que está escrito: "A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra..." (Apocalipse 12.4).

Mas isso é apenas mais uma interpretação do Livro de Apocalipse. O fato de os demônios serem mais, menos ou a terça parte, não importa. O importante é que, seja qual for a quantidade deles, estão sendo capazes de fazer um estrago considerável na vida da Humanidade, e só há um meio de detê-los: pregando o Evangelho de poder do Senhor Jesus Cristo.

A partir de uma Terra sem forma e vazia, o Senhor Deus planejou construir o Seu Reino com a ajuda da Sua criatura. Ele tentou realizar isso fazendo aliança com o primeiro homem, Adão. Mas este falhou... Ele tentou com outros homens, porém, falharam também. Finalmente, Deus enviou o Seu próprio Filho para o sacrifício, a fim de que todo aquele que tomasse esse sacrifício como definitivo e aceitasse a Sua Palavra, fazendo dela uma norma de vida, estaria automaticamente em aliança perpétua com Deus para a construção do Seu Reino na Terra.

c) O sacrifício

O sacrifício é um fenômeno universal e não se conhece uma religião que não tenha um rito sacrifical. É a mais alta expressão de fé e significa a renúncia voluntária de alguma coisa de menor importância em troca de algo muito mais importante. Significa dar importância a um objetivo desejado; significa perder um pouco agora para recuperar muito mais depois. E quando se sacrifica alguma coisa é porque já se sabe, antecipadamente, com a mais absoluta certeza, do alcance de algo de extremo valor.

Além disso, o sacrifício caracteriza a firmeza absoluta de caráter daquele que o pratica. Não há outro jeito ou outro caminho que nos
possibilite uma grande realização, se não for através do sacrifício, pois ele é a menor distância entre o querer e o realizar. É realmente o preço de uma grande conquista! Todo e qualquer sacrifício tem dois aspectos principais: o aspecto espiritual e o aspecto físico.

1) Aspecto espiritual:

O aspecto espiritual diz respeito à fé: "...a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem." (Hebreus 11.1).

Não se realiza nenhum tipo de sacrifício sem que a fé esteja presente. Ela é a base fundamental, o alicerce do próprio sacrifício. Não existe uma lógica ou razão para explicá-lo, já que este depende do grau de convicção de cada um.

Entretanto, uma coisa é certa: a extensão de fé de cada um é medida justamente pelo aspecto físico, isto é, o tamanho e a qualidade do sacrifício vão definir o grau de fé de cada um.

2) Aspecto físico:

O aspecto físico diz respeito ao elemento que é sacrificado. Existem dois tipos de sacrifício a serem oferecidos: o sacrifício do reino vegetal e o do reino animal.

O do reino vegetal, isto é, o sacrifício sem sangue, simboliza uma simples oferta. É aquela oferta que não faz diferença para quem a dá. É como aquela oferta que os homens ricos depositaram no gazofilácio (Marcos 12.41-44).

Com esse fato, o Senhor Jesus deu um ensinamento inédito e espetacular, pois mostrou que a grande quantidade nem sempre é a melhor. A oferta de todos aqueles homens ricos, embora fosse grande, era uma oferta do reino vegetal, isto é, sem sangue, sem vida...

Já a oferta da viúva pobre era como um sacrifício do reino animal, com sangue e com vida; porque ela deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento. Isso é sacrifício com sangue, e teve imediatamente o louvor do Senhor Jesus.

Na verdade, onde quer que o Evangelho for pregado e enquanto for pregado, os que o ouvirem saberão da oferta da viúva pobre. O sacrifício com sangue simboliza a oferta de consagração. E essa oferta é justamente aquela que jamais poderia ser dada, porque já tinha um destino certo, como, por exemplo, o pagamento de um aluguel ou de uma prestação qualquer, o dinheiro que a pessoa estava juntando para a compra de uma casa ou apartamento, etc.

Ninguém pode nem deve obrigar quem quer que seja a fazer um sacrifício, porque este tem de ser absolutamente espontâneo, partindo da própria pessoa que deseja fazê-lo, pois depende exclusivamente de sua fé, e fé é algo totalmente individual, ninguém pode impô-la.

Se, por acaso, alguém for obrigado por outrem a fazer um sacrifício, este não terá valor diante de Deus, porque Ele jamais nos obriga a qualquer coisa.

Vejamos, por exemplo, a atitude da viúva pobre: o Senhor Jesus sabia que ela estava dando todo o seu sustento, mas ainda assim não a impediu de fazê-lo. E por quê? Porque era a sua expressão de fé, e Ele não poderia jamais impedi-la de fazer o que o seu coração estava ordenando. Se ela estava dando o seu tudo, é porque, certamente, tinha fé de que o Senhor iria lhe devolver multiplicado! E o Senhor Jesus não poderia impedi-la de conquistar essa bênção !

A viúva revelou a Deus a sua grande fé, porque se ela não tivesse a certeza de que Aquele a quem estava dando o seu tudo era suficientemente poderoso para suprir todas as suas necessidades, não teria dado nada. Muito pelo contrário, teria pedido!

De fato, o sacrifício é algo duro, penoso e muito difícil, pois exige abnegação total e, ao mesmo tempo, absoluta certeza de sucesso. É lógico, porque ninguém se lança a um sacrifício sem que tenha visão e fé naquilo que ele vai conquistar. O sacrifício que funciona exige sangue porque dói.

O sacrifício de sangue é o mais expressivo e muito mais importante porque simboliza o sacrifício do próprio Filho de Deus. Quando alguém manifesta a sua fé em Deus através de um sacrifício de sangue, ou seja, de vida, é porque a sua oferta é viva e a sua fé também. O sangue representa vida; por isso, Deus teve de sacrificar o Seu Filho Jesus. O fato de Deus enviá-Lo para o sacrifício mostrou a Sua total disposição de salvar a Humanidade.

Por que Deus não ofereceu, por exemplo, o corpo morto de um dos seus profetas, sacerdotes, patriarcas ou reis? Por que Ele nunca aceitou a oferta de um animal já morto, e sempre exigiu que o animal fosse perfeito? Simplesmente, porque nos exemplos descritos acima, nem no homem e nem no animal corria sangue. “Porque a vida da carne está no sangue...” e “Portanto, a vida de toda carne é o seu sangue;” (Levítico 17.11,14).

Agora podemos compreender o motivo de Deus exigir naquele contexto o sacrifício de animais para o perdão de pecados, porque o pecado leva à morte. Porém, a vida do pecador é resgatada por outra vida, sacrificada em seu lugar. Assim é com relação aos homens, que têm as suas vidas resgatadas ou salvas da morte por causa de Um substituto, que morreu por eles. O sacrifício de sangue é o preço pago por algo que realmente vale a pena.

Tudo na vida tem o seu preço ou o seu valor, e ninguém consegue adquirir coisa alguma sem que pague o seu preço. Como já vimos, o preço da nossa salvação custou a vida do Senhor Jesus, mas isto não significa que estejamos definitivamente salvos, absolutamente não!

O Senhor Jesus nos salvou através do Seu próprio sacrifício. Todavia, para que possamos conservar ou manter essa salvação, temos de pagar o nosso próprio preço. Ele mesmo disse isso, em outras palavras, quando afirmou: “...quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim.” (Mateus 10.38).

Tomar a cruz e ir após Ele é, nada mais, nada menos, que conservar a salvação, pagando a cada dia o preço da renúncia da sua própria carne ou vontade.

No que diz respeito a outras bênçãos, quer espirituais, como o batismo com o Espírito Santo, quer financeiras, como a conquista de muito sucesso, quer físicas, como a cura de toda e qualquer enfermidade, quer sentimentais, como um ótimo casamento, somente são conseguidas através de uma luta árdua e constante daquele que as deseja de todo o coração.

Essa luta árdua e constante é o preço que cada um precisa pagar para obter a bênção. Não se pode simplesmente fazer uma oração e ficar esperando que as coisas aconteçam. Não! Há que se

empenhar, perseverar, lutar ou mesmo sacrificar-se por aquilo que se deseja conquistar! Veja, se o próprio Deus, que é Soberano e Todo-Poderoso, sacrificou o Seu Único Filho para conquistar a mim e a você, imagine nós, humanos, o que devemos fazer! Não tem jeito!

Quem quiser conquistar alguma coisa, de qualquer natureza, precisa trilhar o caminho do sacrifício! E quanto maior é aquilo que se deseja, maior também será o preço a pagar, maior terá de ser o sacrifício! Infelizmente, a grande maioria das pessoas quer seguir sempre o caminho das águas, isto é, escolher o caminho mais fácil para a conquista. Outras, no entanto, são avarentas e se preocupam mais com o preço a pagar que com o objetivo a conquistar.

Para esse tipo de pessoa, a Bíblia afirma: "Quem somente observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará." (Eclesiastes 11.4). Aqueles que vivem a observar o custo do sacrifício jamais obterão qualquer sucesso na vida, porque sempre lhes faltará coragem para sacrificar.

Uma grande conquista exige um alto preço, e, portanto, um grande sacrifício! Aquele que procura avaliar o preço de um sacrifício não está apto para sacrificar e, conseqüentemente, para conquistar! Num sacrifício não se pechincha o preço, porque este não é nada em relação ao que vai se conquistar.

O caráter de um sacrifício é assim: ou a pessoa se lança nele com garra e coragem, de corpo, alma e espírito, ou, então, não deve tentar fazê-lo de forma incompleta. Ou sacrifica direito ou então não sacrifica!

O sacrifício é como a mercadoria de uma loja: para você adquiri-la, precisa pagar o seu valor. Isso é uma espécie de sacrifício, porque você tem que desembolsar uma importância em troca daquela mercadoria. Uma vez paga, você passa a ser dono dela, e ninguém poderá tirá-la de suas mãos.

Agora, o que você nunca poderá fazer é pagar mais ou menos por aquela mercadoria; do contrário, o dono da loja também lhe venderia aquele objeto mais ou menos. E aí como é que fica? É possível pagar mais ou menos por alguma coisa e levar em troca mais ou menos dela? Claro que não! Assim também é o sacrifício. Ninguém poderá fazê-lo mais ou menos. Ou faz ou não faz!

O único inconveniente de um sacrifício é o fato de que ele nem sempre traz a resposta tão imediata quanto a mercadoria que se compra numa loja; às vezes, demora algum tempo. Mas o tempo não faz diferença para os que sabem sacrificar, pois até o tempo determinado da vitória é um sacrifício e o importante é a certeza da resposta, porque quem sabe sacrificar também sabe esperar!

Não existe vitória sem sacrifício. E para que haja o sacrifício verdadeiro deve haver sangue; não o sangue no sentido literal, que corre nas veias, mas o sangue da dor, o sangue da renúncia, o sangue da humilhação, o sangue da solidão, o sangue da perda de alguma coisa muito querida; enfim, o sangue do pagamento daquilo que nós queremos adquirir.

Temos verificado que o povo que tem crido no Evangelho do Senhor Jesus nem sempre alcança as respostas às suas orações como a Palavra de Deus promete. Quantas vezes a pessoa pede a Deus uma coisa, crê que já foi atendida, mas o tempo acaba por lhe apagar a fé...

Naturalmente, o erro não está na Palavra de Deus e nem com Ele, mas no caminho usado, que nem sempre é o conveniente. A verdade é que, quando a pessoa está num ambiente de fé, como acontece normalmente dentro da igreja, onde o Espírito Santo tem liberdade de agir nos corações, a sua fé é avivada ou despertada para conquistar qualquer coisa que a sua alma deseja. Porém, quando ela deixa aquele lugar, os espíritos demoníacos entram logo em ação no sentido de roubar a sua fé, trazendo pensamentos de dúvida com respeito ao pastor, à igreja, etc.

Mas, quando a pessoa oferece o seu real sacrifício no altar de Deus, torna-o um sacrifício vivo, que mantém uma intercessão contínua diante de Deus em favor de quem o ofereceu. Sendo assim, a fé que moveu a pessoa a sacrificar algo em favor de um desejo jamais vai se perder ou ficar débil até a posse total do seu pedido.

A maior dificuldade para uma pessoa conquistar a sua vitória está nela mesma: quando se julga incapaz. E, ainda que não confesse essa fraqueza positivamente, a partir do instante em que se julga incapaz, passa a ser incapaz. É por essa razão que o Senhor dá este conselho: "...diga o fraco: Eu sou forte!" (Joel 3.10). E o apóstolo Paulo disse: "tudo posso naquele que me fortalece." (Filipenses 4.13).

Só o sacrifício garante o resultado: a vitória. O querer é o que aciona o sacrifício para a conquista. É o querer que precede o sacrifício. E o sacrifício, por sua vez, traz a resposta.

O diabo sabe que, quando o ser humano realmente quer alguma coisa, ele vai tentar conseguir de qualquer maneira, custe o que custar. Por isso ele entra em ação, sugerindo na mente do homem o desestímulo através das dúvidas. E é justamente aí que o ser humano se torna fraco e incapaz de conquistar as suas vitórias. Porém, quando o homem toma conhecimento de que tudo pode porque tem um Aliado, então tudo se torna possível para ele!

O trabalho de evangelização dos povos tem exatamente esta finalidade: fazê-los tomar posse dos pensamentos de Deus que trazem fé; e esta fé nada mais é que a força do Criador. Ora, havendo essa força dentro de cada ser humano, não haverá diabo e nem inferno inteiro capaz de impedir o ser humano de ser um eterno conquistador, para a glória do seu Sócio e Aliado: o Senhor Jesus Cristo!

O sacrifício realmente garante o sucesso. Porém, até a pessoa chegar ao ponto de fazer o seu verdadeiro sacrifício, é necessário vencer a barreira das dúvidas a respeito da sua própria força. Não basta simplesmente querer, no sentido de desejo ou sonho. É preciso querer com determinação, com fé e com poder! A pessoa precisa querer com a certeza de que também pode alcançar da mesma maneira que os outros alcançaram!

Somente o querer justifica o sacrifício. O querer determina a fé da pessoa, e esta, por sua vez, toma atitudes que demonstram o quanto ela realmente quer. E quando se quer algo de fato e de verdade, há uma força que brota do íntimo do coração que a empurra para o sacrifício. É como alguém que está se afogando: a falta de ar, o desejo ardente pelo oxigênio fazem com que lute com todas as suas forças para poder viver. Quer dizer: o desespero de querer respirar faz a pessoa lutar, e esta luta é o preço que tem de pagar para ser salva.

Um outro fator muito importante, tanto no querer como no sacrifício, é a individualidade. Você pode

querer algo para alguém e até sacrificar para este alguém, mas isso somente funcionará se a pessoa estiver sem condições para fazê-lo por si mesmo.

É o caso de uma criança, de um ente querido ou uma pessoa qualquer que está possessa e, portanto, incapaz de discernir entre o bem e o mal.
O querer e o sacrifício terão de ser dobrados. A pessoa disposta a fazer isso deve estar consciente de que o seu esforço será muito maior que se estivesse fazendo apenas por si mesma, tendo em vista que ela também o fará pela outra pessoa.

É óbvio que neste caso é muito mais difícil; porém, não impossível. A pessoa que se predispõe a isso precisa estar absolutamente preparada; do contrário, nem ela nem o ente querido vão conseguir alcançar o objetivo. E Deus certamente vai honrar a sua fé.

Uma mãe, por exemplo, pode querer o filho liberto dos tóxicos, mas se não estiver totalmente liberta da opressão deste mundo e vivendo em perfeita aliança com Deus, todos os seus esforços serão inúteis. É preciso que esteja salva para que possa salvar o seu filho. Novamente, nós temos o caso da pessoa que está morrendo afogada: enquanto ela não se salvar, não pode tentar ajudar a quem quer que seja. E, infelizmente, é isso o que mais tem acontecido dentro da Igreja do Senhor Jesus: as pessoas ainda não estão salvas e, mesmo assim, estão querendo salvar as outras.

Há certas coisas na vida que são absolutamente individuais e ninguém pode tentar fazê-las pelo outro. Por exemplo: beber, comer, dormir, casar, etc. Ninguém pode beber, comer, dormir ou casar por outra pessoa. São atitudes exclusivamente individuais. A fé e a confiança em Deus são também pessoais. Desse modo, ainda que a mãe faça um sacrifício pelo seu filho, mesmo
assim, vai chegar a hora em que seu querido filho terá de tomar uma decisão e agir em função dela, isto é, fazer o seu próprio sacrifício.

d) Caim x Abel

Caim e Abel foram os primeiros frutos do amor de Adão e Eva, e também foram os primeiros a fazer ofertas a Deus. Caim era lavrador e Abel, pastor de ovelhas, como nos relata a Bíblia:

“Aconteceu que no fim de uns tempos trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao Senhor. Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste. Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou...”

Gênesis 4.3-5

A pergunta é: Por que Deus Se agradou da oferta de um e não Se agradou da do outro, se ambas eram espontâneas? Teria Deus sido injusto com Caim?

Bem, o fato é que embora as duas ofertas fossem espontâneas, representavam também dois corações diferentes, e, por conseguinte, dois tipos de oferta: uma, a oferta do reino vegetal – aquela que não faz diferença na lavoura, não machuca nem sacrifica a mãe. Pelo contrário, quanto mais se colhe, mais se reproduz. É o fruto da terra.

O outro tipo de oferta é do reino animal e totalmente oposto à do reino vegetal, tendo em vista que há sofrimento sacrifical, há dor, há separação na família do animal sacrificado, enfim, há um derramamento de sangue, sem o qual não pode haver perdão de pecados, pois como está escrito: "...e, sem derramamento de sangue, não há remissão." (Hebreus 9.22), "Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas." (Apocalipse 22.14).

Isso significa dizer que o sacrifício que não requer sangue também não tem o direito de alcançar a vida eterna. Por isso mesmo, fez-se necessária a morte do Senhor Jesus Cristo com derramamento de sangue. Ele jamais poderia ser sacrificado por enforcamento; se assim fosse, então, Ele não poderia servir como o Salvador da Humanidade. Por esta razão, a oferta de Abel foi mais agradável aos olhos do Senhor Deus, porque havia o elemento sangue.

Por outro lado, havia algo de errado com o coração de Caim, porque o Senhor não recusou apenas sua oferta, mas não se agradou também dele próprio. E aí se conclui que, de um coração bom procedem boas ofertas, e, quando o coração não está bem, a oferta também não é boa.

Em outras palavras: a oferta mostra para Deus o coração do ofertante; se a oferta é a melhor que a pessoa pode dar, neste caso o seu coração é bom. Porém, se a oferta é qualquer coisa que a pessoa dá, então é porque o seu coração não considera Aquele ao qual é ofertado!

O próprio Senhor Jesus fez referência a isso quando ensinou:
"Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore. Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração. O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más."

Mateus 12.33-35

A oferta de uma pessoa sempre expressa o seu caráter, o seu espírito, a sua alma; enfim, o seu coração! A oferta de Caim mostrou o seu caráter mau, por isso Deus não Se agradou nem dele e nem da sua oferta, a ponto de declará-lo maldito sobre a terra, quando lhe perguntou o que sucedera a Abel: "...Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim." (Gênesis 4.10). O sacrifício de sangue tem vida e, por isso, a sua voz é ouvida diante de Deus.

e) O sangue

O sangue é o elemento fundamental numa aliança com Deus. No homem, representa a própria vida, assim como o coração, que bombeia o sangue para todo o corpo, representa a alma. Num pacto com Deus, era preciso haver um sacrifício com derramamento de sangue, pois o animal sacrificado é o substituto daquele que o oferece.

Sob a Antiga Aliança, os pecados de uma pessoa somente poderiam ser perdoados mediante a apresentação a Deus, por ela, através do sacerdote, de um animal para ser sacrificado em seu lugar. O animal era escolhido de acordo com o tipo de pecado cometido.

Ora, sob a Nova Aliança, Deus ofereceu o Seu próprio Filho em sacrifício por todos aqueles que O aceitam como seu substituto. A partir do momento em que a pessoa aceita o sacrifício do Senhor Jesus como o pagamento do seu pecado, fica livre do jugo do diabo, e passa a viver em comunhão estreita com Deus, numa aliança eterna.

Na dispensação da Antiga Aliança, o sangue era o elemento básico para um pacto entre duas pessoas e, de tão importante que era, Deus proibiu terminantemente comê-lo:

"Qualquer homem da casa de Israel ou dos estrangeiros que peregrinam entre vós que comer algum sangue, contra ele me voltarei e o eliminarei do seu povo. Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida.

Portanto, tenho dito aos filhos de Israel: nenhuma alma de entre vós comerá sangue, nem o estrangeiro que peregrina entre vós o comerá. Qualquer homem dos filhos de Israel ou dos estrangeiros que peregrinam entre vós que caçar animal ou ave que se come derramará o seu sangue e o cobrirá com pó. Portanto, a vida de toda carne é o seu sangue; por isso, tenho dito aos filhos de Israel: não comereis o sangue de nenhuma carne, porque a vida de toda carne é o seu sangue; qualquer que o comer será eliminado."

Levítico 17.10-14

Também na dispensação da Nova Aliança, o Espírito Santo deu as seguintes instruções à Igreja primitiva: "que vos abstenhais das coisas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas..." (Atos 15.29).

De todas as leis e mandamentos, com respeito aos sacrifícios durante a Antiga Aliança, restou apenas a proibição de comer coisas sacrificadas a entidades cultuadas em religiões pagãs. O sangue da Igreja do Senhor Jesus Cristo são as ofertas de sacrifício dadas espontaneamente pelo povo de Deus, porque cada importância oferecida com sacrifício de amor representa parte da vida do ofertante nas mãos de Deus. E a oferta não é necessariamente uma grande soma de dinheiro, porque o sacrifício não é medido pelo valor, mas pela qualidade da oferta.

O melhor exemplo disso foi a oferta da viúva pobre, e vale a pena analisar com mais profundidade o caso dela, mesmo que já tenhamos comentado algo a respeito. Diz a Bíblia:

"Assentado diante do gazofilácio, observava Jesus como o povo lançava ali o dinheiro. Ora, muitos ricos depositavam grandes quantias. Vindo, porém, uma viúva pobre, depositou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante.

E, chamando os seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta viúva pobre depositou no gazofilácio mais do que o fizeram todos os ofertantes. Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento."

Marcos 12.41-44

Em suma, a partir do exposto nos versículos acima, podemos listar alguns conceitos sobre as ofertas de sacrifício que devem ser dadas pelo povo de Deus:

1) Deus observa como o povo lança a oferta sobre a Sua Obra, ou seja, sobre a Sua Igreja, pois esta instituição representa Deus na Terra, e a consideração do povo para com a Igreja do Senhor é a mesma para com o Seu fundador: Jesus. O respeito, o cuidado e o zelo pela Casa de Deus fazem parte do culto racional que apresentamos a Deus continuamente, pois como está escrito: " ...o zelo da tua casa me consumiu..." (Salmos 69.9).

2) Quem realmente quer agradar a Deus não procura mostrar-se para os demais. Pelo contrário, quando a oferta é dada para a glória de Deus, ninguém deve tomar conhecimento disto, senão o próprio Espírito Santo. E o que procura ser glorificado pelos homens será humilhado por Deus, mas aquele que busca a glória de Deus, ainda que seja humilhado pelos homens, será exaltado pelo próprio Deus. E como está escrito que Deus humilha os exaltados e exalta os humilhados, a viúva teve o seu louvor vindo da parte do Senhor Jesus, ao passo que os ricos que deram muito foram censurados por Ele.

3) Deus nunca observa o que a pessoa traz nas mãos, mas o que fica no seu bolso. Foi o que aconteceu quando o Senhor Jesus censurou os ricos diante dos Seus discípulos. Quando alguém traz a sua oferta diante de Deus, pode estar certo de que aquela oferta está sendo colocada na balança com o que ficou no bolso. Se o restante está reservado para saldar algum compromisso, a oferta que está sendo trazida diante de Deus tornar-se-á realmente a melhor; mas, se aquele restante for maior e não há compromisso a saldar, então a oferta não é a melhor para Deus. É claro que há os que, movidos por uma grande convicção de fé, sacrificam até a importância já comprometida, mas isso fazem por uma questão pessoal de fé, porque têm a mais absoluta certeza de que na hora de saldar o compromisso o Senhor há de suprir a sua necessidade de maneira que venha a sobrar.

4) O Senhor Jesus pôde avaliar o coração dos ricos e o coração da viúva pobre pelas ofertas que deram. Na verdade, Deus não precisa de nenhum centavo nosso, porque Ele foi, é, e sempre será o dono de tudo o que existe, tanto nos Céus como na Terra. A oferta é apenas uma expressão de amor que o ser humano apresenta diante d'Ele, pois é impossível amar sem dar alguma coisa, sem oferecer algo que, de fato, confirme esse amor. Amar é dar!

Ora, não é assim que tem acontecido com os que se amam? Através do casamento há uma entrega simultânea de um ao outro, expressando o amor. Assim também é a oferta a Deus; ela expressa, de uma forma concreta, o sentimento que o ofertante tem dentro do seu coração.

Mas é muito importante que se verifique a grande diferença entre a oferta, os dízimos e o sacrifício. São totalmente diferentes, e cada um expressa um sentimento diante de Deus. A oferta expressa o amor por Deus; os dízimos significam a fidelidade a Deus e, finalmente, os sacrifícios representam a vida do sacrificante em função de algo que deseja.

f) Aliança à moda antiga

Qualquer que seja o tipo de aliança que alguém venha a fazer com outrem, é necessário um sacrifício, muito embora isto não signifique ter

de matar um animal para marcar a aliança. Nos tempos bíblicos isso era uma regra, porque era um outro contexto.

O casamento, que é uma aliança de amor, exige sacrifícios de parte a parte. Tanto o noivo quanto a noiva são obrigados a sacrificar a liberdade da vida de solteiro para sujeitar-se a uma vida comum cheia de obrigações. Além disso, há, ou pelo menos deveria haver, na lua-de-mel, um derramamento natural de sangue por parte da noiva, pela perda da sua virgindade, selando assim a aliança entre os dois.

Durante a dispensação da Antiga Aliança, o sacrifício de animais era obrigatório numa cerimônia de aliança, quer esta fosse de respeito mútuo, quer fosse de amor, porque o sacrifício do animal era um sinal permanente do pacto entre as partes. Naquela época, uma aliança exercia a função de contrato escrito, e as partes contratantes vinculavam-se por meio de um acordo ritual, que continha terríveis ameaças contra a parte que, porventura, o violasse.

Assim se procedia no ritual: o animal do sacrifício era morto e dividido verticalmente em duas partes. Em seguida, uma banda do animal era colocada em frente à outra, de forma que ficava uma perna e uma pata de um lado e a outra perna e pata do outro, formando assim um caminho entre aquelas partes. Essas duas metades do animal representavam as pessoas que estavam entrando em aliança.

A partir daí, as pessoas que iniciavam a aliança passavam pelo caminho entre as partes do animal sacrificado, querendo dizer que, se por acaso uma delas não cumprisse a sua parte naquele pacto, ou quebrasse os termos da aliança, a outra teria o direito de fazer com ela o mesmo que foi feito com aquele animal.

Por essa razão, o ritual de uma aliança era seguido de grande festa com um número expressivo de testemunhas. Essa é a origem da festa de casamento com testemunhas. O sal, como símbolo de fidelidade pelo fato de ser conservador, era usado nas ocasiões e aplicado nos sacrifícios, por isso existe a expressão “aliança de sal” (Números 18.19). Esse costume durou por longo período de tempo.

Um exemplo da cerimônia de uma aliança podemos ler no livro de Jeremias, quando Deus disse:“Farei aos homens que transgrediram a minha aliança e não cumpriram as palavras da aliança que fizeram perante mim como eles fizeram com o bezerro que dividiram em duas partes, passando eles pelo meio das duas porções;” (Jeremias 34.18).

Havia também um outro costume por ocasião de uma aliança: era o fato de que após a cerimônia havia a troca de cintos, aos quais se prendiam facas, punhais ou espadas, além de uma bolsa contendo dinheiro ou ouro, chamada saquitel. Um cinto que fosse rico e primorosamente trabalhado era objeto de honra, que algumas vezes era dado como recompensa de mérito. Quando Jônatas, filho do rei Saul, fez aliança com Davi, fez o seguinte:
“Despojou-se Jônatas da capa que vestia e a deu a Davi, como também a armadura, inclusive a espada, o arco e o cinto.” (1 Samuel 18.4).

Essa troca de cintos que normalmente se fazia tinha um sentido. A espada representava a segurança e

defesa da pessoa que a usava e, uma vez presenteada ao aliado, significava dizer que, daquele momento em diante, a segurança do aliado era totalmente de responsabilidade daquele que ofertava a sua espada.

Assim como o dinheiro ou o ouro, que vinha acompanhando o cinto dentro do saquitel, significava que toda a riqueza de um passava a ser do outro também, de maneira que eles passavam a ter tudo em comum, e até a segurança de vida de um dependia do outro, tamanha era a força de uma aliança bíblica no passado.

O caráter da aliança entre os homens do Velho Testamento tem origem na aliança de Deus com Adão e Eva, quando estes pecaram e o Senhor teve de sacrificar um animal para cobri-los daquela nudez. Na verdade, o sacrifício feito em favor deles simbolizava o futuro sacrifício definitivo que o Seu próprio Filho faria em favor de toda a Humanidade.

Então, todos os privilégios de uma aliança comum entre os homens serão multiplicados quando a aliança for feita com Deus. Assim sendo, numa aliança com Deus, tudo o que nos pertence passa a ser d'Ele e tudo o que pertence a Deus passa a ser nosso. Nós não temos armas capazes de defendê-Lo, mas Ele tem o poder para guardar-nos de todo o mal continuamente.

g) O verdadeiro sentido de uma aliança com Deus

Já comentamos a respeito da primeira vez em que Deus mencionou a palavra aliança, ao prometê-la a Noé:

"Contigo, porém, estabelecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos. De tudo o que vive, de toda carne, dois de cada espécie, macho e fêmea, farás entrar na arca, para os conservares vivos contigo."

Gênesis 6.18,19

O plano de Deus não era salvar Noé, sua família e toda espécie de animal, apenas porque eram bonzinhos. Na verdade, Deus tinha um plano para eles, assim como teve um para Adão e Eva, e ainda continua tendo para cada pessoa que se coloca como aliada d'Ele.

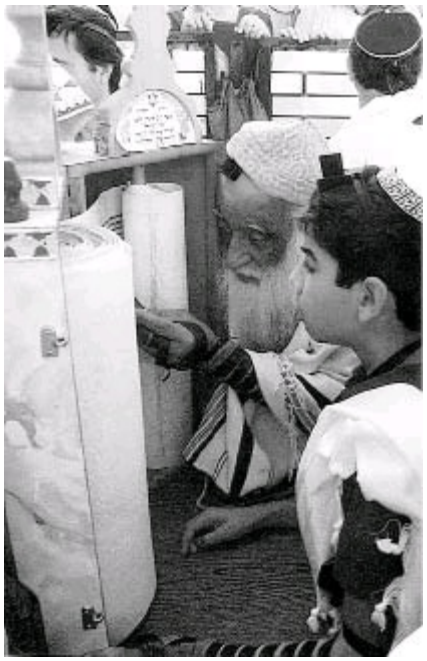
O apóstolo Paulo, na sua carta aos cristãos em Corinto, afirma: "Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós."

(1 Coríntios 3.9). Ora, se nós, cristãos, somos cooperadores de Deus, é de se supor que Ele queira construir algo do qual sejamos participantes. De fato, Deus não quer construir nada sem que haja a participação do homem, já que ao criar o mundo sozinho, o ser humano o destruiu com a rejeição à autoridade d'Ele.

Agora, para que Deus possa reconstruir o mundo, o ser humano tem que fazer a sua parte. É como o pai que construiu uma casa para o filho, mas este com as suas próprias mãos a destruiu. Para que este pai possa construi-la outra vez, certamente vai exigir a participação do filho, a fim de que ele possa sentir na pele o sacrifício do trabalho. O Reino de Deus é como essa casa desmoronada, que está

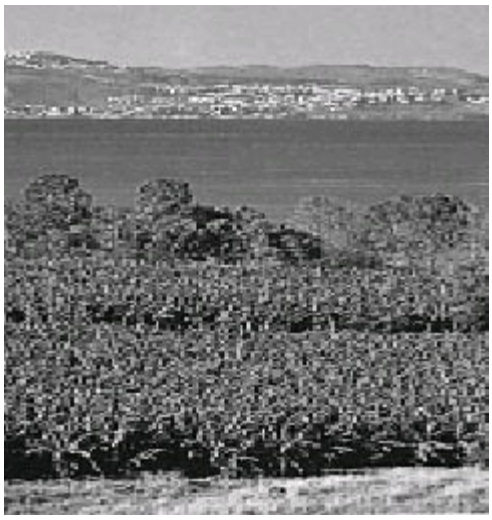
sendo reconstruída para os Seus filhos, mas estes têm de fazer a sua parte ou não terão participação neste Reino.

Deus tem um plano para cada um de nós, mas isto não significa que precisamos ficar esperando que Ele venha realizá-lo por nós. Um plano é um plano, e não uma realização! E, se queremos que este plano se concretize em nossas vidas, não há outro caminho a tomar, senão nos associarmos com Deus através de uma aliança eterna. Se aliados com Deus já não é fácil, imagine sozinhos!



O ancião ensina a Palavra de Deus às crianças

Era costume entre o povo de Israel ensinar a Palavra de Deus às crianças na Casa do Livro



Mar da Galiléia

Mar da Galiléia tem 21km de comprimento
e no máximo 12km de largura. Ele está situado a 210 metros abaixo do nível do mar. Foi nessa região que o Senhor Jesus começou a pregar o Reino de Deus. Aqui Ele passou a maior parte do Seu ministério, quando chamou Pedro e André, além dos irmãos Tiago e João, que estavam em um barco em companhia de seu pai: “Então eles, no mesmo instante,

deixando o barco e seu pai, o seguiram."
(Mateus 4.18-22)



O deserto da Judéia

Aqui, João Batista bradou aos homens: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus."
(Mateus 3.2)

Capítulo 2

Aliança de Deus com Adão

Deus fez duas alianças com Adão: a primeira, antes, e a segunda, depois do pecado. Sobre a primeira aliança, está escrito:

"Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás."

Gênesis 2.15-17

Neste trato com Adão, Deus exigiu a obediência à Sua Palavra. É importante dizer que Deus nunca exigiu algo que não pudéssemos cumprir, e certamente quando exige que Lhe obedeçamos é porque, quando obedecemos, mostramos a nossa posição de servos, e, portanto, respeitadores da Sua Autoridade Suprema. Além do mais, Ele conhece o nosso futuro e sabe muito bem o que é melhor para nós. Por isso, de antemão, aconselha-nos o caminho a seguir através da Sua Palavra.

De fato, quando Deus disse a Adão que ele certamente morreria se comesse do fruto proibido, estava demonstrando que, a partir do momento em que deixamos de obedecer à Palavra de Deus para obedecer à palavra sugestiva do diabo, deixamos de ser servos de Deus para sermos servos do diabo.

Aquele que consegue nos submeter com a sua palavra, passa a ser o nosso senhor! Se nos submetemos à Palavra de Deus, confirmamos que Ele é nosso Senhor, mas se nos submetemos à palavra do diabo, este passa a ser o nosso senhor. Ora, foi justamente isso o que aconteceu com Adão!

Adão tinha a garantia de vida eterna enquanto obedecesse à voz de Deus; perdeu-a quando obedeceu à do diabo. A obediência a Deus traz bênçãos e vida eterna, mas a desobediência traz maldição e morte eterna. O fruto da obediência ao Senhor é a paz com Ele eternamente.

a) A primeira aliança

Nesta primeira aliança, não houve sacrifícios de animais porque ainda não havia acontecido o pecado; a aliança com Adão firmou-se apenas dentro da promessa de Deus. Todavia, já na segunda aliança, Deus teve de sacrificar um animal para, com a sua pele, cobrir a nudez ou o pecado de Adão e Eva.

A segunda aliança de Deus com Adão aconteceu depois do seu pecado, quando o Senhor foi obrigado a sacrificar um substituto de Adão e Eva e usar o seu sangue como propiciação daquele pecado: "Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu." (Gênesis 3.21). Quer dizer: assim como a pele do animal lhes serviu para cobrir a nudez, também o seu sangue derramado serviu para apagar os pecados do casal.

O animal sacrificado simbolizava o Cordeiro de Deus, o Senhor Jesus Cristo, apontado por João Batista aos seus discípulos. E, da mesma forma como o sangue daquele animal marcou a aliança entre Deus e Adão, também o sangue do Senhor Jesus no Calvário marcou a nova aliança entre Deus e os que crêem no Seu Filho como único Senhor e Salvador.

As conseqüências da desobediência de Adão foram muito mais graves do que se pode imaginar. A porta do inferno foi aberta e soltou o diabo e seus demônios. Estes, imediatamente, tomaram posse da Terra e construíram um império de perversidade, destruição, dor e morte, que até então não tinha lugar neste planeta. A semente da desobediência, da rebeldia e do pecado foi frutificando a partir de Adão e Eva:

"Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei.

Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir.

Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos. O dom, entretanto, não é como no caso em que somente um pecou; porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação; mas a graça transcorre de muitas ofensas, para a justificação.

Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.

Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos."

Romanos 5.12-19

Nesta palavra de Paulo aos cristãos romanos, fica muito claro que muitos se tornarão justos, por causa da obediência do Senhor Jesus. Mas nem se transformarão, porque para haver justificação de alguém é preciso que essa pessoa apresente toda a sua fé no sacrifício do Filho de Deus como seu substituto, como relata a Palavra de Deus: "Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;" (Romanos 5.1).

Assim sendo, as alianças que Deus fez com Adão não serviram para consertar o erro grave que ele tinha cometido, e o Senhor Deus tentou novamente, fazendo aliança com Noé.

Capítulo 3

Aliança de Deus com Noé

A aliança com Noé foi a segunda tentativa de Deus para resgatar o ser humano do império da morte. Ele já havia prometido fixar a Sua aliança com Noé antes do evento do dilúvio, certamente porque foi considerado homem íntegro diante de Deus.

A Bíblia o descreve da seguinte forma: "Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava com Deus." (Gênesis 6.9).

Diante de toda essa qualidade de caráter, ele achou a graça de Deus para ser o privilegiado no seu tempo, entrando em aliança com Deus.

A situação do ser humano diante de Deus mudou completamente após a vinda do Senhor Jesus. O caso de Noé é um exemplo claro, pois ele foi o único em toda a Terra, naquele tempo, habilitado para entrar em aliança com Deus; todos os demais foram destruídos com o evento do dilúvio.

A situação atual é totalmente diferente, pois permite que todo e qualquer ser humano entre em aliança com Deus, não importando o seu passado. Desde que haja um clamor seu a Deus, através da fé no Senhor Jesus, a aliança é automática.

Vejamos como a Bíblia relata a aliança que Deus fez com Noé:

"A terra estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência. Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra.

Então, disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra.

Faze uma arca de tábuas de cipreste; nela farás compartimentos e a calafetarás com betume por dentro e por fora.

Deste modo a farás: de trezentos côvados será o comprimento; de cinqüenta, a largura; e a altura, de trinta. Farás ao seu redor uma abertura de um côvado de altura; a porta da arca colocarás lateralmente; farás pavimentos na arca: um em baixo, um segundo e um terceiro.

Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra perecerá. Contigo, porém, estabelecerei a minha aliança..."

Gênesis 6.11-18

Novamente, Deus resolve fazer uma aliança com o ser humano, mas escolhe um homem justo e íntegro para aliar-se com Ele e assim começar tudo de novo; uma nova geração numa nova Terra. Certamente, ao chamar Noé para um pacto e mostrando a Sua força através do dilúvio, esperava que

aquela família cheia de temor no coração andasse conforme a Sua vontade, reparando o erro de Adão.

Mas tudo isso foi em vão, pois a Terra voltou a ser o que era depois do pecado de Adão, porque a natureza corrupta dos corações manteve-se intacta, e, na realidade, a única maneira de ter um coração limpo é transformar-se por inteiro nas suas atitudes e sentimentos. E isso somente pode acontecer por Obra de Deus, através da Pessoa do Espírito Santo. Ele é o único capaz de transformar a nossa natureza velha, o nosso coração corrupto, em uma natureza divina e um coração cheio de Sua luz. Foi o que o Senhor prometeu fazer aos que dão crédito à Sua Palavra:

"Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne; para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os executem; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus."

Ezequiel 11.19,20

A aliança entre Deus e Noé se consolidou quando a arca de Noé flutuou nas águas do dilúvio por cento e cinqüenta dias antes de pousar no monte Ararat, por ordens do Senhor:

"Saiu, pois, Noé, com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos. E também saíram da arca todos os animais, todos os répteis, todas as aves e tudo o que se move sobre a terra, segundo as suas famílias."

Gênesis 8.18,19

E Noé tomou a primeira providência imediatamente após ter saído da arca:

"Levantou Noé um altar ao Senhor e, tomando de animais limpos e de aves limpas, ofereceu holocaustos sobre o altar. E o Senhor aspirou o suave cheiro e disse consigo mesmo: Não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade; nem tornarei a ferir todo vivente, como fiz. Enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite."

Gênesis 8.20-22

Para que o Senhor pudesse aspirar o cheiro suave e determinar que nunca mais a Terra fosse destruída por causa do homem, foi necessário um sacrifício; mas também para que pudesse haver um sacrifício foi
preciso construir um altar. Esse altar, que Noé ergueu logo após a sua saída da arca, representa hoje cada pessoa que renuncia a si mesma pela causa do Senhor Jesus. Essa renúncia é um dos sacrifícios imprescindíveis para uma aliança eterna com Deus, através do Senhor Jesus Cristo. Ele mesmo disse: "Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora." (João 6.37).

É muitíssimo importante que o leitor observe bem o sacrifício feito pelo homem em função de todos os fatos relacionados com Deus, considerando a simbologia de tal atitude. A queima da gordura dos

animais, produzindo o suave cheiro que sensibilizou o Senhor é como o nosso sincero louvor, especialmente dado aos domingos pela manhã, tocando no coração de Deus, a dizer-Lhe que, embora haja graves falhas de nossa parte, ainda assim, há um profundo amor e consideração com Ele. Apesar de sabermos que não é uma totalidade, pelo menos alguns procuram evidenciar isso através do "...sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome." (Hebreus 13.15).

a) As razões de Noé

Noé gastou cerca de cem anos da sua vida construindo a arca e ao mesmo tempo pregando a justiça de Deus para os homens de sua época. Embora não tenha conseguido salvar nem um só deles, perseverou até
o dia em que o Senhor cumpriu a Sua promessa enviando o dilúvio sobre a Terra. Convém salientar que o Senhor Jesus lembrou isso aos Seus seguidores, dizendo:

"Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem.

Então, dois estarão no campo, um será tomado, e deixado o outro; duas estarão trabalhando num moinho, uma será tomada, e deixada a outra. Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor. Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa."

Mateus 24.37-43

A determinação e a perseverança de Noé mostram as qualidades de homens e mulheres que Deus tem escolhido para manifestar a Sua grandeza. Isso certamente só é possível àqueles que têm disposição e coragem para assumir um caráter determinado, firme e seguro para alcançar coisas grandes para a glória de Deus.

Quando Deus nos abençoa, faz isso para a Sua inteira honra e glória, e foi por isso que escolheu Noé, um homem justo, íntegro e que andava com Deus. Noé realmente era um dos escolhidos: forte o suficiente para não fraquejar diante das ameaças do desânimo; ainda que o mundo inteiro estivesse contra ele, mais importava a sua obediência a Deus que se deixar levar pelo espírito de incredulidade que pairava na sua época. Ele foi muito firme e forte para resistir às palavras de dúvida que ricocheteavam a todo instante nos seus ouvidos; bastante fiel e íntegro para não se deixar envolver com a corrupção moral do gênero humano daquele tempo.

Diante de toda essa grandeza de caráter, Deus não teve outra opção, senão escolhê-lo para ser Seu aliado. E disse o Senhor a Noé:

"Eis que estabeleço a minha aliança convosco, e com a vossa descendência, e com todos os seres viventes que estão convosco (...) Estabeleço a minha aliança convosco: não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra.

Disse Deus: Este é o sinal da minha aliança que faço entre mim e vós e entre todos os seres viventes que estão convosco, para perpétuas gerações:porei nas nuvens o meu arco; será por sinal da aliança entre mim e a terra.

Sucederá que, quando eu trouxer nuvens sobre a terra, e nelas aparecer o arco, então, me lembrarei da minha aliança, firmada entre mim e vós e todos os seres viventes de toda carne; e as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir toda carne.

O arco estará nas nuvens; vê-lo-ei e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres viventes de toda carne que há sobre a terra. Disse Deus a Noé: Este é o sinal da aliança estabelecida entre mim e toda carne sobre a terra."

Gênesis 9.8-17

O sinal da aliança entre Deus e Noé é o tão famoso arco-íris, visto durante vinte e quatro horas por dia, se considerarmos o somatório das vezes em que aparece em qualquer ponto da Terra.

b) As conseqüências da aliança com Noé

Os efeitos de uma aliança com Deus são, sem sombra de dúvida, as bênçãos contínuas para todas as gerações de quem aceitou fazer um pacto com Ele.

Entretanto, o que mais chama a atenção entre todas as bênçãos celestiais que recaem sobre o aliado de Deus é que ele passa a ter a autoridade de Deus aqui na Terra, tanto para abençoar quanto para amaldiçoar em nome de Deus. E foi justamente isso o que aconteceu com os patriarcas, com os profetas, com os apóstolos e com todos os demais homens e mulheres que tinham uma aliança com Deus.

Vejamos, por exemplo, um fato que aconteceu com o próprio Noé, que, tendo bebido vinho em demasia, embriagou-se a ponto de ficar nu dentro da sua tenda. Cam, seu filho mais jovem e pai de Canaã, vendo a sua nudez, tomou logo uma atitude:

"... fê-lo saber, fora, a seus dois irmãos. Então, Sem e Jafé tomaram uma capa, puseram-na sobre os próprios ombros de ambos e, andando de costas, rostos desviados, cobriram a nudez do pai, sem que a vissem.

Despertando Noé do seu vinho, soube o que lhe fizera o filho mais moço e disse: Maldito seja Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos. E ajuntou: Bendito seja o Senhor, Deus de Sem; e Canaã lhe seja servo. Engrandeça Deus a Jafé, e habite ele nas tendas de Sem; e Canaã lhe seja servo."

Gênesis 9.21-27

Embora Noé estivesse errado em embriagar-se e ficar nu na sua tenda, ninguém tinha o direito de revelar a sua nudez, mesmo que este alguém fosse o seu próprio filho. O resultado dessa revelação imprópria levou a geração de Canaã, quarto e último filho de Cam, a ser amaldiçoada.

Noé revoltou-se não porque Cam lhe vira a nudez, mas porque

contara aos seus irmãos, em vez de fazer o mesmo que eles fizeram, isto é, providenciar uma capa para cobrir-lhe a vergonha.

Se observarmos atentamente o desenrolar da história da Humanidade, vamos verificar que os que são de Deus estão sempre procurando ajudar os seus semelhantes com uma capa, enquanto os do diabo procuram não apenas tirar a capa dos seus semelhantes, mas também espalhar a vergonha deles pelo mundo afora.

O Senhor foi o primeiro a cobrir a vergonha de Adão e Eva com o sacrifício de um animal. Ele bem que poderia cobrir aquela nudez com folhas vegetais; porém, queria e quer nos mostrar que, para haver salvação dos que estão nus espiritualmente, é necessário o sacrifício. Aliás, foi isto exatamente o que o Senhor Jesus disse e fez com respeito à salvação eterna: "...eu não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo." (João 12.47).

De fato, Ele não condenou sequer uma pessoa; pelo contrário, por onde quer que fosse, os que O invocavam eram prontamente atendidos, quaisquer que fossem as suas necessidades. Sempre esteve pronto para tornar possível os impossíveis na vida das pessoas.

Creio que esse deve ser o espírito permanente em todos os seguidores d'Ele. Em vez de ficarmos gastando tempo e dinheiro discutindo e censurando os pecados do mundo, antes devemos nos preocupar em gastar esse mesmo tempo, além de todo o dinheiro possível, tentando salvar as pessoas do inferno eterno, porque tudo aqui na Terra é efêmero, como nos mostra a Palavra de Deus: "Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente." (1 João 2.17). Aquele que despreza o amor de Deus, com certeza, abraça o ódio de Satanás.

A maldição que Noé lançou sobre Cam, ou melhor dizendo, sobre o seu filho Canaã, realmente foi cumprida à risca, pois o povo de Israel tomou posse de toda a terra da qual o povo de Canaã era dono, mesmo a despeito de toda a força e valentia deste.

Um outro exemplo de maldição aconteceu por parte do profeta Eliseu:

"Então, subiu dali a Betel; e, indo ele pelo caminho, uns rapazinhos saíram da cidade, e zombavam dele, e diziam-lhe: Sobe, calvo! Sobe, calvo! Virando-se ele para trás, viu-os e os amaldiçoou em nome do Senhor; então, duas ursas saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois deles."

2 Reis 2.23,24

Aconteceu o mesmo com o apóstolo Paulo quando esteve na ilha de Chipre:

"Havendo atravessado toda a ilha até Pafos, encontraram certo judeu, mágico, falso profeta, de nome Barjesus, o qual estava com o procônsul Sérgio Paulo, que era homem inteligente. Este, tendo chamado Barnabé e Saulo, diligenciava para ouvir a palavra de Deus.

Mas opunha-se-lhes Elimas, o mágico (porque assim se interpreta o seu nome), procurando afastar da fé o procônsul. Todavia, Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, fixando nele os

olhos, disse:

Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor?

Pois, agora, eis aí está sobre ti a mão do Senhor, e ficarás cego, não vendo o sol por algum tempo. No mesmo instante, caiu sobre ele névoa
e escuridade, e, andando à roda, procurava quem o guiasse pela mão. Então, o procônsul, vendo o que sucedera, creu, maravilhado com a doutrina do Senhor."

Atos 13.6-12

De outra feita, temos um outro tipo de experiência de Paulo:

"Em Listra, costumava estar assentado certo homem aleijado, paralítico desde o seu nascimento, o qual jamais pudera andar.

Esse homem ouviu falar Paulo, que, fixando nele os olhos e vendo que possuía fé para ser curado, disse-lhe em alta voz: Apruma-te direito sobre os pés! Ele saltou e andava."

Atos 14.8-10

Esses fatos aconteceram com homens que estavam em aliança com Deus; homens que possuíam autoridade de Deus para executar tanto as bênçãos como as maldições. O mesmo poder que um aliado com Deus tem para construir, também tem para destruir. Ai daquele que ousa tocar nos ungidos do Senhor!

O que mais se evidencia como conseqüência de uma aliança com Deus é que o beneficiado recebe permissão divina para manifestar-se no mundo com o poder e a autoridade de Deus. Daí a razão por que o Senhor Jesus disse:

"Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai."

João 14.12

Depois da aliança com Noé, Deus nunca mais destruiu a Terra, ainda que motivos não faltassem. Vieram os descendentes de Noé e encheram a Terra de toda ignomínia, inclusive no caso da Torre de Babel, e também de Sodoma e Gomorra, quando houve destruição local; porém, jamais a Terra teve o mesmo destino, como no caso do dilúvio, porque Deus manteve a Sua palavra na aliança com Noé.

Capítulo 4

Aliança de Deus com Abrão

Abrão, como era inicialmente chamado, nasceu em Ur dos caldeus, no vale do rio Eufrates, perto do Golfo Pérsico, há cerca de quatro mil anos. Ur ficava na terra da Babilônia, e os babilônios, como todos os demais povos sobre a face da Terra, possuíam muitos deuses e deusas, adoravam o fogo, o Sol, a Lua, as estrelas e várias forças da natureza.

Os patrícios de Abrão eram idólatras, assim como seu pai o era, conforme referência em Josué 24.2, que diz: "...Antigamente, vossos pais, Tera, pai de Abraão e de Naor, habitaram dalém do Eufrates e serviram a outros deuses."

Esta foi a trajetória de Abrão antes de o Senhor chamá-lo:

"Tomou Tera a Abrão, seu filho, e a Ló, filho de Harã, filho de seu filho, e a Sarai, sua nora, mulher de seu filho Abrão, e saiu com eles de Ur dos caldeus, para ir à terra de Canaã; foram até Harã, onde ficaram. E, havendo Tera vivido duzentos e cinco anos ao todo, morreu em Harã."

Gênesis 11.31,32

Abrão, que significa "pai exaltado", de fato, na tradição judaica, maometana e cristã, é colocado como a figura de pai na fé, humano e respeitado por onde quer que fosse, devido ao seu relacionamento íntimo com Deus.

Qualquer que sejam o tempo e a circunstância, o ser humano sempre vai conseguir reunir forças para enfrentar as dificuldades da vida quando meditar a respeito do relacionamento entre Deus e Abrão.

É impossível que a fé continue a mesma depois de se tomar conhecimento da vida de um dos maiores vultos da Humanidade, que, mesmo morto aos olhos humanos, continua falando no mais profundo do nosso coração pelo exemplo de fé que manifestou em Deus, desde a sua chamada até o último instante de sua vida, deixando assim a maior de todas as lições: que o justo vive pela fé!

"Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia. Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa;porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador.

Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa. Por isso, também de um, aliás já amortecido, saiu uma posteridade tão numerosa como as estrelas do céu e inumerável como a areia que está na praia do mar.

Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria.

E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar.

Mas, agora, aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade. Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas,a quem se tinha dito: Em Isaque será chamada a tua descendência; porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou."

Hebreus 11.8-19

a) A chamada de Abrão

"Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção!

Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra."

Gênesis 12.1-3

Os primeiros onze capítulos de Gênesis somam cerca de dois mil anos e formam um relato que começa com a criação do mundo até a chamada de Abrão.

A primeira aparição do Senhor a Abrão e a sua chamada devem ter acontecido pela mesma razão da chamada de Noé, ou seja, por ele ter um coração de acordo com o de Deus, que o tornava um homem justo e íntegro.

É provável que Abrão, como um homem muito inteligente, não se conformasse com a estupidez da idolatria tão patente entre os seus contemporâneos e assim se distinguisse das demais pessoas, preferindo ser descrente de tudo à sua volta a ser mais um idólatra infeliz.

A sua capacidade de raciocínio devia fazer com que acreditasse em Alguém superior a todo e qualquer objeto de culto, especialmente àquelas imagens, objetos de adoração, que a sociedade em que vivia havia criado pelas mãos dos artistas para satisfação espiritual destes.

Ainda hoje, Deus continua chamando homens e mulheres para aliarem-se a Ele e abandonar a idolatria em que vivem, mas nem sempre Ele tem sido atendido. Porém, ainda assim continua insistindo, firme na Sua disposição de formar uma raça eleita, sacerdócio real, nação santa, enfim, um povo de propriedade exclusiva d'Ele.

Através desse povo, tem o propósito de manifestar a Sua glória no mundo e estabelecer um reino de justiça e paz, justamente o que Ele tentou fazer por intermédio de Adão e não conseguiu devido à sua rebeldia. Porém, pela obediência do Seu próprio Filho e daqueles que O seguem, isso está sendo possível paulatinamente.

Realmente, o Reino de Deus está sendo construído dentro dos corações daqueles que vão se unindo com Ele através de aliança. Não facilmente, como era de se supor, pelo fato de que a misericórdia de Deus tem-se estendido para todas as pessoas de graça, indistintamente, mas, por causa do egoísmo reinante dentro do ser humano, o trabalho de Deus no homem tem sido duro e difícil.

Além do mais, nem todos estão dispostos a sacrificar a sua própria terra, a parentela e a casa do pai em função da fé na Palavra de Deus.

Aí está a razão principal por que muitos são chamados, mas poucos são escolhidos! Não adianta simplesmente aceitar o perdão oferecido por Deus gratuitamente; é preciso muito mais! É preciso tomar atitudes claras e específicas, que caracterizem o coração dependente da fé em si mesmo e sobretudo em Deus, de forma que a obediência à Palavra de Deus se torne um hábito cotidiano.

Quantas vezes queremos impor condições para seguir o Senhor Jesus, como se estivéssemos fazendo-Lhe um grande favor? Quantas vezes pensamos em negociar com Deus, dizendo-Lhe: "Senhor, se Tu me deres 'isto', então eu Te darei 'aquilo'...?". Na verdade, muitas pessoas pensam em fazer esse tipo de negociação com Deus, tentando imitar a atitude de Jacó diante do Senhor. Mas não podemos tentar imitar Jacó apenas numa atitude isolada; nem a ele nem aos demais heróis da fé do passado. Se queremos imitá-los realmente, temos de imitar todos os passos de fé que deram com Deus, inclusive sacrificando como eles sacrificaram.

Ora, uma coisa deve ficar muito clara: Deus é soberano e eterno, vestido de glória e majestade. Portanto, quem somos nós para ousar negociar ou tentar estabelecer condições para obedecê-Lo? Biblicamente, isso nos é revelado: "Todas as nações são perante ele como coisa que não é nada; ele as considera menos do que nada, como um vácuo." (Isaías 40.17).

Imagine a posição de cada um de nós diante d'Ele! Se quisermos salvar nossas vidas do inferno eterno e preservá-las para a vida eterna com Deus, além da plenitude de vida aqui nesta Terra, temos que nos submeter à Sua Santa Palavra.

Abrão foi um exemplo de fé e obediência a Deus para todos os seres humanos, e todos os que quiserem ser bem-aventurados como ele o foi devem seguir os seus passos, pois esse é o caminho. Para tanto, não podemos ficar presos a absolutamente nada neste mundo, nem mesmo a entes, por mais queridos que possam ser.

A salvação que Deus nos oferece é semelhante àquela em que a pessoa está se afogando no mar bravio; naquele momento de desespero, a pessoa jamais vai pensar nos seus entes queridos. Pelo contrário, todas as suas forças e energias são focalizadas exclusivamente na própria salvação.

Então, qualquer que seja a bóia, a pessoa vai agarrar-se com todas as suas forças para se livrar da morte. E, se por acaso, naquele instante, tentar salvar alguém, certamente vai morrer junto com esse alguém, porque quem está precisando de salvação não pode tentar salvar ninguém, a não ser a si mesmo.

Primeiro, há que se estar absolutamente seguro, livre, são e salvo, para depois tentar socorrer as demais pessoas. Eu tenho visto muitas pessoas, especialmente mães e avós, tentando salvar os seus

filhos ou netos, e, no afã de ajudá-los, estão perdendo as suas próprias forças espirituais e se enfraquecendo cada vez mais. Na verdade, as preocupações com eles fazem-nas debilitadas na fé, tendo em vista que a preocupação é um sintoma de dúvida; e a dúvida é a inimiga número um da fé.

Ora, essas pessoas deveriam primeiramente se fortalecer na fé, buscando e recebendo o batismo com o Espírito Santo, para depois ajudar aqueles que querem ajuda. Agora, vamos procurar entender cada passo da chamada de Deus a Abrão:

1o)"Sai da tua terra"

Esta é a revelação que o Espírito Santo nos dá através de Abrão. Deus não poderia fazer dele uma grande nação, enquanto Abrão se mantivesse preso à sua terra, às suas propriedades, aos seus amigos de infância e, enfim, preso a tudo aquilo que havia desenvolvido. É impossível para Deus realizar alguma coisa em nós enquanto nossas mentes e corações estiverem amarrados às coisas materiais.

A terra de Abrão bloqueava-lhe a visão de uma terra melhor. Era absolutamente necessário que deixasse para trás aquilo que fora construído com e para ele. A sua terra era como a sua tenda; teria que sair dela, a fim de conseguir ver as estrelas do céu.

Além disso, os seus amigos certamente não compreenderiam o fato de Abrão servir a um Único Deus, Espírito de justiça e amor, já que muitos deuses eram de madeira, de pedra ou de metal, criados por eles mesmos, assim como os que ainda existem neste mundo, debochando da inteligência dos que os têm cultuado como se verdadeiros fossem. Certamente os seus amigos tentariam abrir uma bateria de fogo em forma de dúvida contra a sua nova maneira de crer, para que Abrão desistisse de seguir o Deus desconhecido.

2º) "Sai da tua parentela"

Há um ditado popular que diz o seguinte: "parentes são os dentes, e ainda por cima mordem a gente". A parentela que Deus ordenou a Abrão deixar certamente iria lhe causar os mesmos empecilhos e problemas que a sua terra, porque, na verdade, nem sempre os nossos inimigos são os nossos maiores inimigos, pois já são declarados e nos obrigam a ficar em contínua vigilância sobre eles. Mas não é assim com os amigos e especialmente a parentela, porque estes sempre se colocam do nosso lado e nos deixam à vontade. Contudo, se houver uma chance de tirarem proveito para si, ainda que venham a nos prejudicar, eles o farão.

A parentela, a qual se refere a Bíblia, são aqueles parentes mais afastados, tais como cunhados, genros, sogros, sogras, primos, tios, etc., que acompanham o "desenvolvimento da criança" mais de longe. E esse, normalmente, é o tipo de pessoa que, quando não ajunta, espalha.

Muitas vezes, vemos uma cunhada ou cunhado "enchendo" a cabeça do irmão ou da irmã, que logo se volta contra o(a) companheiro(a); assim também é a sogra ou o sogro, com relação ao filho ou filha. De forma que a confusão vai se generalizando de tal maneira, que seria melhor se vivessem bem longe. É claro que isso não pode ser considerado uma regra. Há as exceções, especialmente quando os parentes são verdadeiros seguidores do Senhor Jesus Cristo.

Mas o fato é que Abrão não tinha mesmo ninguém convertido ou com a mesma fé para que pudesse dividir emoções. Apesar disso, Abrão não pôde obedecer cem por cento a Deus com respeito à ordem de deixar a parentela, porque levou o seu sobrinho Ló, quando saiu daquela terra. Com certeza, tinha uma forte razão para não deixá-lo para trás; talvez porque Ló fosse órfão de pai. Então, o sentimento de Abrão falou mais alto e, quando deixou a sua terra, carregou-o consigo, tal qual fez seu pai, Tera.

Deus não o censurou por isso, todavia Abrão teve de pagar um alto preço por ter que carregar aquela "mala" chamada Ló, pois, durante toda a sua jornada pelo deserto, este parente só lhe causou transtornos, até mesmo retardando a sua viagem. Creio que Abrão deve ter-se arrependido amargamente por ter desobedecido ao Senhor e feito uma exceção.

Esse tipo de coisa tem acontecido muito. Quantas vezes somos seriamente prejudicados por termos um sentimento de pesar por alguém a quem ajudamos e que nos causa uma série de aborrecimentos.

Freqüentemente, temos sido enganados pelos nossos próprios sentimentos, ou seja, temos permitido que a compaixão exerça domínio sobre nós, e nossas ações deixam de ser pela fé, que nos dá o discernimento necessário, para se basearem no sentimento de compaixão que, diga-se de passagem, não ajuda absolutamente em nada se não vier acompanhado de uma fé verdadeira. Pelo contrário, só atrapalha, porque a fé que funciona fica inoperante diante do sentimento de pena. O sentimento de compaixão pode trazer resultados positivos, mas em primeiro lugar deve vir a fé verdadeira n'Aquele que devemos obedecer.

Abrão errou ao levar o sobrinho consigo e por ter-se deixado influenciar pelos sentimentos de parentesco. O próprio Senhor Jesus, embora fosse sempre movido por uma grande compaixão pelos necessitados, jamais Se permitiu ser dominado por este sentimento, porque sabia que não poderia ajudar a quem quer que fosse agindo assim. Mesmo sabedor da grande necessidade do povo pela cura divina e libertação, não visitava os doentes querendo confortá-los com Sua presença. Não!

A Bíblia afirma que: "Ao pôr-do-sol, todos os que tinham enfermos de diferentes moléstias lhos traziam; e ele os curava, impondo as mãos sobre cada um. Também de muitos saíam demônios..." (Lucas 4.40,41).

Quer dizer, mesmo movido por grande compaixão, o Senhor Jesus não se deixava dominar por ela, mas por causa dela é que Ele passava pelos necessitados e quando alguém O invocava, então Ele imediatamente respondia.

O parentesco faz aflorar os nossos sentimentos, impedindo a ação da fé. Por exemplo, quando o Senhor Jesus foi ressuscitar a filha de Jairo, Ele mandou todos saírem do quarto onde a menina estava morta, permitindo apenas a presença de seus pais e dos discípulos que O acompanhavam.

Creio que o sentimento de pesar bloqueia a ação da genuína fé, razão pela qual a oração de alguém por um ente muito querido dificilmente surte
o efeito desejável. A fé tem de ser absolutamente pura; não importa o seu tamanho, e não pode ser confundida com quaisquer outros sentimentos.

É por essa razão que o Senhor Deus queria Abrão sem parentela, para que ele pudesse aprender a viver e depender exclusivamente da fé, pois, afinal de contas, ele viria a ser, mais tarde, o pai de uma grande nação e o seu exemplo de fé deveria ser deixado para a sua posteridade. Portanto, se houvesse a interferência de alguma pessoa nesse projeto de Deus para Abrão, certamente iria colocar em risco todo o futuro do Reino de Deus na Terra.

3o) “Sai da casa de teu pai”

O que poderia significar esta ordem de Deus para Abrão? Já vimos que Tera, pai de Abrão, foi quem decidiu sair de Ur com Abrão, Sarai e Ló para Harã; e, com certeza, era ele quem decidia as coisas na sua família, mesmo que os seus filhos já estivessem casados. Ora, Tera deve ter prometido a seu filho Harã, pai de Ló, que tomaria conta do neto, e talvez isso também fizesse com que Abrão prometesse continuar com essa proteção a Ló após a morte de Harã, seu filho.

Então, a conclusão é que os problemas envolvendo apenas um membro da família acabam se agigantando a ponto de envolver toda a família. Certamente, essa era uma forte razão por que Deus havia determinado a Abrão deixar também a casa de seu pai. Ele não podia estar dividido entre ouvir o seu próprio pai, e o Senhor, seu Deus. O plano que o Senhor tinha para ele era muito grande para ser colocado em risco.

Há momentos em nossas vidas em que precisamos tomar uma decisão e fazer uma escolha. No que diz respeito à fé, a coisa tem de ser levada a sério. O Senhor Jesus disse: “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa.” (Mateus 10.34-36).

Ora, isso não significa dizer, necessariamente, que, a partir do momento em que a pessoa se converte ao Senhor Jesus, vai ter todos os seus entes queridos como inimigos. Porém, ela pode estar certa de uma coisa: a partir do instante em que ela tem o encontro com Deus, o diabo vai entrar em ação e tentar colocar as pessoas que ela mais ama contra a sua fé cristã.

Ela pode esperar, com certeza, toda a sua família se voltando contra a sua crença; chamando-a de fanática por falar a respeito de Jesus e de exagerada por ler a Bíblia e ir com mais freqüência à igreja. Enfim, vão torturá-la com palavras durante algum tempo até notarem que a mudança em sua vida é para sempre. A verdade é que, quando experimentamos o amor de Deus, todas as demais pessoas ou coisas deste mundo passam para segundo plano.

O Senhor Jesus passa a ser o primeiro em nossas vidas, incomodando as demais pessoas, que de uma forma ou de outra tinham controle sobre nós. O relacionamento com Deus passa a ser tão forte que, se o nosso ente mais querido nos obrigar a escolher entre ele e o Senhor Jesus, não haverá nenhuma vacilação e a escolha pelo Senhor será imediata. Isso está acontecendo nestes últimos dias, quando pessoas têm sido expulsas de suas casas por causa do Senhor Jesus. E graças a Deus por isto!

Realmente, a fé é algo extremamente forte e individual. Não podemos impô-la a quem quer que seja, mesmo que a pessoa esteja sob o nosso mais absoluto controle e dependência, como no caso de mulher e filhos menores.

Abrão não vacilou em deixar a casa de seu pai porque havia conhecido o verdadeiro e eterno Pai. É claro, isso não foi fácil para ele, pelo contrário, teve de pagar um alto preço por essa escolha.

b) As promessas de Deus a Abrão

Quando o Senhor Deus apareceu pela primeira vez a Abrão, deu-lhe sete promessas que somente seriam cumpridas à medida que ele desenvolvesse a sua fé e por ela viesse a ter capacidade de absorver o seu cumprimento. É importante saber que Deus jamais cumpre todas as Suas promessas de uma só vez, a exemplo do "pão nosso de cada dia dai-nos hoje...".

Essa é a maneira como Deus age, até porque não poderia ser diferente. Se Ele cumprisse tudo o que tem prometido de uma só vez, quem teria estrutura suficiente para receber? A Palavra de Deus nos esclarece a esse respeito:

"Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derribar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz."

Eclesiastes 3.1-8

Esses versos determinam o segredo de uma vida feliz, já que um dos maiores problemas do homem é justamente não saber o tempo determinado que Deus tem para cada coisa em sua vida. Quando aprende o tempo certo para tomar atitudes, ele descobre a felicidade. Todavia, isso só é possível quando o homem admite a necessidade de uma aliança com Deus, para que Este lhe abra os olhos e, então, possa ver o tempo certo e determinado de todas as coisas debaixo do Céu.

Deus estabeleceu as Suas bênçãos para tantos quantos, crendo nas Suas promessas, lutam até conquistá-las, isto é, para aqueles que não olham para as dificuldades e nem permitem que as dúvidas venham cegar a fé, em face da demora da conquista.

Deus tem provado os nossos corações a cada instante e, em especial, nos detalhes da vida. Em cada empreendimento de conquista das Suas promessas, Ele tem observado a nossa reação diante das dificuldades, e, se por acaso nos acovardamos ou receamos diante do primeiro empecilho, já não seremos aprovados como dignos de alcançar a vitória.

Antes mesmo de o Senhor Deus ter feito qualquer promessa a Abrão, determinou obrigações para depois definir as bênçãos. Em outras palavras, foi como se Ele dissesse: "Olha, Abrão, se você me obedecer e sair da sua terra, da sua parentela e da casa de seu pai, e for para a terra que eu vou mostrar, então eu o abençoarei". Isso significa dizer que toda e qualquer bênção de Deus está sujeita à obediência do ser humano à Sua Palavra. Embora Abrão tivesse as promessas, o cumprimento delas estava sujeito a sua obediência à voz de Deus.

1o) “De ti farei uma grande nação”

Aqui, Deus promete criar, através de Abrão, uma nação abençoada em todos os sentidos: sem miséria e fome, sem doenças ou enfermidades. Uma nação justa e cheia de paz, onde os seus cidadãos sejam regidos pela lei do amor e do respeito mútuo. Essa grande nação não representa um espaço físico grande, mas um lugar onde a grandeza está no caráter dos seus cidadãos. E, assim, possam revelar-se como: “...raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus...” (1 Pedro 2.9). Isto é, o Reino de Deus, ou a Igreja do Senhor Jesus, constitui a grande nação oriunda de Abrão.

2o) “Te abençoarei”

Tudo o que um ser humano precisa para viver bem e gozar de todo o fruto de seu trabalho é a bênção do Senhor. Porém, esta somente está disponível àqueles que se dispõem a obedecer-Lhe a Palavra, conforme está determinado: “e também que é dom de Deus que possa o homem comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu trabalho.” (Eclesiastes 3.13).

3o) “Te engrandecerei o nome”

Vivemos numa sociedade onde as pessoas que não têm o espírito cristão de fato estão em busca da glória do próprio homem. Não são poucos os que lutam com todas as suas forças para deixar seus nomes registrados na História, para ser lembrados por todas as gerações futuras. É bem verdade também que existem aqueles que não fazem questão nenhuma de ser lembrados com saudades e apelam para os crimes mais bárbaros e vis da Humanidade, a fim de terem seus nomes estampados nas primeiras páginas dos jornais pelo menos uma vez na vida.

Bem, de uma forma ou de outra, o fato é que sempre há uma busca da glória deste mundo. Deus prometeu glorificar o homem Abrão, e o
Senhor Jesus também afirmou isso quando disse: “...se alguém me servir, o Pai o honrará.” (João 12.26).

Deus cumpriu todas as Suas promessas feitas a Abrão, e o engrandecimento do Seu nome jamais diminuirá com o tempo. Pelo contrário, cada vez aumenta mais, com o Reino de Deus se espalhando por todo o mundo. Quando se fala a respeito, mesmo Abrão tendo vivido há milhares de anos, é como se ainda estivesse vivo no nosso meio, estimulando a obediência e a fé de todos os seguidores do Senhor Jesus Cristo.

4o) “Sê tu uma bênção”

É interessante esta ser a única bênção imediata. Naquele exato momento, Abrão estava recebendo a primeira de todas as bênçãos prometidas.

5o) “Abençoarei os que te abençoarem”

Já tecemos comentários a respeito deste assunto, mas vale a pena dizer que esta Palavra de Deus a Abrão vem corroborar o fato de que a pessoa, uma vez aliada ao Senhor, passa a ser Sua

representante aqui na Terra e, como tal, tem o privilégio de abençoar as pessoas mediante a reciprocidade. Vai depender apenas de como as pessoas vêem a aliada de Deus. Se a pessoa de Deus é vista com bons olhos pelas demais, então estas serão abençoadas.

6o) “Amaldiçoarei os que te amaldiçoarem”

Abrão era realmente um homem abençoado e os que conviviam com ele no dia-a-dia devem ter visto e sentido nele o significado de ser um homem de Deus. Eu posso imaginar a situação dos que, por uma razão qualquer, manifestavam ódio, inveja ou viam Abrão com maus olhos.

Abrão não precisava mais se preocupar com os inimigos, porque esta determinação do Senhor Deus era suficiente para torná-lo vitorioso onde quer que fosse. Ele não precisava pensar em se defender dos que lhe desejavam o mal, pois o mesmo mal voltaria para seus inimigos naturalmente, sem que Abrão movesse um só dedo. E eu ainda creio que esta lei continua em pleno vigor nos dias atuais, porque o Senhor disse: “...A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor.” (Romanos 12.19).

7o) “Em ti serão benditas todas as famílias da terra”

Esta promessa fala das bênçãos que viriam a todas as famílias da Terra através de Abrão. E, de fato, isso acontece, porque Deus chamou Abrão para fazer dele uma nação santa e pura pela qual viria a nascer o Salvador da Humanidade.

Por causa do sacrifício do Senhor Jesus e da Sua ressurreição, todas as famílias da Terra têm o direito de ser benditas. É óbvio que nem todos serão benditos, não por falha de Deus ou do Seu Santo Filho Jesus, mas por causa única e exclusiva dos corações endurecidos e rebeldes resistentes à graça oferecida pelo Senhor Jesus Cristo: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.” (João 1.12,13).

c) Deus aparece pela segunda vez a Abrão

Partiu, pois, Abrão, como lhe ordenara o Senhor, para Canaã. A terra de Canaã pertencia ao filho de Cam, neto de Noé, herdeiro da maldição lançada pelo avô. Abrão, por sua vez, era descendente de Sem, irmão de Cam. Ora, a maldição que Noé lançou sobre Canaã começava a se cumprir, quando Abrão partiu em direção à terra de Canaã para dela tomar posse por herança de Deus.

Nesse tempo, os cananeus habitavam essa terra, quando o Senhor
apareceu para Abrão pela segunda vez, não mais impondo qualquer obrigação, mas renovando as Suas promessas: “... Darei à tua descendência esta terra...” (Gênesis 12.7). A partir de então, todas as vezes em que o Senhor aparecia, Abrão Lhe edificava um altar, para oferecer os seus sacrifícios.

Abrão armou a sua tenda no monte que ficava ao Oriente de Betel e ao Ocidente de Ai. Ali, ele edificou um segundo altar ao Senhor e invocou o Seu nome (Gênesis 12.8).

A palavra “altar” significa lugar alto onde se oferecem sacrifícios.

É característico de todas as religiões por ser o lugar consagrado para um relacionamento mais íntimo e profundo dos sacerdotes com os seus deuses. O diabo copiou as formas do culto a Deus, inclusive o altar, e adaptou diversas maneiras para o seu relacionamento com os seres humanos, de forma que podemos encontrar muitas similitudes entre os altares pagãos e o altar cristão. Contudo, na prática, há infinitas diferenças entre um e outro ambientes.

A igreja física do Senhor Jesus Cristo é um lugar sagrado e consagrado para receber as dádivas de sacrifício, que são as ofertas e os dízimos do povo redimido pelo sangue do Cordeiro, que, dessa forma, procura exprimir fisicamente o sentimento espiritual de amor, fidelidade e fé. Mas também existe o altar espiritual, muito mais alto ainda, invisível aos olhos humanos, mas transparente aos olhos de Deus, que é o coração de cada cristão.

Desse altar deve vir o mais puro sacrifício e adoração, o verdadeiro incenso que tem alimentado o nosso Deus, conforme nos diz as Escrituras Sagradas: "... ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome." (Hebreus 13.15).

A esse respeito disse o Senhor Jesus:

"Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade."

João 4.23,24

Mas isso não é possível num altar de pedra, de madeira ou metal, e, sim, de carne, que o Espírito Santo prepara através da circuncisão no coração do homem.

d) Deus aparece pela terceira vez a Abrão

Quando começou a haver contendas entre os pastores do gado de Ló e os de Abrão, este chamou Ló e lhe disse:

"...Não haja contenda entre mim e ti e entre os meus pastores e os teus pastores, porque somos parentes chegados. Acaso, não está diante de ti toda a terra? Peço-te que te apartes de mim; se fores para a esquerda, irei para a direita; se fores para a direita, irei para a esquerda.

Levantou Ló os olhos e viu toda a campina do Jordão, que era toda bem regada (antes de haver o Senhor destruído Sodoma e Gomorra), como o jardim do Senhor, como a terra do Egito, como quem vai para Zoar. Então, Ló escolheu para si toda a campina do Jordão e partiu para o Oriente; separaram-se um do outro. Habitou Abrão na terra de Canaã; e Ló, nas cidades da campina e ia armando as suas tendas até Sodoma."

Gênesis 13.7-12

Essa postura de Abrão diante de seu sobrinho nos dá uma grande lição: quando temos a unção de Deus em nossas vidas, por mais que sejamos
prejudicados hoje, amanhã seremos recompensados. Abrão era um homem de Deus, tinha as Suas

promessas gravadas no coração; tinha a Sua unção; então, o que importava se ele fosse tanto para a direita ou para a esquerda?

O importante para ele não era o Oriente ou o Ocidente, mas aquela certeza, no coração, de que as promessas feitas por Deus estavam dentro dele, assim como uma criança está na barriga da mulher grávida. Aí estava a sua segurança, a sua riqueza e a sua felicidade. Andava com Deus e não importava mais nada.

É bem verdade que, se alguém tinha o direito de escolher primeiro, este alguém era Abrão, porque foi ele quem ouviu a voz de Deus e estava obedecendo; Ló seria apenas uma "mala" que estava seguindo a visão de Abrão. Portanto, Ló não tinha o direito de escolher absolutamente nada, mas o caráter de Abrão era alguma coisa fantástica. Até parece que ele avançou no tempo e ouviu aquela Palavra do Senhor Jesus aos Seus discípulos:

"...não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes."

Mateus 5.39-42

Aí você pode estar dizendo: "Isso é muito bonito na teoria, mas na prática é quase impossível". De fato, é verdade! A teoria é uma coisa, a prática é outra. Mas se considerarmos o fato mais importante disso tudo, o relacionamento de Abrão com Deus, então a prática não fica nada difícil para nós. Na verdade, a prática da Palavra de Deus só se torna impossível ou difícil demais para aqueles que não têm o caráter cristão.

Quando o coração do homem é realmente circuncidado, ele está absolutamente apto para praticar a Palavra de Deus naturalmente. Não é preciso forçar a situação para vivenciar o cristianismo, assim como a laranjeira não se contorce para produzir laranjas. Abrão tinha a unção de Deus, assim como todo cristão verdadeiro tem a unção do Espírito Santo. Deus não pode exigir nossa obediência a uma ordem impossível de ser obedecida! Veja que Abrão deixou que seu sobrinho escolhesse o que aparentemente era melhor e não se perturbou com isso...

Eu tenho quase certeza de que os servos, os amigos e até a própria mulher de Abrão devem ter tentado induzi-lo a escolher a campina do Jordão.

E tenho a certeza, também, de que isso tem acontecido muito em nossos dias. Às vezes, o cristão recebe uma visão da vontade de Deus para sua vida, obrigando-o a trilhar um caminho duro, difícil e espinhoso.

Sutilmente, o diabo costuma usar aquelas pessoas mais chegadas, mais queridas, para tentar nos desviar desse caminho para um outro muito mais fácil e tranqüilo. É preciso, amigo leitor, estar muito atento, para saber distinguir a voz que temos ouvido; nem sempre, ou quase nunca, os nossos olhos físicos estão de acordo com os nossos olhos espirituais. Nem sempre o que é agradável à nossa vista é o melhor para nós. Afinal de contas, foi assim que Adão e Eva caíram em desgraça e também

o próprio Ló.

A fé de Abrão era tão sólida que ele não se deixou influenciar pela aparente vantagem que seu sobrinho tivera, porque sabia perfeitamente que, mesmo no deserto mais árido do mundo, Deus estaria com ele. Essa era a sua real riqueza!

A certeza da presença de Deus, a mais firme convicção de que Ele é real, se torna a grande fonte de vida abundante e maior tesouro jamais visto na Terra, que o ladrão não pode roubar e ninguém pode tocar, senão o seu próprio dono. Essa era a visão de Abrão! Ele tinha toda a riqueza do mundo e se utilizava apenas de uma minúscula parte, porque o restante, infinitamente maior e que não era visível, ele guardava para seu filho herdeiro.

Abrão não tinha apenas fé em Deus; ele também demonstrava isso em seu comportamento, confiando nas promessas d'Ele. Muitas pessoas têm fé em Deus, mas nem sempre confiam n'Ele de todo o coração, e, quando se encontram em situações adversas, sentem a falta de forças para sustentá-las.

A fé em Deus não significa necessariamente que se confia n'Ele, e a confiança é o que sustenta a fé. Porém, esta nem sempre satisfaz à necessidade da confiança. A confiança é a expressão da fé contínua, persistente e vitoriosa. O rei Davi nos deu um bom exemplo da diferença entre a fé e a confiança quando disse: "Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e o mais ele fará." (Salmos 37.5).

Para que possamos entregar o nosso caminho ou a nossa vida ao Senhor, a fé é imprescindível, quer dizer, a fé dá a partida, entra em ação! Podemos compará-la a um automóvel: a fé é a chave que liga o motor, e a confiança é a gasolina que mantém o motor em funcionamento.

Num momento qualquer da vida, a pessoa tem aquela fé para
entregar tudo a Deus, e nesse instante não pensa, não faz nenhuma avaliação das conseqüências, nada! Ela simplesmente toma uma atitude movida pela certeza e pronto! Todavia, como aquele momento de grande fé é passageiro, pois a fé um dia está em alta, e em outro está em baixa, há necessidade de uma outra força que venha sustentar ou alimentar a fé. É justamente a confiança que torna isso possível. É a confiança que mantém viva a fé!

Depois que Ló se separou e foi em direção à campina do Jordão, Abrão não teve outra alternativa senão habitar na terra de Canaã. E foi lá que o Senhor apareceu pela terceira vez e lhe disse:

"Disse o Senhor a Abrão, depois que Ló se separou dele: Ergue os olhos e olha desde onde estás para o norte, para o sul, para o oriente e para o ocidente; porque toda essa terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua descendência, para sempre.

Farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que, se alguém puder contar o pó da terra, então se contará também a tua descendência. Levanta-te, percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura; porque eu ta darei. E Abrão, mudando as suas tendas, foi habitar nos carvalhais de Manre, que estão junto a Hebrom; e levantou ali um altar ao Senhor."

Gênesis 13.14-18

Essa terceira aparição do Senhor a Abrão teve uma singular razão: ele estava liberado para dirigir a sua casa sem que tivesse de se preocupar com o sobrinho Ló e seus problemas. A sua situação agora era justamente a que Deus queria desde o início, isto é, sem parentela. Certamente, o fato de Abrão estar sem o sobrinho lhe dava condição de não precisar mais sofrer influências dele, o que deve ter acontecido seguramente, uma vez que Ló, sendo apadrinhado pelo avô Tera, deve ter se contaminado com a sua idolatria.

Além disso, Deus havia-Se manifestado apenas para Abrão, não para Ló, pois ele não tinha a mesma convicção de seu tio. Certamente, Ló deve ter retardado o cumprimento das promessas de Deus a Abrão. Agora, Abrão
estava livre para seguir sua fé em Deus. Enquanto não houve a separação de Ló, Deus não cumpriu nenhuma de Suas promessas para Abrão.

e) O grande dia da aliança

Deus fez inúmeras alianças com o ser humano antes da última e definitiva feita através do sangue do Senhor Jesus. Mas, de todas as realizadas no
Antigo Testamento, a única em que Deus Se manifesta fisicamente é a realizada com Abrão. Esta, provavelmente, tenha sido a mais singular e mais especial de todas as demais, pela forma e os detalhes com que fora celebrada. As outras tiveram o mesmo valor, porém, somente esta teve particularidades.

O fato, por exemplo, de Deus ter passado pelo meio dos pedaços dos animais sacrificados foi inédito e único. Não aconteceu com nenhum outro, apenas com Abrão. E por quê? Por que não aconteceu o mesmo com Adão, Noé, Isaque, Jacó, Moisés e outros? Creio que Abrão foi mais que um patriarca, foi um representante de Deus na Terra, pois somente ele teve a coragem de fazer o que Deus faria mais tarde, isto é, oferecer o seu Único Filho como sacrifício.

Essa grandeza de fé e fidelidade de caráter direcionados a Deus obrigaram o Senhor a retribuir da mesma forma. É como está escrito: “Porque, quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele...” (2 Crônicas 16.9).

Deus encontrou em Abrão um coração que O agradou, e, por isso, concedeu-lhe uma aliança de maneira diferente dos demais. Se Deus achou por bem proceder assim com Abrão, quem somos nós para questionar?!

Antes de analisarmos o grande dia da aliança de Deus com Abrão, vamos meditar no que aconteceu anteriormente.

Quando se separou de Abrão, Ló foi viver em Sodoma, onde os habitantes do lugar eram maus e grandes pecadores contra o Senhor (Gênesis 13.13). Logo se ajuntaram quatro reis contra cinco, dentre os quais estava o rei de Sodoma. Os quatro reis venceram os cinco e levaram cativos os seus moradores, entre eles Ló e toda a sua família.

Abrão, ouvindo falar que o sobrinho estava preso, reuniu trezentos e dezoito homens, dos mais capazes, nascidos em sua casa, e perseguiu os inimigos, ferindo-os de tal forma que conseguiu

resgatar não apenas o seu sobrinho, mas todos os seus bens, e, ainda, as mulheres e o povo (Gênesis 14.16).

Em seguida, encontrou-se com Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo, que lhe trouxe pão e vinho e o abençoou. Depois Abrão lhe pagou o dízimo de tudo o que possuía.

A única coisa que se sabe a respeito desse misterioso personagem do Antigo Testamento chamado Melquisedeque é que era rei de Salém, ou rei de paz, sem pai, sem mãe, sem genealogia. Não teve princípio de dias, nem fim de existência, feito semelhante ao Filho de Deus (Hebreus 7.3); por conseguinte, nesse aspecto, sendo muito semelhante ao Senhor Jesus Cristo.

O pão e o vinho que ele trouxe a Abrão representavam o corpo e o sangue do Senhor Jesus Cristo e até hoje são os elementos fundamentais nas cerimônias da Santa Ceia. A partir da aparição de Melquisedeque, iniciou-se o ministério segundo a Ordem de Sacerdote, que não tinha nada a ver com a de Levi.

O Senhor Jesus procede da tribo de Judá, a qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes. Portanto, o sacerdócio do Senhor Jesus é segundo a Ordem de Melquisedeque (Hebreus 7.17).

Pela quarta vez, Deus veio a Abrão, numa visão, e disse: "...Não
temas, Abrão, eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande." (Gênesis 15.1).

Constatamos que, a cada aparição do Senhor a Abrão, Deus vai permitindo que a intimidade entre Ele e Abrão aumente. Na primeira vez, Deus apenas deu ordens a Abrão, e já nesta última não apenas o anima dando-lhe a certeza da Sua proteção, mas também reafirma o Seu propósito de cumprir todas as promessas feitas anteriormente.

Fico imaginando se toda essa atenção, consideração e carinho de Deus com Abrão foi uma exceção da parte de Deus feita a um único homem ou é uma atitude natural d'Ele em relação aos que O amam de todo o coração?

Quando observamos o que aconteceu no Calvário, constatamos que Ele não mediu sacrifícios para resgatar a Humanidade. Infelizmente, não conseguiu resgatar todos, mas abriu uma Porta pela qual os que entrarem serão salvos. E todos os que forem salvos têm o direito e o privilégio de serem tratados com a mesma atenção, consideração e carinho que Abrão recebeu!

Na realidade, isso já acontece com maior intensidade que aconteceu com Abrão, porque os que são salvos ou aliados com Deus através do sacrifício do Senhor Jesus têm recebido a unção do Espírito de Deus, e, se reclamarem com fé, receberão não apenas a unção, mas o batismo com o Espírito Santo; um direito dos que ouvem e praticam a Palavra de Deus.

A partir do momento em que a pessoa se torna cristã, de fato e de verdade, é tratada por Deus com intimidade, pois há uma determinação neste sentido: "A intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança." (Salmos 25.14).

O privilégio do verdadeiro cristão é infinitamente maior que o de Abrão, porque se Deus apareceu

para ele algumas vezes, em nós, cristãos, Ele faz morada permanente através do Seu Santo Espírito: "Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele." (Romanos 8.9).

Abrão realmente foi extraordinário, especialmente porque não teve os mesmos privilégios que nós, cristãos, temos. Ele convivia numa sociedade radicalmente avessa ao seu Deus e totalmente idólatra; não tinha a Bíblia para ler e buscar consolo, conforto, forças, fé, etc. Não tinha rádio ou televisão para ouvir mensagens espirituais para o seu coração. Era um homem que vivia alimentado exclusivamente pela fé nas promessas de Deus.

Eis o grande segredo de Abrão: arriscou tudo o que tinha para obedecer! Isto é fé! Não basta confessar a fé, é preciso tomar atitudes, agir e fazer alguma coisa em função dessa fé. Sem isso não há resultado; não adiantam orações, jejuns, vigílias, nada! Abrão aprendeu isso logo e colocou em prática.

Provavelmente, deve ter pensado: "Ou este Deus é ou não é! Estou cansado de ver tanta idolatria, tantas religiões, tantos deuses de madeira, de pedra e de metal. Eu não agüento mais isto! Agora é tudo ou nada! E eu vou arriscar o meu tudo com este Deus misterioso! Se Ele é maior que a Terra, a Lua, o Sol e tudo o mais que existe no Universo, então eu quero ver!". Creio que foi por aí que Abrão acabou descobrindo o Grande e Invencível Senhor dos Exércitos, o Todo-Poderoso Senhor dos Céus e da Terra! O Deus Único e Verdadeiro!

E foi justamente a intrepidez de Abrão que deu origem ao diálogo franco e aberto com Deus, quando Ele lhe apareceu numa visão pela quarta vez Abrão bem que poderia dizer naquele momento: "Muito obrigado, Senhor! Tu és grande e maravilhoso demais para mim", e continuar louvando e exaltando a Deus durante todo o tempo daquela visão. Porém, a sua audácia e revolta ao mesmo tempo, por ser um homem muito rico e sem herdeiros, levaram-no a responder incisivamente: "... Senhor Deus, que me haverás de dar, se continuo sem filhos e o herdeiro da minha casa é o damasceno Eliézer? Disse mais Abrão: A mim não me concedeste descendência, e um servo nascido na minha casa será o meu herdeiro." (Gênesis 15.2,3).

Em outras palavras: "O que adianta o Senhor ser o meu escudo, prometer um galardão sobremodo grande; o que adianta eu ter toda a sorte de bens materiais, espirituais e físicos, se não tenho um herdeiro na minha casa, nascido do meu amor com a minha mulher Sara? Ou o que adiantam os Céus e a Terra, se não tenho filhos? Estou farto de riquezas, de promessas, de tudo, se um servo é quem vai herdar tudo isto! O que mais poderá satisfazer à minha alma, senão poder abraçar o meu filho?"

A indignação de Abrão tinha fundamento. Ele estava com 85 anos e sua mulher, Sara, com 75 anos, aproximadamente. Talvez, se não tivessem nada na vida, tão-somente filhos, fossem mais felizes...

Naquele tempo, o valor da mulher era insignificante; ela era considerada apenas como serva e geradora de filhos. A desconsideração pela mulher era tão grande que a maioria dos escritores das Escrituras Sagradas omitia os nomes delas nas genealogias.

Ora, se essa era a situação da mulher naquele tempo, imagine se fosse estéril! Nesse caso, eram desprezadas, ultrajadas e humilhadas pelos seus contemporâneos. É claro que no caso de Sara, por

ser mulher de Abrão, havia um respeito quase obrigatório, mas, moralmente, tanto ele quanto ela se sentiam da mesma forma: humilhados perante aquela sociedade por não terem filhos.

Somente Deus tinha condições de mudar a sorte de ambos! Abrão já vinha vivendo esse drama há dezenas de anos, desde o seu casamento com Sara. Creio que essa deve ter sido a razão por que Abrão, até então, se mantivera completamente ateu: tinha uma mulher linda, mas que não lhe dera filhos. Ele deve ter pedido à Lua, ao Sol, à terra, à chuva e a todos os demais deuses de sua época, antes de conhecer o Senhor, que Sara fosse mãe, e não conseguindo êxito, desacreditou de tudo e de todos, tornando-se avesso aos deuses.

E agora estava diante do Deus que ele cria ser o verdadeiro. Já tinha estado com Ele três vezes, aquela era a quarta vez, e continuava sem filhos, daí a razão do seu atrevimento. Era como um grito do mais profundo da alma.

Às vezes, chegamos a uma situação de tamanha aflição e necessidade, de tamanha dor e desespero, que não adianta mais ficar remancheando com rezas. Ou vai ou racha! É quando estamos no fundo do poço que encontramos o lugar e o momento mais adequados para definir uma situação com Deus. É o momento propício para arriscar tudo com as forças que ainda restam disponíveis. Até porque o próprio Senhor espera de nós essa "revolta santa", pois aí
manifestamos a maior fé possível n'Ele.

Tenho a certeza de que, se Abrão tivesse se manifestado assim no seu primeiro encontro com Deus, seu filho Isaque já seria adulto nessa última oportunidade. A resposta de Abrão provocou imediatamente uma contra-resposta de Deus: "...Não será esse o teu herdeiro; mas aquele que será gerado de ti será o teu herdeiro. Então, conduziu-o até fora e disse: Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. E lhe disse: Será assim a tua posteridade." (Gênesis 15.4,5).

Quando Deus Se manifestou nesta quarta vez, Abrão estava dentro de sua tenda, e o Senhor teve de conduzi-lo para fora, a fim de que ele pudesse finalmente entender o propósito de Deus para sua vida.

Muitas vezes, as palavras, por mais claras que sejam, não conseguem convencer. As pessoas compreendem, mas não se convencem. Deus não tem outra alternativa, senão mostrar com fatos aquilo que é inegavel. Foi assim com Abrão e tem sido assim com todos nós.

Não podemos esperar que Deus nos dê uma visão daquilo que Ele quer de nós e para nós, enquanto nos mantivermos acuados dentro de nossas próprias tendas. Muitas pessoas deixam de conquistar coisas grandes de Deus por uma razão muito simples: permanecem fechadas dentro de suas religiões tradicionais, nas quais perdem todo o tempo de sua vida por insistir em cultivar a tradição da família. Ora, o que é mais importante, a tradição familiar ou a própria vida? Quantos não chegam a dizer: "Eu nasci religioso e vou morrer religioso!".

Tenho a certeza de que Deus, naquela noite, chamou todas as estrelas para que Abrão pudesse ver a Sua grandeza e glória. É como disse o profeta: "...Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelo nome; por ser ele grande em força e forte em poder, nem uma só vem a faltar." (Isaías 40.26).

Depois dessa demonstração magnífica de glória e resplendor, Abrão não tinha como se recusar a crer definitivamente: “Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça.” (Gênesis 15.6).

A sua crença já era grande porque mesmo sem ter visto nenhum sinal continuava seguindo Aquela voz. Depois da magnífica demonstração de poder, a sua crença foi enriquecida com tamanho fervor que o tornou justo diante de Deus, e a sua imensa fé cancelou todos os seus pecados automaticamente. Somente nesta quarta vez é que Abrão realmente creu a ponto de ser justificado.

Este é o fator mais importante da fé em Deus: a justificação! Não são as boas obras de caridade que nos fazem mais puros diante de Deus, mas a fé no Senhor Jesus Cristo!

Muitas pessoas pensam, e há até religiões ensinando que os pecados são apagados por causa das obras de caridade. Se isso fosse verdade, como ficariam, diante de Deus, aqueles que não têm a mínima condição de fazer caridade ? Ou qual foi a caridade que o ladrão na cruz fez para que pudesse estar juntamente com o Senhor Jesus no Paraíso? Ora, essa teoria é radicalmente contrária à Palavra de Deus, que diz: “todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma.” (Hebreus 10.38).

O Espírito Santo inspirou o apóstolo Paulo a escrever aos cristãos de Roma o seguinte: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;” (Romanos 5.1).

Essa crença ou fé, que exercitamos através da obediência a Sua Palavra, nos justifica diante d’Ele. A verdade é que por causa da desobediência de um homem o pecado entrou no mundo e com ele a morte, mas também por causa da obediência do homem a Deus veio o perdão e, conseqüentemente, a justiça. Foi isso exatamente o que aconteceu com Abrão, e é o que acontece com todos os que crêem e se submetem à Palavra de Deus.

Vamos analisar mais profundamente o ato de crer. O verbo “crer” no original da Bíblia tem o sentido de “entregar-se de corpo, alma e espírito àquele em que se crê”.

Depois do grande gozo de Abrão ao ver a glória de Deus através do cintilar das estrelas e ter a mais absoluta certeza de que iria ser pai, novamente ele usou da sua coragem e ousadia para perguntar: “Senhor Deus, como saberei que hei de possuí-la?” (Gênesis 15.8).

O que ele realmente queria era um sinal de Deus com respeito à terra de Canaã, de como haveria de tomar posse dela, assim como o sinal que havia recebido com relação à sua posteridade.

Em outras palavras: para que Abrão pudesse ter a certeza de que seria pai de um incontável número de filhos, o Senhor lhe mostrou as estrelas no Céu. Mas para que tivesse a mesma certeza de que Deus iria cumprir a Sua promessa com respeito à herança da terra de Canaã, concedeu-lhe uma aliança. Deus deixou claro, não somente para Abrão, mas para todas as gerações futuras, que a aliança com Ele é o sinal mais evidente de que todas as Suas promessas serão cumpridas.

O Agente revelador dessa certeza é o próprio Espírito Santo, de maneira que o cristão não tem a necessidade de ver as estrelas para crer. Ele não vê para crer, mas crê para ver!

O Senhor, em resposta à pergunta de Abrão de como haveria de possuir a terra de Canaã, respondeu-lhe:

"...Toma-me uma novilha, uma cabra e um cordeiro, cada qual de três anos, uma rola e um pombinho. Ele, tomando todos estes animais, partiu-os pelo meio e lhes pôs em ordem as metades, umas defronte das outras; e não partiu as aves.

Aves de rapina desciam sobre os cadáveres, porém Abrão as enxotava. Ao pôr-do-sol, caiu profundo sono sobre Abrão, e grande pavor e cerradas trevas o acometeram;"

Gênesis 15.9-12

Esse pesadelo de Abrão significava a escravidão que os seus descendentes iriam passar no Egito durante quatrocentos anos, antes de tomarem posse da Terra Prometida, tornando-se uma nação separada por Deus.

Os cristãos também passam por esse pesadelo, enquanto estão vivendo neste mundo sujo, mas isso também faz parte da preparação para herdar o reino eterno. Deus permite que sejamos provados pelo fogo deste mundo, a fim de que, uma vez aprovados, venhamos a ser chamados de "benditos de meu Pai".

Nesse ínterim, depois de Abrão ter passado por um grande temor e cerradas trevas, que o diabo sempre traz como um prenúncio de bênçãos ainda maiores, Deus novamente entrou em ação para reforçar Suas
promessas e profetizar a Abrão:

"então, lhe foi dito: Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas.

E tu irás para os teus pais em paz; serás sepultado em ditosa velhice. Na quarta geração, tornarão para aqui; porque não se encheu ainda a medida da iniqüidade dos amorreus.

E sucedeu que, posto o sol, houve densas trevas; e eis um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo que passou entre aqueles pedaços.
Naquele mesmo dia, fez o Senhor aliança com Abrão, dizendo: À tua
descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates:"

Gênesis 15.13-18

A realização dessa aliança foi semelhante à cerimônia que viria a ser realizada no Calvário. Abrão simbolizava a Humanidade; os animais partidos representavam o corpo do Senhor Jesus Cristo rasgado e pendurado na cruz e o fogo, o Espírito de Deus.

f) Deus muda o nome de Abrão

Quando Abrão atingiu a idade de 99 anos, o Senhor lhe apareceu pela quinta vez e disse-lhe: "...Eu

sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha
presença e sê perfeito.” (Gênesis 17.1).

Aqui está o grande segredo das conquistas: andar na presença de Deus; pois quem pode andar na Sua presença e ser um derrotado? Pois bem, novamente o Senhor Deus promete, dizendo: “Farei uma aliança entre mim e ti e te
multiplicarei extraordinariamente.” (Gênesis 17.2).

É interessante notar a seqüência das promessas feitas por Deus:
primeiro, Ele promete através de uma aliança; segundo, promete confirmá-la e, finalmente, promete estabelecê-la. Como já vimos, a aliança de Deus com Abrão foi peculiar, e, como nós podemos constatar, o Senhor fez essa aliança individualmente com todos os seres humanos através do sangue do Seu próprio Filho!

Ora, aquele que toma conhecimento de que também pode ter o mesmo privilégio de Abrão e muito mais, ou seja, de que também está em condições de se colocar no seu lugar, a partir deste exato instante, enquanto lê estas linhas e, ainda assim, se recusa a aceitar, é porque negligencia a plenitude de bênçãos que Deus tem reservado para a sua vida.

E Abrão não negligenciou essas bênçãos que Deus tinha para ele: “Quanto a mim, será contigo a minha aliança; serás pai de numerosas nações. Abrão já não será o teu nome, e sim Abraão; porque por pai de numerosas nações te constituí.” (Gênesis 17.4,5).

Durante os primeiros vinte e dois versos do capítulo dezessete, Deus menciona “a minha aliança” nove vezes.

Deus é o nome da Suprema Divindade, que os homens invocam
e adoram. A palavra grega que, no Novo Testamento traduz o objeto de adoração, é Espírito. A palavra hebraica do Antigo Testamento que representa esta idéia leva-nos a pensar na força geradora de todas as coisas.

Para o cristianismo, a palavra Deus designa fundamentalmente o Espírito poderoso que é adorado e cujo auxílio invocamos. No hebraico, a palavra Espírito é rûah, de onde se originou a palavra Abrahão, ou seja, o “ah” de Abrahão provém da palavra Espírito, que, por sua vez, representa Deus. O Senhor Deus queria que Abrão tomasse o Seu nome, razão pela qual passou a chamar-se Abrahão. O nome “Abrão” significa “pai exaltado”, porém o nome Abrahão em vez de Abraão, que seria a tradução mais correta do original hebraico para o português, devido ao seu sentido espiritual, significa “pai de muitos”. Quando uma pessoa entra em aliança com Deus através do Senhor Jesus, isto é, quando ela se converte ao Senhor Jesus, torna-se cristã e não evangélica, crente, bíblia, católica, etc.

Assim, também, quando há um casamento, a noiva toma o nome do noivo para sempre. E não podemos nos esquecer de que a Igreja do Senhor Jesus é a Sua noiva, e como tal ela tomou o nome do Noivo, isto é: cristã. A mesma coisa aconteceu com Sarai, mulher de Abrahão. Seu nome passou a ser Sara, por força da aliança entre Deus e seu marido, que, conseqüentemente, a atingia também, haja vista que os dois eram uma só carne.

Daqui em diante, usaremos o nome Abrahão com "h" para fixar a sua origem espiritual, porém respeitando a grafia empregada nos versículos da Bíblia.

O Senhor fez a seguinte promessa a Abrahão: "Far-te-ei fecundo extraordinariamente, de ti farei nações, e reis procederão de ti." (Gênesis 17.6). Nessa ocasião, ele tinha apenas um filho com 13 anos de idade, chamado Ismael, cujo nascimento ocorreu assim:

"Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos; tendo, porém, uma serva egípcia, por nome Agar, disse Sarai a Abrão: Eis que o Senhor me tem impedido de dar à luz filhos; toma, pois, a minha serva, e assim me edificarei com filhos por meio dela. E Abrão anuiu ao conselho de Sarai. Então, Sarai, mulher de Abrão, tomou a Agar, egípcia, sua serva, e deu-a por mulher a Abrão, seu marido, depois de ter ele habitado por dez anos na terra de Canaã."

Gênesis 16.1-3

A atitude de Abrahão, neste episódio, mostrou a sua fraqueza, aliás, a mesma cometida por Adão quando deu ouvidos a Eva. Não gostaria de entrar no mérito do fato de Abrahão ter dado ouvidos à sua mulher. Contudo, não poderia deixar passar em branco, uma vez que esta tem sido a razão de muitas guerras, terrorismos, mortes, fome, etc.

Abrahão jamais poderia ter seguido o conselho de Sara, já que
tinha recebido e crido nas promessas de Deus, que até fizera uma aliança com Ele em sinal de que iria cumprir à risca tudo o que havia prometido.

A sua atitude mostrou apenas que ele tentou dar uma ajudazinha a Deus, para que Ele cumprisse a Sua palavra. Nesse momento, Abrahão
não mostrou confiança em Deus e agiu movido pelo sentimento de pena
da sua mulher por ela não ter filhos. E ela, por sua vez, estava tão cega de entendimento, que pensava poder ser mãe através de uma outra mulher. Quando a criança nasceu, descobriu que isso era impossível.

Agar, a egípcia, desprezou Sara, aumentando ainda mais o problema, porque Abrahão teve que despedir Agar com o seu filho, para não perder a mulher que tanto amava. Quer dizer, Abrahão não teve paciência para esperar o cumprimento da Palavra de Deus e ter filhos com a sua própria mulher. Escolheu o caminho aparentemente mais curto e fácil e acabou arrumando um problema insolúvel que perdura até os dias atuais e perdurará até a segunda vinda do Senhor Jesus, porque o menino, Ismael, veio a se tornar o pai dos ismaelitas, ou nação árabe.

Como no caso de Adão que deu ouvidos a Eva, Sansão a Dalila, Davi a Bate-Seba, o rei Acabe a Jezabel e Abrahão a Sara, nós encontramos muitos outros na Bíblia e na própria História, que trouxeram trágicas conseqüências para os seus contemporâneos.

Nem sempre a mulher é um risco para o homem, quando ela é sábia, tal qual a descreve Salomão:

"Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas jóias. O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho. Ela lhe faz bem e não mal, todos os dias da sua vida.

Busca lã e linho e de bom grado trabalha com as mãos. É como o navio mercante: de longe traz o seu pão. É ainda noite, e já se levanta, e dá mantimento à sua casa e a tarefa às suas servas.

Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho. Cinge os lombos de força e fortalece os braços. Ela percebe que o seu ganho é bom; a sua lâmpada não se apaga de noite.

Estende as mãos ao fuso, mãos que pegam na roca. Abre a mão ao aflito; e ainda a estende ao necessitado.

No tocante à sua casa, não teme a neve, pois todos andam vestidos de lã escarlate. Faz para si cobertas, veste-se de linho fino e de púrpura. Seu marido é estimado entre os juízes, quando se assenta com os anciãos da terra.

Ela faz roupas de linho fino, e vende-as, e dá cintas aos mercadores. A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações. Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua. Atende ao bom andamento da sua casa e não come o pão da preguiça.

Levantam-se seus filhos e lhe chamam ditosa; seu marido a louva, dizendo: Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas. Enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e de público a louvarão as suas obras."

Provérbios 31.10-31

A mulher se torna uma auxiliadora indispensável, capaz de levar o seu marido às maiores conquistas. Quando a mulher é de Deus, ela é a maior bênção na vida de um homem, porém, quando não é, simplesmente é uma maldição!

A terra de Canaã, que deveria ser exclusivamente do filho de Abrahão com Sara, sua mulher, acabou se dividindo entre Ismael e Isaque; até hoje há conflitos no Oriente Médio.

A promessa de Deus a Abrahão com respeito à sua fecundidade extraordinária, quanto às nações e reis, foi cumprida, porque tanto os árabes quanto os israelitas habitam naquela região até hoje: "Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência." (Gênesis 17.7).

De fato, isso está sendo também cumprido, não apenas no que diz respeito aos descendentes segundo a carne, mas, sobretudo, com os descendentes segundo o Espírito Santo, isto é, aqueles que têm nascido através da fé no Senhor Jesus.

Há uma verdade nas promessas de Deus a Abrahão que poucas pessoas conhecem, e ficam marginalizadas das maiores bênçãos de Deus: é o fato de que essa descendência de Abrahão, segundo a carne, os israelitas, não tem o mesmo direito dos descendentes, segundo o Espírito Santo. Os descendentes, segundo a carne, são realmente filhos de Abrahão, como Esaú era filho de Isaque.

Porém, foi Jacó o herdeiro da primogenitura, pois o seu irmão desprezara aquela bênção.

Assim também acontece com os cristãos verdadeiros. Eles ocupam a mesma posição de Jacó, uma vez que o Senhor Jesus veio para os Seus, mas os Seus O rejeitaram, cumprindo-se assim a Palavra:

"O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus."

João 1.10-13

Os verdadeiros filhos de Abrahão são aqueles nascidos pela fé, na fé de Abrahão. No diálogo entre o Senhor Jesus e os judeus, essa questão fica bem clara, porque o Senhor não negou que fossem realmente filhos de Deus, ou seja, descendentes de Abrahão na fé. Isso significa dizer que todas as promessas de Deus feitas a Abrahão e à sua descendência são primeiramente para aqueles que são filhos na fé, e não filhos da carne. Eles disseram ao Senhor Jesus:

"... Nosso pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão. Mas agora procurais matar-me, a mim que vos tenho falado a verdade que ouvi de Deus; assim não procedeu Abraão.

Se Deus fosse, de fato, vosso pai, certamente, me havíeis de amar (...) Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos."

João 8.39-42

E tem mais: o apóstolo Paulo confessou ter grande tristeza e incessante dor no coração e gostaria de ser separado do Senhor Jesus, por amor de seus irmãos, seus compatriotas, segundo a carne. Eles são israelitas,
pertence-lhes a adoção, e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; deles são os patriarcas e também deles descende o Cristo, segundo a carne.

Porém, nem todos os de Israel são de fato israelitas; nem por serem descendentes de Abrahão são todos seus filhos (Romanos 9.1-8).

Conforme nos relata a Bíblia: "Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus." (Gênesis 17.8).

Se analisarmos do ponto de vista físico, constataremos a veracidade dessa promessa cumprida para o povo, não só filhos de Isaque mas também de Ismael, pois ambos ocupam hoje toda a área do Oriente Médio, isto é, os judeus e os árabes, porque ambos são filhos, na carne, de Abrahão.

Se olharmos sob o ponto de vista espiritual, verificaremos que os nascidos de Deus, na mesma fé de Abrahão, têm a promessa da Canaã espiritual e eterna, garantida por uma aliança feita na cruz do

Calvário. E é essa a Canaã de possessão perpétua, onde haverá um só rebanho para um só Pastor.

g) Sinais da aliança

Muitos foram os sinais da aliança entre Deus e o homem, que ainda hoje permanecem como evidências de um pacto com Deus. São muito importantes, porque mantêm a memória acesa a respeito de um compromisso feito com Deus; eles caracterizam a comunhão com o Senhor. Alguns deles foram abolidos na forma física e persistem até hoje na forma espiritual; outros, no entanto, foram completamente anulados. Focalizaremos os que mais se destacaram no passado e que ainda hoje existem no culto racional a Deus:

1) A circuncisão (ato de cortar a membrana externa do órgão masculino)

"Disse mais Deus a Abraão: Guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das suas gerações. Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós e a tua descendência: todo macho entre vós será circuncidado.

Circuncidareis a carne do vosso prepúcio; será isso por sinal de aliança entre mim e vós. O que tem oito dias será circuncidado entre vós, todo macho nas vossas gerações, tanto o escravo nascido em casa como o comprado a qualquer estrangeiro, que não for da tua estirpe.

Com efeito, será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado por teu dinheiro; a minha aliança estará na vossa carne e será aliança perpétua. O incircunciso, que não for circuncidado na carne do prepúcio, essa vida será eliminada do seu povo; quebrou a minha aliança."

Gênesis 17.9-14

Já vimos como é fundamental o derramamento de sangue numa aliança e quanto um sacrifício sem sangue não tem valor espiritual, uma vez que o sangue representa a vida.

Ora, a circuncisão foi estabelecida primeiramente com Abrahão, após a sua aliança com Deus, e naquela oportunidade o Senhor mandou que Abrahão dividisse ao meio uma novilha, uma cabra e um cordeiro, cada qual de três anos, além de uma rola e pombinho, que não foram partidos ao meio.

Em seguida, o próprio Deus, numa clara e evidente demonstração de humilhação de Si mesmo, passou entre as bandas daqueles animais em forma de "um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo".

Essa atitude de Deus foi profética em relação à mesma humilhação que mais tarde viria passar o Seu Santo Filho Jesus. Deus, então, não permitira que Abrahão passasse por entre aqueles pedaços de animais, já que mais tarde viria a humilhação dele através do derramamento do seu próprio sangue na circuncisão.

Ficou então estabelecido que assim como o Senhor lhe dera um sinal de que cumpriria as Suas promessas, ele também teria que ter uma marca ou um sinal da sua carne concordando com as regras daquela Aliança.

De fato, quando Abrahão tinha 99 anos, a carne do seu prepúcio foi circuncidada, também a de

Ismael, seu filho, e de todos os escravos nascidos na sua casa, além dos comprados por seu dinheiro.

A partir daí, ficou estabelecido que todo o menino com oito dias de nascido seria circuncidado, como um sinal da aliança entre Deus, Abrahão e toda a sua descendência. Até o menino Jesus, quando tinha oito dias de nascido, foi circuncidado (Lucas 2.21).

No cristianismo também há a lei da circuncisão, como um sinal da aliança com Deus. Só que esta circuncisão não é feita nos moldes de antigamente, isto é, na carne, mas no coração. Como a circuncisão era e é um ato de purificação, que significa abandonar todas as paixões carnais, com a mesma finalidade foi instituído o batismo nas águas, tendo o Senhor Jesus ordenado a Seus discípulos: "... Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado." (Marcos 16.15,16)

O apóstolo Paulo faz a relação da circuncisão com o batismo nas águas quando diz:

"Nele, também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo, tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo, no qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos."

Colossenses 2.11,12

Os judeus cristãos propuseram a necessidade da circuncisão para os novos cristãos convertidos e, por essa razão, houve uma grave controvérsia entre eles, na qual o apóstolo Paulo interferiu, explicando:

"Porque a circuncisão tem valor se praticares a lei; se és, porém, transgressor da lei, a tua circuncisão já se tornou incircuncisão. Se, pois,
a incircuncisão observa os preceitos da lei, não será ela, porventura,
considerada como circuncisão?

E, se aquele que é incircunciso por natureza cumpre a lei, certamente, ele te julgará a ti, que, não obstante a letra e a circuncisão, és transgressor da lei. Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne.

Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus."

Romanos 2.25-29

Para os cristãos de Corinto, o apóstolo disse:

"Foi alguém chamado, estando circunciso? Não desfaça a circuncisão. Foi alguém chamado, estando incircunciso? Não se faça circuncidar. A
circuncisão, em si, não é nada; a incircuncisão também nada é, mas o que vale é guardar as ordenanças de Deus."

1 Coríntios 7.18,19

Em resumo, o que Paulo está querendo dizer é que a circuncisão pela qual Abrahão e seus descendentes passaram foi puramente um sinal ou uma marca da aliança com Deus. Mas a circuncisão feita no coração, através do batismo nas águas por imersão, tem um caráter muito mais importante, porque há o "despojamento do corpo da carne", significando o sepultamento do velho homem, da natureza carnal, a fim de que ande em novidade de vida.

A circuncisão, tanto a física quanto a do coração, que é a espiritual, não tem força para salvar ninguém, mas é imprescindível que haja a
circuncisão espiritual para que a pessoa mantenha a sua salvação. Quando a pessoa aceita, pela fé, o sacrifício do Senhor Jesus como pagamento dos seus pecados, imediatamente passa a viver num conflito constante entre a carne e o espírito. A carne manifesta a sua vontade e o espírito manifesta o desejo de servir a Deus. Cada uma dessas partes puxa para o lado oposto.

Nesse caso, o único caminho encontrado por Deus para resolver este problema é através do sepultamento da carne simbolizado pelo batismo nas águas. No momento da realização do batismo nas águas, o Espírito Santo efetua no coração da pessoa o milagre da transformação e ela passa a viver em novidade de vida, isto é, as suas paixões carnais já foram enterradas e agora passa a satisfazer aos desejos do seu espírito, que, por sua vez, tem suas inclinações exclusivamente para Deus.

Essa é a circuncisão do coração, a circuncisão da vida. O ladrão no Calvário não precisou ser batizado porque iria morrer dentro de instantes. Mas as pessoas que aceitam Jesus como Senhor e Salvador precisam ser imediatamente batizadas por imersão, a fim de viver em novidade de vida.

A circuncisão física a que os judeus se submetiam e ainda se submetem tem a ver também com o aspecto higiênico, já que, segundo a ciência médica, colabora para a prevenção de doenças venéreas.

2) Batismo no Espírito Santo

No batismo nas águas, temos três elementos: o pastor, o candidato e a água. No batismo no Espírito Santo também existem três elementos: o Senhor Jesus, o candidato e o Espírito Santo. O batismo com o Espírito Santo é a imersão do candidato, pelo Senhor Jesus, no Espírito Santo. É Ele quem tem a autoridade de batizar os Seus seguidores com o Espírito Santo, capacitando-os a terem o Seu caráter para enfrentar o mundo com um testemunho vivo da ressurreição do Senhor.

Somente a pessoa batizada com o Espírito Santo pode testificar de um Jesus Vivo; isso porque passa a ter o mesmo Espírito que ressuscitou o Senhor Jesus.

É evidente que seria impossível falar de alguém que morreu e
ressuscitou sem que o espírito dessa pessoa estivesse presente para testificar a sua realidade. Como poderíamos falar ou testemunhar de um Senhor Vivo se não tivéssemos uma experiência com o próprio através do Seu Espírito?

Eu nunca vi o Senhor Jesus, mas tenho a certeza de que Ele está vivo e de que ouve a minha oração pela revelação do Seu Santo Espírito em mim! De outra forma, como eu poderia ter a mais absoluta certeza de que Jesus ressuscitou e está vivo sem que houvesse uma verdadeira e real revelação d'Ele

em mim pelo Seu Espírito?

Isso não é um privilégio apenas daqueles que anunciam a Palavra de Deus, não! Mas de todos os que crêem no Senhor Jesus de todo o coração, de todo o entendimento e com todas as suas forças.

Embora o batismo com o Espírito Santo seja o sinal mais importante na aliança entre Deus e o homem, ele só foi concebido a partir da ascensão do Senhor Jesus, o que significa dizer que Abrahão não experimentou essa glória, nem os seus descendentes, segundo a carne, tendo em vista que este batismo está determinado apenas e exclusivamente para aqueles que estão vivendo na dispensação da Nova Aliança no sangue do Senhor Jesus.

Uma pessoa que professa qualquer tipo de religião ou fé que não seja a cristã não tem o direito a este batismo, que foi determinado apenas para os seguidores do Senhor Jesus, conforme Ele mesmo prometeu,
dizendo: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós." (João 14.16,17).

João Batista, testemunhando do Senhor Jesus, disse: "Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo." (Mateus 3.11).

Considerando esses versos, chegamos à conclusão de que é absolutamente impossível alguém ser batizado no Espírito Santo, e, portanto, ter o sinal da sua aliança com Deus se não for um verdadeiro discípulo do Senhor Jesus.

O batismo com o Espírito Santo não é apenas um selo ou uma marca da aliança com Deus. Possui a função capacitadora de fazer o seguidor do Senhor Jesus ter condições para testemunhar para o mundo a Seu respeito, conforme Ele mesmo determinou: "mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra." (Atos 1.8).

Temos ensinado que a simples aceitação de Jesus como Salvador não é suficiente para garantir uma vida eterna. É preciso muito mais! É preciso que o cristão tenha uma verdadeira experiência com Deus nessa aceitação, para que o selo do Espírito Santo venha a confirmar a sua aliança com Deus.

Não basta a pessoa gostar de Jesus ou sentir pesar pelo que Ele sofreu no Calvário, não! É necessário que O conheça como Ele é, e não como outras pessoas ou as religiões ensinam. Ora, é esse desejo forte de segui-Lo e servi-Lo de todo o coração que faz possível uma marca, um sinal concreto da parte d'Ele na pessoa, através do batismo com o Espírito Santo.

3) Dízimos

O dízimo é o primeiro fruto de uma colheita ou os primeiros dez por cento de tudo o que nós produzimos. O pagamento do dízimo é uma prática antiga e não limitada ao povo de Israel. Várias nações da Antigüidade separavam para os seus respectivos deuses uma proporção dos produtos ou

dos despojos da guerra como gratidão.

Os fenícios e os cartagineses enviavam anualmente a Hércules a décima parte de suas rendas. Esses dízimos eram regulares ou ocasionais, voluntários ou ordenados por lei. Também os egípcios deviam contribuir com a quinta parte das colheitas para o faraó.

A verdade é que a lei do dízimo é estritamente espiritual e depende da fé individual, por isso mesmo não adianta tentar discutir a sua validade. Os que alegam motivos para não pagar simplesmente não têm nenhum vínculo de aliança com Deus e nem vêem com bons olhos o que está escrito na Palavra de Deus.

O dízimo é puramente uma questão de fé. Os que têm fé para pagá-lo, certamente terão fé para receber multiplicado. Os que não têm fé para pagá-lo também não terão fé para vencer as dificuldades financeiras que o devorador, com certeza, trará sobre eles. Daí, o que vale é a razão de cada um; uns têm fé para comer carne; outros, para comer legumes. Quem tem fé para comer carne não deve criticar aqueles que têm fé para comer apenas legumes ou vice-versa.

Embora o dízimo não tivesse sido propriamente um sinal da aliança de Deus com Abrahão, porque ele pagou o dízimo antes da aliança, mesmo assim podemos constatar que somente aqueles que estão em aliança com Deus através do Senhor Jesus são os fiéis dizimistas na Igreja do Senhor. Quer dizer, teoricamente, o dízimo não foi um sinal da aliança, mas na prática ele é.

Existem aqueles que até acreditam, mas não têm nenhum compromisso com Deus, e acham um absurdo o pagamento do dízimo, criticando severamente os que o fazem. Há de se concluir que o dízimo é um sinal notório que caracteriza a diferença entre os que têm compromisso com Deus e os que não têm. É como o Senhor afirmou: “Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não o serve.” (Malaquias 3.18).

Entendemos que o dízimo é tão sagrado quanto a Palavra de Deus, porque é tão-somente o reconhecimento de que Deus é o Senhor de todas as coisas, quer nos Céus, quer na Terra. E, quando o dizimista paga os seus primeiros dez por cento de tudo o que a sua inteligência, capacidade, força, etc. conquistaram, é porque realmente considera Deus o dono de todas as coisas, trazendo-Lhe de volta apenas a décima parte de tudo o que adquiriu com as condições que o Senhor concedeu.

Se o dízimo não fosse sagrado e importante assim, certamente Deus não iria falar tão forte, tão direto e incisivo como falou através do profeta Malaquias:

“Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos. Desde os dias de vossos pais, vos desviastes dos meus estatutos e não os guardastes; tornai-vos para mim, e eu me tornarei para vós outros, diz o Senhor dos Exércitos; mas vós dizeis: Em que havemos de tornar?

Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, vós, a nação toda. Trazei todos os dízimos à casa do
Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida.

Por vossa causa, repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos. Todas as nações vos chamarão felizes, porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos."

Malaquias 3.6-12

Do nosso ponto de vista, o dízimo é muito mais importante do que se tem falado até os dias atuais. Normalmente, quando se fala em dízimo, as pessoas fazem logo a conexão com dinheiro, e o diabo, sabedor de que o coração do ser humano está, quase sempre, no bolso, usa a palavra "dinheiro" para inflamar as pessoas contra "esta idéia maluca de ter que dar a décima parte do salário, que já é pouco, para o pastor". Foi o que aconteceu no Jardim do Éden, quando o Senhor Deus advertiu Adão.

Tudo o que Deus criou foi para o benefício da Sua criatura. Esta podia comer de todos os frutos, de todas as árvores ali existentes, livremente, sem tocar, porém, em uma dessas árvores no meio das tantas.

Aquela árvore não precisava estar ali, para Deus não correr o risco de ter a Sua criatura rebelada. Mas o Senhor, quando criou o homem, não criou um robô, sem o livre-arbítrio, por isso a árvore estava lá, justamente para provar a fidelidade do ser humano. Aquela árvore representava e representa o dízimo. Através dele, o Senhor prova os corações de cada um, e são as nossas atitudes em relação à Palavra que nos justificam ou condenam.

Pensando bem, o ser humano é realmente muito engraçado, porque tem gasto grande parte do seu dinheiro sustentando o espírito do vício de cigarros, de tóxicos, de bebidas e de jogos de azar, além de estar quase sempre usando parte do seu orçamento no conserto de eletrodomésticos, do carro, etc. Isso sem falar no diabo da inflação, que também tem corroído o salário como o gafanhoto na lavoura, além de gastos com médicos, remédios e hospitais, para tentar curar os efeitos das toxinas dos vícios.

Se o sujeito for inteligente e souber fazer conta de somar, vai constatar que grande parte do dinheiro ganho durante o mês é desperdiçada
naquilo que não é pão. Muitas vezes, tem de trabalhar o dobro de horas num dia para tentar minorar os efeitos do devorador. É justamente como disse o Senhor: "Tendes semeado muito e recolhido pouco; comeis, mas não chega para fartar-vos; bebeis, mas não dá para saciar-vos; vestis-vos, mas ninguém se aquece; e o que recebe salário, recebe-o para pô-lo num saquitel furado." (Ageu 1.6)

O pior de tudo isso é o espírito da ignorância e da cegueira espiritual, que não deixa o homem entender nem ver a realidade da Palavra de Deus. Ele não depende dos nossos dízimos e muito menos das nossas ofertas; Ele é o Senhor de todas as coisas; Ele não come, nem bebe, não tem que pagar nenhuma conta... Ele é Deus!

Quando Ele nos orienta através da Sua Palavra, sabe o que está fazendo! O fato de a pessoa pagar o dízimo quer dizer que O tem como o Senhor da sua vida! E uma vez sendo o Senhor daquela pessoa, não há diabo, nem espírito imundo, nem inferno, nem inveja, nem olho grande, nada, absolutamente nada, que possa impedi-la de viver uma vida harmoniosa e abençoada física, espiritual e financeiramente.

O dízimo estreita o relacionamento entre o Senhor e o servo, significando fidelidade. E quando o servo é dizimista fiel tem até o direito de exigir de Deus o cumprimento da Sua Palavra. Isso mesmo! Pode colocar Deus à prova! É assim que Ele nos convida a fazer quando somos fiéis no pagamento do dízimo, porque, quando O provamos neste aspecto, estamos provando a nós mesmos diante de Deus!

Uma coisa é certa: é preciso que o candidato a dizimista saiba que os seus entes queridos certamente vão ser usados pelos espíritos dos vícios para tentar desestimular a sua fé, por uma simples razão: os espíritos imundos que estão camuflados dentro deles, além de desejarem que o dizimista continue vivendo da maneira como eles vivem, miseráveis e dependentes dos vícios, querem continuar a ser os seus senhores.

Os espíritos devoradores, destruidores, que mantêm o domínio sobre os que têm roubado a Deus nos dízimos e nas ofertas não querem perder as suas vítimas!

Já viu alguma vez uma praga de gafanhotos numa plantação? Reparou como as formigas destroem as plantações? E os ratos, que têm disputado cada vez mais com o homem os espaços na Terra? Pois bem! Você acredita que esses e milhares de outros insetos e animais destruidores vão abandonar a Humanidade gratuitamente? É claro que não! Se não houver um veneno forte o suficiente para acabar com eles, com certeza vão destruir a Humanidade!

Por isso, a Ciência tem buscado intensamente o desenvolvimento de suas pesquisas para dar à Humanidade condições de superar os seus devoradores, que, ainda assim, mesmo em desigual condição de luta,
continuam resistindo e, às vezes, vencendo. Da mesma forma, acontece com as doenças e enfermidades que têm ceifado milhões de vidas em todo o mundo. Se não houver um remédio eficaz, continuarão a matar o ser humano.

Assim são os espíritos imundos ou como diz a Bíblia: os demônios. O Senhor Jesus ensina que a função deles é matar, roubar e destruir; e o pior de tudo é que não existe um remédio físico ou uma química capaz de arrancá-los do corpo do homem, como acontece com as doenças, os insetos e animais destruidores, a não ser pelo poder da fé e obediência à Palavra de Deus. Deus adverte os devedores do dízimo que: “Com maldição sois amaldiçoados...” (Malaquias 3.9).

Essa maldição não é uma praga que Deus lança sobre os desobedientes; pelo contrário, Deus enviou o Seu Filho para que todo aquele que n’Ele crê tenha vida abundante. Mas se a pessoa O desdenha, Ele também a despreza.

É aí que está o grande problema! Ele não amaldiçoa a quem quer que seja, mesmo ao mais vil pecador. O problema é que a própria pessoa, por se rebelar contra Deus ou Sua Palavra, absorve a maldição em sua vida, porque a maldição anda à caça dos rebeldes.

O Senhor Deus não pode interferir na vida da pessoa enquanto esta não se submeter a uma aliança com Ele. É muito simples de entender: o médico está habilitado a ajudar o doente, mas se o doente não for até ele, a sua situação pode piorar até a morte, e o médico vai assistir a tudo sem poder fazer nada.

A grande vantagem que o ser humano tem sobre os espíritos imundos é a de poder se voltar para Deus através da obediência à Sua Palavra.

O ser humano passa a ter a força divina que o mantém imune à praga dos demônios. Mas, quando o homem é desobediente à Palavra de Deus, não tem força suficiente para resistir aos espíritos imundos e aí se torna vítima deles. Quando Deus fala que o homem tem-Lhe roubado nos dízimos e nas ofertas, apresenta-o como ladrão, não apenas diante d'Ele, mas também diante do diabo; e como o diabo é o chefe dos ladrões, é claro que a pessoa se torna automaticamente sujeita à atuação satânica.

4) Santa Ceia

A Santa Ceia é a cerimônia comemorativa da aliança que Deus fez com o homem através do sacrifício do Seu Filho Jesus Cristo. É a cerimônia mais importante dentro do cristianismo, não somente do ponto de vista espiritual, mas também físico. Por meio dela, há um fortalecimento físico e espiritual do corpo do Senhor Jesus, que é a Igreja. Sua importância é tão grande que o Senhor Jesus chegou a declarar:

"...Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.

Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele."

João 6.53-56

O significado da carne do Senhor, representada pelo pão, diz respeito à Sua saúde física, que passa para os discípulos; e o significado do sangue, representado pelo vinho ou suco de uva, é de fortalecimento espiritual.

De modo que, quando o cristão se encontra enfraquecido física ou espiritualmente, devido às lutas diárias, é na Santa Ceia do Senhor que vai encontrar condições para continuar perseverando na fé.

É evidente que, para a pessoa que se diz cristã e apenas o é teoricamente, como tem sido usual, a participação na Santa Ceia trará uma maldição. O Espírito Santo, instruindo Paulo, disse: "Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si. Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem." (1 Coríntios 11.28-30).

As pessoas precisam ter o discernimento de que não podem participar de uma ceia, especialmente a do Senhor, se não fazem parte da família onde se celebra tal ceia. Pode, por acaso, alguém que não tem dado a mínima atenção às Palavras do Senhor Jesus e até O rejeitado como Senhor e Salvador sentar-se à mesa com Ele e participar da Sua carne e do Seu sangue?

A Santa Ceia do Senhor é somente para aqueles que estão vivendo em aliança com Ele e precisam de

um reforço físico e espiritual, a fim de continuar testemunhando a Seu respeito. Por isso, ensinamos que a Ceia do Senhor é uma bênção ou uma maldição, dependendo de quem dela vai participar.

Se a pessoa é realmente seguidora do Senhor Jesus, ainda que não seja perfeita na fé, tem o direito e o privilégio de participar e ser muito abençoada. Mas se a pessoa se diz cristã, porém divide a sua fé com outros deuses, ou com qualquer outra forma de culto aos deuses do mundo, não tem o direito e nem deve insistir em participar da Ceia, porque esta lhe será uma maldição, já que: "...come e bebe juízo para si" (1 Coríntios 11.29).

Isso significa dizer que, em vez de ser justificada diante de Deus pela sua fé no sacrifício do Senhor, tornar-se-á culpada pela morte do Senhor, já que a sua fé está dividida. O apóstolo Paulo recomenda que cada um deve examinar-se a si mesmo antes de participar da mesa do Senhor.

Há quem, por desinformação, pense que as mulheres menstruadas
não podem participar da Santa Ceia, assim também as pessoas que estão separadas da esposa, do marido, ou vivem amigadas. Na verdade, o que existe é uma tremenda falta de discernimento com respeito à Santa Ceia. O único impedimento de a pessoa sentar-se à mesa do Senhor é a sua fé não estar cem por cento em Jesus.

Evidentemente, se a pessoa diz ter fé no Senhor Jesus, mas mesmo assim mantém uma vida irregular, isto é, comete adultério, mantém relações sexuais ilícitas, tais como homossexualismo masculino e feminino ou
outra forma qualquer contrária à natureza, além de qualquer pecado que envergonhe o nome do Senhor Jesus, então, só há duas alternativas: ou se corrige com Deus antes da participação da Ceia ou é melhor que não participe. Quanto às pessoas que estão vivendo juntas sem serem casadas, mas que vivem uma para a outra e conheceram o Senhor Jesus dessa forma, não há problema em participar da Santa Ceia. É claro que, se for possível, devem regularizar sua situação perante a lei dos homens.

Basicamente, a Ceia do Senhor foi instituída para perpetuar a Sua
memória e anunciar a Sua morte até que Ele volte, dando-nos a oportunidade de tomar conhecimento da aliança que Deus deseja manter conosco através do sacrifício do Senhor Jesus. Portanto, a Ceia é um dos sinais mais
importantes da Nova Aliança para aqueles que a ela se submetem.

h) O juramento de Deus a Abrahão

Uma das mais belas páginas da Bíblia, sem dúvida, fala da prova pela qual passou Abrahão ao levar o seu único filho, Isaque, para o sacrifício. Deus pediu a Abrahão aquilo que ele tinha de mais valioso. Isaque era muito importante para Abrahão, pois além de ser seu único filho com a mulher amada, era o filho de sua velhice! E só quem teve o privilégio de ter um filho depois de passado o tempo normal pode avaliar isso. É mais ou menos como os avós que têm pelos netos um sentimento bastante diferente; eles têm o sentimento de serem pais duas vezes.

Posso imaginar o amor, a emoção e o cuidado de Abrahão e Sara por aquele filho único. Quando um casal novo tem o seu primeiro filho, trata a criança como se fosse um cristal; procura não deixar ninguém respirar perto dela e fica tomando conta o tempo todo para evitar que algum mosquito passe

por perto; qualquer mudança de temperatura é motivo para um cuidado dobrado, não gosta que se pegue a criança no colo e até coloca um patuá ou breve no seu bracinho para evitar olho grande, e coisas dessa natureza... Imagine quando esse filho é nascido de um casal idoso! Eu acho que é indescritível o que eles sentiram.

O mais doloroso para Abrahão, certamente, não era o sacrifício do filho, mas o fato de ter de levá-lo até o Monte Moriá e matá-lo com as suas próprias mãos. Essa prova não seria tão horrenda se Abrahão levasse o filho para uma outra pessoa sacrificá-lo a Deus. Porém, esse pedido do Senhor era para pô-lo à prova, total e completamente.

É claro que o sacrifício de Isaque foi uma figura profética do martírio do Filho de Deus, pois foi o Monte Moriá, o mesmo local onde dois mil anos mais tarde o próprio Filho de Deus foi oferecido em sacrifício para resgate de toda a Humanidade. E foi assim a prova de Deus a Abrahão:

"Depois dessas coisas, pôs Deus Abraão à prova e lhe disse: Abraão! Este lhe respondeu: Eis-me aqui! Acrescentou Deus: Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei.

Levantou-se, pois, Abraão de madrugada e, tendo preparado o seu jumento, tomou consigo dois dos seus servos e a Isaque, seu filho; rachou lenha para o holocausto e foi para o lugar que Deus lhe havia indicado.

Ao terceiro dia, erguendo Abraão os olhos, viu o lugar de longe. Então, disse a seus servos: Esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós. Tomou Abraão a lenha do holocausto e a colocou sobre Isaque, seu filho; ele, porém, levava nas mãos o fogo e o cutelo. Assim, caminhavam ambos juntos.

Quando Isaque disse a Abraão, seu pai: Meu pai! Respondeu Abraão: Eis-me aqui, meu filho! Perguntou-lhe Isaque: Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?

Respondeu Abraão: Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto; e seguiam ambos juntos. Chegaram ao lugar que Deus lhe havia designado; ali edificou Abraão um altar, sobre ele dispôs a lenha, amarrou Isaque, seu filho, e o deitou no altar, em cima da lenha; e, estendendo a mão, tomou o cutelo para imolar o filho. Mas do céu lhe bradou o Anjo do Senhor: Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui!

Então, lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho.

Tendo Abraão erguido os olhos, viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos; tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho."

Gênesis 22.1-13

Não resta a menor dúvida de que Deus sempre coloca à prova aqueles que O seguem; não uma prova como a que fez com Abrahão, naturalmente, mas uma prova para que fique definida a nossa posição

em relação a Ele.

O resultado dessa prova estabelece também as respostas às nossas orações, porque Deus responde às nossas necessidades de acordo com a nossa resposta à Sua Palavra. É por isso que Ele disse ao profeta Eli: "... porque aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam serão desmerecidos." (1 Samuel 2.30).

Podemos exigir d'Ele o que quisermos, mas não podemos nos esquecer de que primeiro somos levados ao teste do coração. E infelizmente quase sempre temos sido reprovados, não por que não quiséssemos passar por ele, mas porque o nosso coração é muito enganador.

Deus tem uma balança especial para pesar o coração dos que O seguem. Essa balança tem determinado os diferentes tipos de seguidores; é ela que tem feito a diferença entre os que são muito, mais ou menos ou pouco abençoados neste mundo. É importante dizer isso porque muitos têm reclamado conosco o fato de estarem seguindo o Senhor Jesus há tanto tempo e pouca coisa ter sido acrescentada às suas vidas. Na verdade, a balança celestial do coração é que tem mostrado a Deus o que temos sido, e, de acordo com o resultado, vêm as respostas de Deus.

Vejamos, por exemplo, o apóstolo Pedro, que viveu lado a lado com o ministério do Senhor Jesus. Na hora em que foi provado, Pedro falhou. Também Tomé e todos os demais que se esconderam na hora em que mais o Senhor precisava deles. É claro que o Espírito Santo ainda não havia sido derramado, mas o mesmo não aconteceu com Maria, que foi ao túmulo procurar o corpo do Senhor.

Quantas são as pessoas que têm mais consideração com seus filhos, netos ou pais que com o Senhor Jesus? Quantas pessoas, cujos corações estão cada vez mais voltados para seus entes queridos têm ouvido a Palavra de Deus com freqüência?

Ora, é muito difícil encontrar uma pessoa neste mundo que seja capaz de passar por uma prova do tipo de Abrahão. E o foco pode não ser apenas entes queridos, mas dinheiro, posição social, nome e tudo o mais.

Assim como o coração físico bombeia o sangue para todo o corpo, a fim de mantê-lo vivo, também o coração espiritual, o lugar onde Deus fala ao homem e desenvolve o Seu relacionamento com ele, impulsiona o cristão a andar de acordo com a vontade de Deus e, conseqüentemente, produz a vida abundante na Terra e eterna no Céu.

Muitas pessoas crentes em Deus têm sido enganadas pelos próprios sentimentos. Elas crêem nas promessas de Deus de acordo com sua
capacidade intelectual, retendo a letra e resistindo ao Espírito da letra. Por exemplo: aprenderam a ler e entender os sentidos das palavras muito bem, mas, quando lêem a Bíblia, têm a compreensão fria daquilo que está escrito. Se a compreensão não penetrar no fundo do coração, ficando apenas arquivada na mente ou no intelecto, o resultado são atitudes tomadas por simples emoção intelectual.

Essa é a razão por que muitos têm cobrado de Deus as Suas promessas, mas não têm visto o resultado! As promessas de Deus somente se tornam concretas ou se cumprem na vida daqueles que crêem, não na mente ou no intelecto, mas no mais profundo do coração! Porque é nele que brotam as

verdadeiras atitudes de fé que removem montanhas e é também nele que o Espírito de Deus age. Deus faz a mais absoluta questão de ter o controle total do nosso coração! E as provas que Deus tem feito ao nosso coração são justamente para nos apontar por que nem sempre as Suas promessas se cumprem em nós.

Creio que a prova a que Abrahão foi submetido somente poderia ser aplicada a ele mesmo e a mais ninguém, simplesmente por causa do seu caráter de fé, confiança e obediência a Deus. O Senhor encontrou em Abrahão um caráter temente a Deus, por isso o engrandeceu!

A narrativa da prova de Abrahão aponta um coração transformado, diferente de antes, quando queria aquele filho. Naquela oportunidade, Abrahão mostrou um caráter audacioso, e, por que não dizer, temperamental! O seu desejo de ter um filho levou-o ao extremo, a ponto de perguntar: "...Senhor Deus, que me haverás de dar, se continuo sem filhos?..." (Gênesis 15.2).

Mas, no episódio da prova, ele se mostrou manso, humilde e, sobretudo, temente, porque não ousou fazer uma única objeção à ordem de Deus. Até de Sara, sua mulher, escondeu o que faria em função da sua obediência ao Senhor. Somente ele e Deus sabiam o que ia ser feito. Essa é a característica de um verdadeiro sacrifício: a individualidade da pessoa com Deus.

Outro fato que não poderia deixar de ser mencionado é que Abrahão só pôde avistar o lugar do sacrifício de longe, depois de andar três dias. E o Deus-Pai também teve de suportar de longe Seu Filho morto, até o terceiro dia. Abrahão não sabia que simbolizava o Deus-Pai e que o seu filho Isaque simbolizava o Deus-Filho. Deus provou Abrahão porque sabia que o seu coração era totalmente d'Ele e queria deixar um exemplo para os filhos de Abrahão na fé, personalidade que desejava usar para a manifestação da Sua glória neste mundo.

"Então, do céu bradou pela segunda vez o Anjo do Senhor a Abraão e disse: Jurei, por mim mesmo, diz o Senhor, porquanto fizeste isso e não me negaste o teu único filho, que deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar; a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos, nela serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeceste à minha voz."

Gênesis 22.15-18

Deus não tinha e não tem por quem jurar acima d'Ele, por isso, jurou por Si mesmo que abençoaria Abrahão por causa daquela atitude de obediência à Sua Palavra. Na verdade, também não precisava fazer juramento diante de Abrahão para que este cresse, pois a sua fé foi claramente demonstrada através da sua obediência.

Mas por que então Deus fez questão de jurar por Si mesmo? Do ponto de vista pessoal, creio que Ele reagiu assim à obediência de Abrahão para mostrar à Humanidade que também, mediante a obediência à Sua Palavra, há um juramento de Deus vigorando para que a Palavra se cumpra na vida de todo aquele que a pratica. Isto é ótimo!

Em outras palavras: Deus sentiu necessidade de jurar por Si mesmo a Abrahão que cumpriria todas as promessas em respeito à sua disposição de sacrificar Isaque. Também sentiu necessidade de jurar

para a Humanidade, só que de forma mais dolorosa: Ele sacrificou Seu Filho Jesus e O ressuscitou para garantir o cumprimento de todas as promessas a todos os que O aceitam como Senhor e Salvador!

i) A morte de Abrahão

É bem verdade que, quando lemos a Bíblia, pouco observamos o que aconteceu nas entrelinhas, e aí fazemos uma idéia de que os fatos narrados apontam, de certa forma, muitas facilidades nas atitudes dos seus heróis. Mas, ao pesquisarmos os fatos que levaram os heróis da fé a atitudes de coragem, verificamos o quanto realmente foram grandes diante de Deus.

A história da fé de Abrahão começou em meio a uma tremenda confusão de idolatria. Ur cultuava as mais variadas formas de deuses: Ninrode, que se levantou contra Deus, construiu a Torre de Babel e depois disso foi tratado como a principal deidade babilônica, sendo Marduque a forma comum do seu nome; Nina era um dos nomes da deusa-mãe de Ur e deu origem ao nome da cidade de Nínive.

Na cidade de Abrahão, havia a deificação da paixão sexual, cujo culto exigia licenciosidade; a "sagrada prostituição", que se praticava nos santuários, era costume geral entre as mulheres da Babilônia. Nos templos havia câmaras e lugares retirados, atraentes, onde as sacerdotisas mantinham cerimônias ignominiosas com os adoradores. Além dessas sacerdotisas-prostitutas, toda moça, esposa ou viúva, pelo menos uma vez na vida tinha que oficiar nesses ritos. E foi dessa desordem espiritual dos homens que se elevou Abrahão, exemplo de fé em Deus para as gerações através dos séculos.

Sara, sua mulher, viveu cento e vinte e sete anos, faleceu na terra de Canaã e lá mesmo foi sepultada: "Era Abraão já idoso, bem avançado em anos; e o Senhor em tudo o havia abençoado." (Gênesis 24.1).

Abrahão providenciou uma mulher para seu filho Isaque, chamada Rebeca, que ele desposou aos 40 anos. Mesmo sendo já avançado na idade, Abrahão teve forças para ainda desposar outra mulher, chamada Quetura, que lhe deu seis filhos, além de outros que teve com suas concubinas (Gênesis 25.6).

Abrahão deixou toda a herança que tinha para Isaque, além da maior, que foi a sua bênção. Isaque poderia se dar ao luxo de ficar sem absolutamente nada, porque só a fé que havia recebido de seu pai era suficiente para que construísse uma riqueza superior à dele.

Cremos ser essa a idéia principal que Deus nos tem passado através do Senhor Jesus. É uma promessa que, uma vez entronizada no coração, é capaz de trazer à existência tudo aquilo que não existe. Essa é a herança do Deus-Pai e a Sua bênção para todos, de maneira que Seus filhos fiquem livres para construir por si mesmos os seus sonhos aqui na Terra, dentro da vontade de Deus naturalmente.

Aos demais filhos Abrahão deu presentes e os separou de Isaque,
enviando-os para a terra oriental, porque não queria que Isaque, vivendo no meio deles, viesse a perder a visão espiritual que lhe havia sido transmitida: "Foram os dias da vida de Abraão cento e

setenta e cinco anos. Expirou Abraão; morreu em ditosa velhice, avançado em anos; e foi reunido ao seu povo.” (Gênesis 25.7,8).

A vida de Abrahão na Terra é exemplo para os que vivem de acordo com Deus. Quando a criatura vive assim, pode estar certa de que o seu futuro está garantido por Deus. A vida de Abrahão é lição para todas as gerações, e tem nas suas pegadas de fé a receita de como conseguir o sucesso. Assim foram os dias de Abrahão quando começou a andar com Deus.



Um tipo de pastor e seu rebanho

A vara e o cajado representam descanso e proteção.
Diz Davi em Salmos 23: “... a tua vara e o teu cajado me consolam.”



Monte do Templo

Nesse local, Abrahão levou seu filho Isaque para ser sacrificado, consoante à ordem de Deus. Aqui, também, Deus enviou o livramento



Monte Carmelo

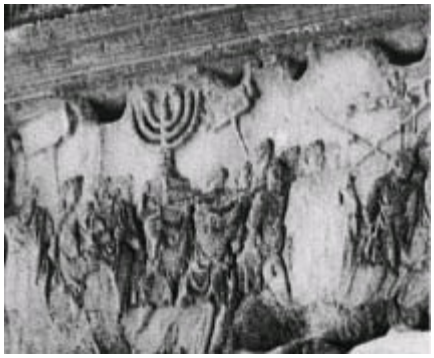
Aqui, o profeta Elias desafiou os profetas de Baal: “Então, invocai o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome do Senhor; e há de ser que o deus que responder por fogo esse é que é Deus...” (1 Reis 18.24)



Menorá

O candelabro com sete hastes simboliza os sete Espíritos de Deus ou as sete igrejas do Apocalipse. Originalmente em ouro puro (Êxodo 25.31), hoje é esculpido em pedra

e metais menos nobres



Capítulo 5

Aliança de Deus com Isaque

A Bíblia não entra em pormenores com respeito à aliança de Deus com Isaque, porém destaca a Sua aparição ao filho de Abrahão na terra dos filisteus:

"Apareceu-lhe o Senhor e disse: Não desças ao Egito. Fica na terra que eu te disser; habita nela, e serei contigo e te abençoarei; porque a ti e a tua descendência darei todas estas terras e confirmarei o juramento que fiz a Abraão, teu pai.

Multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e lhe darei todas estas terras. Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra; porque Abraão obedeceu à minha palavra e guardou os meus mandados, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis."

Gênesis 26.2-5

A aliança de Deus com Isaque e com todos os demais não teve a mesma característica da que Deus fez com Abrahão, pois, nesta, Deus iniciou a restauração da Humanidade através da construção de uma nova nação santa e preparada para receber o nascimento do Seu Filho, o Salvador de toda a Humanidade.

O pacto com Abrahão teve um cunho da Nova Aliança no sangue do Senhor Jesus, que, por sua vez, foi a última e definitiva aliança entre Deus e o homem. As demais alianças tiveram, como ponto fundamental, maior projeção da Palavra de Deus àqueles com quem Ele fazia o pacto. E assim se deu a aliança com Isaque.

Tendo em vista que a Terra estava passando pela fome, Isaque
transferiu-se para a terra de Gerar a fim de avistar-se com Abimeleque, o rei dos filisteus, quando o Senhor, lembrando-se da Sua aliança com Abrahão, veio a Isaque e renovou-lhe as promessas feitas a seu pai.

Uma promessa de Deus é a grande verdade escondida dos homens, que, uma vez descoberta, produz um resultado de vida abundante; por isso, o Senhor Jesus disse: "e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." (João 8.32).

Por isso também, o "Verbo se fez carne e habitou entre nós...", porque este "Verbo" nada mais é que a Palavra de Deus encarnada, à qual torna o homem imediatamente aliado de Deus, uma vez submetido a ela.

O que o ser humano precisa fazer para tornar-se sócio ou aliado de Deus é submeter-se à Sua Palavra, até porque, como poderiam dois andarem juntos, havendo discordância de pensamentos entre ambos? A Palavra de Deus uniformiza os nossos pensamentos, o nosso caráter, as nossas atitudes, de modo que nos tornamos à Sua imagem e semelhança.

a) Isaque na terra dos filisteus

Mesmo não tendo grande destaque entre os seus contemporâneos, Isaque foi um homem pacífico, que herdara de seu pai, Abrahão, os imensos rebanhos e manadas. Contudo, a sua maior riqueza não estava na herança material de seu pai, mas na espiritual; com certeza a fé que Abrahão passou para ele. É como os talentos que os pais passam para os filhos. Com essa fé e munido de uma aliança com Deus, ele não teve receio de entrar numa terra inimiga e desenvolver o seu potencial.

Diz a Bíblia que:

"Semeou Isaque naquela terra e, no mesmo ano, recolheu cento por um, porque o Senhor o abençoava. Enriqueceu-se o homem, prosperou, ficou riquíssimo; possuía ovelhas e bois e grande número de servos, de maneira que os filisteus lhe tinham inveja.

E, por isso, lhe entulharam todos os poços que os servos de seu pai haviam cavado, nos dias de Abraão, enchendo-os de terra. Disse Abimeleque a Isaque: Aparta-te de nós, porque já és muito mais poderoso do que nós."

Gênesis 26.12-16

Quando a pessoa tem a bênção de Deus, não importam as condições e o lugar onde está, porque a mão divina estará sempre sobre ela. Imagine o leitor como este homem foi bem-sucedido na terra dos filisteus: de cada semente
que plantou, colheu cem vezes mais.

O normal seria de cada semente colher, no máximo, quarenta vezes mais, mas Isaque colheu mais que o dobro, enfrentando os problemas críticos da falta de água, porque os filisteus enchiam de terra os poços que Abrahão deixara.

E o rei dos filisteus, sabendo que o Senhor era com Isaque, temeu-o e não ousou tentar fazer-lhe mal. Apenas lhe pediu que deixasse aquela região, uma vez que ele já estava muito mais poderoso que os próprios donos da terra.

Muitas vezes me pergunto: "Como seria a atitude dos cristãos de hoje se estivessem na situação de Isaque?" A verdade é que as gerações cristãs, nestes últimos tempos, estão cada vez mais acovardadas diante dos desafios que o Senhor Deus nos tem permitido passar neste mundo. A maioria dos cristãos de hoje está acuada diante das ameaças satânicas, e Deus nos tem dado o nome de Jesus, o Espírito Santo e as promessas de Jesus para avançar e conquistar todos os nossos direitos da aliança com Deus, mas poucos estão fazendo isso!

E por quê? Simplesmente porque existe um espírito de covardia reinando na Igreja do Senhor Jesus. Há medo do diabo, em vez de temor ao Senhor, e, por isso, a Igreja fica estagnada e emperrada no charco deste mundo.

A Bíblia afirma que: "Quem somente observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará." (Eclesiastes 11.4). E é exatamente isso o que a Igreja do Senhor Jesus está fazendo neste mundo! Ela se acanha diante das investidas do diabo e fica inoperante para a glória de Deus.

Isaque teve visão e entendimento: visão para ver que aquela terra era boa para semear e entendimento para saber que havia um pacto entre ele e Deus, e que, por isso mesmo, o seu investimento não podia dar errado, ainda que tivesse de suportar a inveja dos moradores daquela terra e todas as
demais dificuldades que lhe foram impostas. Tinha a certeza da vitória e era tudo de que precisava para semear. Este é o caráter do homem que agrada a Deus, e este é o caráter que Deus espera da sua Igreja!

b) A transmissão da bênção para Jacó

Numa família polígama, primogênito pode significar tanto o primogênito do pai quanto o primogênito de qualquer esposa em particular. A posição privilegiada do primogênito do pai era garantida pela lei de Moisés, que proibia o pai de preferir o primogênito de sua esposa favorita.

O primogênito sucedia ao pai como chefe da família e tinha autoridade patriarcal sobre seus irmãos. A ele era atribuída uma bênção especial do pai, tal qual fez Isaque com Jacó. O direito da primogenitura era mais importante que toda a herança do pai, porque significava assumir a própria autoridade deste.

Jacó tinha conhecimento do valor da primogenitura e, por isso,
perseguiu-a até alcançá-la; já Esaú, seu irmão, não deu tanto valor a essa bênção, desprezou-a por confiar mais na força do seu braço, pois como um perito caçador achava que poderia se dar ao luxo de viver muito bem sem que dela necessitasse.

A Bíblia nos descreve o acordo feito entre Esaú e Jacó:

“Tinha Jacó feito um cozinhado, quando, esmorecido, veio do campo Esaú e lhe disse: Peço-te que me deixes comer um pouco desse cozinhado vermelho, pois estou esmorecido. Daí chamar-se Edom.

Disse Jacó: Vende-me primeiro o teu direito de primogenitura. Ele respondeu: Estou a ponto de morrer; de que me aproveitará o direito de primogenitura?

Então, disse Jacó: Jura-me primeiro. Ele jurou e vendeu o seu direito de primogenitura a Jacó. Deu, pois, Jacó a Esaú pão e o cozinhado de lentilhas; ele comeu e bebeu, levantou-se e saiu. Assim, desprezou Esaú o seu direito de primogenitura.”

Gênesis 25.29-34

A bênção da primogenitura pode também ser interpretada como uma aliança que Deus se dispõe a fazer com todos os homens através do sacrifício do Senhor Jesus. E como Esaú, também os homens têm menosprezado essa oferta gratuita porque confiam mais no seu braço forte, na sua sabedoria e inteligência que na fé nas promessas de Deus.

Muitos têm feito alianças até com o diabo no afã de conquistar
sucesso financeiro e trocado a fé no Deus Vivo pela fé nos ídolos que têm boca, mas não falam; têm ouvidos, mas não ouvem; têm olhos, mas não vêem; têm pernas, mas não andam.

O povo de Israel também é um símbolo de Esaú, porque renegou o direito da primogenitura quando rejeitou o Filho de Deus, e esse direito passou àqueles que aceitam Jesus como Senhor.

Um outro fato muitíssimo importante concernente à bênção da primogenitura era o valor dado à palavra do pai para o filho primogênito. O momento em que o pai chamava o filho para lhe passar o direito da primogenitura era como se fosse o ato em que o pai assinaria o testamento em favor do filho. Esse momento era o mais esperado pelo filho, e acontecia quando o pai já estava com muita idade e prestes a morrer.

Foi o que aconteceu com Isaque que, chamando Esaú, disse-lhe:

"Estou velho e não sei o dia da minha morte. Agora, pois, toma as tuas armas, a tua aljava e o teu arco, sai ao campo, e apanha para mim alguma caça, e faze-me uma comida saborosa, como eu aprecio, e traze-ma, para que eu coma e te abençoe antes que eu morra."

Gênesis 27.2-4

Tendo ouvido essas palavras, Rebeca, mulher de Isaque, que amava mais a Jacó, chamou-lhe e deu ordens que tomasse dois bons cabritos do rebanho, vestisse as roupas de seu irmão Esaú e cobrisse as mãos e o pescoço com a pele dos cabritos como se fosse o próprio Esaú, porque Isaque, por ser muito velho, não podia enxergar. Obedecendo à sua mãe, Jacó apresentou-se diante do pai, dizendo ser Esaú. Então Isaque lhe disse:

"És meu filho Esaú mesmo? Ele respondeu: Eu sou. Então, disse: Chega isso para perto de mim, para que eu coma da caça de meu filho; para que eu te abençoe. Chegou-lho, e ele comeu; trouxe-lhe também vinho, e ele bebeu.

Então, lhe disse Isaque, seu pai: Chega-te e dá-me um beijo, meu filho. Ele se chegou e o beijou. Então, o pai aspirou o cheiro da roupa dele, e o abençoou, e disse: Eis que o cheiro do meu filho é como o cheiro do campo, que o Senhor abençoou; Deus te dê do orvalho do céu, e da exuberância da terra, e fartura de trigo e de mosto.

Sirvam-te povos, e nações te reverenciem; sê senhor de teus irmãos, e os filhos de tua mãe se encurvem a ti; maldito seja o que te amaldiçoar, e abençoado o que te abençoar."

Gênesis 27.24-29

A bênção da primogenitura já tinha sido comprada de Esaú, todavia, era necessário agora que seu pai tornasse válida a transferência, o que veio acontecer através do engano.

Na avaliação da qualidade moral do ato de Jacó, há que se considerar alguns fatos de fundamental importância para depois concluir se sua atitude foi ou não leviana:

1) Jacó foi obrigado pela mãe a adotar aquela atitude, arriscando tomar sobre si até a maldição que porventura Isaque viesse lançar sobre ele. Quer dizer: Jacó foi obediente à sua mãe.

2) Jacó desejou ardentemente o direito da primogenitura, isto é, valorizou justamente aquilo que seu

irmão desprezou. Portanto, fez por
merecer esse direito.

3) Não havia outra forma de conseguir o seu intento se não usasse da astúcia e coragem.

4) Deus já havia prometido e determinado a Rebeca que o mais
velho serviria ao mais moço quando eles lutavam no ventre dela.

5) Finalmente, o que mais justifica essa atitude de Jacó, a meu ver, foi a sua fé na palavra de seu pai Isaque. A crença nas bênçãos proféticas de seu pai para ele é o símbolo da convicção que devemos ter nas promessas de Deus hoje! E essa é a crença que nos justifica diante de Deus, a nossa fé. Portanto, a fé de Jacó o absolve de toda e qualquer atitude, mesmo que esta tenha sido tomada de forma irregular.

A pessoa, mesmo sendo justa, somente terá vida abençoada através da fé nas promessas de Deus. E Jacó sabia disso. Sabia que o seu futuro estava na boca de seu pai, e o perseguiu até conquistá-lo.

Esaú, que tinha tudo nas mãos, perdeu, por desprezar o seu direito da primogenitura, e, mais tarde, "...querendo herdar a bênção, foi rejeitado, pois não achou lugar de arrependimento, embora, com lágrimas, o tivesse buscado." (Hebreus 12.17).

O que aconteceu com Esaú tem acontecido com milhões de seres
humanos, infelizmente. Muitos somente se dão conta do desprezo que têm pelo amor a Deus quando não há mais tempo de salvação.

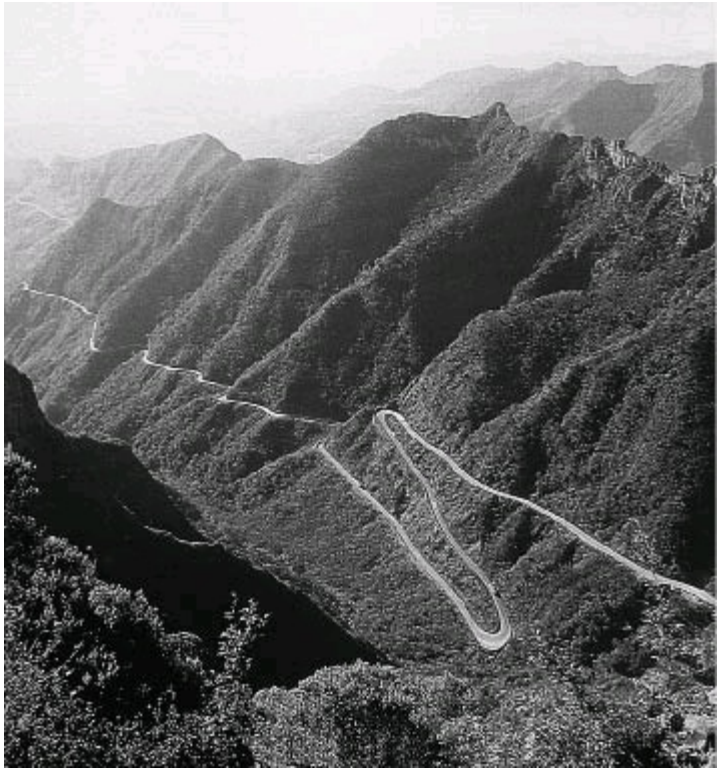
"Então, respondeu Isaque a Esaú: Eis que o constituí em teu senhor, e todos os seus irmãos lhe dei por servos; de trigo e de mosto o apercebi; que me será dado fazer-te agora, meu filho?

Disse Esaú a seu pai: Acaso, tens uma única bênção, meu pai?
Abençoa-me, também a mim, meu pai. E, levantando Esaú a voz, chorou.

Então, lhe respondeu Isaque, seu pai: Longe dos lugares férteis da terra será a tua habitação, e sem orvalho que cai do alto. Viverás da tua espada e servirás a teu irmão; quando, porém, te libertares, sacudirás o seu jugo da tua cerviz."

Gênesis 27.37-40

Os descendentes de Jacó realmente alcançaram posição avantajada entre as nações; e, no tempo próprio, veio a nascer o Salvador e Senhor Jesus Cristo. Enquanto isso, os descendentes de Esaú, os edomitas, estiveram submetidos a Israel durante um tempo e em seguida se libertaram; porém, desapareceram da História.



O Monte Tabor

Eleva-se a uma altura de 630m acima do nível do mar. Tem no seu cume 1 Km de extensão e 400m de largura. Este é o Monte da Transfiguração. Em Salmos 89, Davi conta que o "...o Tabor e o Hermom exultam em teu nome."

Capítulo 6

Aliança de Deus com Jacó

Como na aliança anterior, esta também não teve o mesmo rito que a de Deus com Abrahão, nem mesmo uma referência específica, mas nem por isso teve menor importância, e se realizou com a mesma força que as de seu avô e seu pai.

Quando Jacó se viu comprimido pelo ódio de seu irmão querendo matá-lo por ter-lhe roubado o direito da primogenitura, foi aconselhado pela mãe e abençoado pelo pai a fugir para a casa de Labão, irmão de sua mãe, em Padã-Arã, até que lhe cessasse o rancor:

"Partiu Jacó de Berseba e seguiu para Harã. Tendo chegado a certo lugar, ali passou a noite, pois já era sol-posto; tomou uma das pedras do lugar, fê-la seu travesseiro e se deitou ali mesmo para dormir. E sonhou: Eis posta na terra uma escada cujo topo atingia o céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela.

Perto dele estava o Senhor e lhe disse: Eu sou o Senhor, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque. A terra em que agora estás deitado, eu ta darei, a ti e à tua descendência.

A tua descendência será como o pó da terra; estender-te-ás para o Ocidente e para o Oriente, para o Norte e para o Sul. Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra.

Eis que eu estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra, porque te não desampararei, até cumprir eu aquilo que te hei referido."

Gênesis 28.10-15

Nessa primeira revelação de Deus a Jacó para uma aliança, há que se notar a forma como o Senhor Se identifica: "Eu sou o Senhor, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque". Ora, como poderia revelar-Se como Deus de Abrahão, seu pai, se o pai de Jacó era Isaque? Seria este um erro do autor das Escrituras Sagradas? Não! A verdade é que quando Se revela como o Deus de Abrahão, pai de Jacó, é que em Abrahão está a origem de todas as promessas de Deus para a Humanidade, tornando-se ele o nosso pai na fé e pai das heranças.

Quer dizer: a partir do momento em que a pessoa crê de todo o coração que o Senhor escolheu um homem que, por sua obediência, veio a tornar-se aliado d'Ele, para que juntos formassem um povo, uma nação separada de todas as demais, na qual viria a nascer Jesus, o Filho do Deus Altíssimo, o Salvador do mundo, então essa pessoa, pela fé no Senhor Jesus, torna-se filha de Abrahão e, conseqüentemente, herdeira de todas as promessas feitas a ele por Deus.

Isso não quer dizer que Abrahão seja mais importante que o Senhor Jesus, assim também como a virgem Maria não foi e não é mais importante que Ele. Contudo, foram os instrumentos da vontade de Deus para que o Seu Filho viesse ao mundo. Ora, assim como Deus considerou Abrahão pai de Jacó, Ele também o considera pai daqueles que têm em Jesus a sua fé. Este título de "pai" é no sentido estrito de "gerador das bênçãos".

a) As promessas de Deus a Jacó

Quando Deus fez aliança com Jacó, este tinha presumivelmente 77 anos, ainda era solteiro e a sua condição financeira era muito ruim, tendo em vista o fato de que, como fugitivo, não teve condições de levar nenhum bem do seu pai Isaque.

Além disso, vivia apavorado porque a qualquer momento poderia ser pego de surpresa pelo seu irmão Esaú, que se alimentava do veneno da
vingança. Essa situação de Jacó foi semelhante à de Isaque, na terra dos filisteus, e é a mesma situação de milhões de pessoas em todo o mundo, desesperadas pela doenças e enfermidades, fugitivas do estado de miséria e fome, sem nenhuma esperança no futuro, e o pior, ignorantes a respeito de um Deus Vivo, Grande e Poderoso, capaz de dar-lhes gratuitamente uma vida nova e abençoada.

Jacó, depois de ter andado pelo deserto durante todo o dia, parou num lugar para descansar, e tomando uma pedra, símbolo do Senhor Jesus, que é a Pedra Angular, deitou sua cabeça para dormir. Foi esse, meu amigo leitor, o segredo da vitória e o sucesso de Jacó com Deus.

Ele permitiu que o Senhor Deus dirigisse os seus pensamentos, porque atrás dos pensamentos vêm as atitudes de obediência e fé, e atrás das atitudes de obediência e fé, o cumprimento das promessas. Daí lhe veio a visão, a mesma que o Senhor Jesus prometera a Natanael, dizendo: "...Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem." (João 1.51). Vamos analisar por partes as promessas feitas por Deus a Jacó:

1) "A terra em que agora estás deitado, eu ta darei, a ti e à tua descendência"

É interessante como Deus age: às vezes, permite que sejamos levados pelas circunstâncias a lugares ermos, áridos e difíceis, sob todos os aspectos, e lá manifestamos o nosso desespero e aflição porque não temos idéia do Seu plano para nossas vidas.

Será que Ele se manifestaria daquela forma para Jacó se este não estivesse naquela situação? Observe o fato de que Deus estava prometendo toda aquela terra a alguém que estava dormindo sobre uma pedra. Jacó não tinha um travesseiro sequer para descansar a cabeça, e lá estava Deus lhe garantindo a posse de bênçãos financeiras, isto é, Deus estava firmando uma aliança financeira com ele.

Esse fato estava outra vez se repetindo porque Deus também teve que tirar Abrahão da sua terra, da casa de seu pai e da sua parentela para poder fazer dele o grande Abrahão. Ele precisou levar Isaque para a terra dos seus inimigos, a fim de agraciá-lo. E agora o mesmo acontece com Jacó, o fugitivo. E tudo isso aconteceu com um único propósito: abençoá-los.

De repente, o leitor está passando por um problema tão cruel, tão difícil, que não consegue enxergar a mínima condição de sair dele. Porém, Deus Se manifestou aos grandes heróis da fé justamente nesses momentos de maior aflição, simplesmente para poder mostrar o Seu Poder e a Sua Glória. Creia nisso, meu amigo leitor, tire proveito dessa situação e conheça o Verdadeiro Deus! É como o dito popular: "Do limão pode se fazer uma limonada!".

2) “A tua descendência será como o pó da terra; estender-te-ás para o Ocidente e para o Oriente, para o Norte, e para o Sul”

Novamente, o Senhor Se dirige a ele, não falando de bênçãos financeiras, mas de muitos filhos, tão numerosos, que não poderão viver juntos na mesma terra, daí a razão de se estenderem para o Ocidente e para o Oriente, para o Norte e para o Sul.

Imagine, Jacó não tinha nem mulher e o Senhor já estava lhe garantindo filhos como o pó da terra! É claro que podemos interpretar esse tipo de bênção como a bênção física, ou seja, a saúde, porque, como alguém pode gerar tantos filhos se é doente fisicamente? Deus está, nessa segunda promessa, firmando uma aliança de saúde divina com Jacó.

3) “Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as
famílias da terra”

Significa que, através de Jacó e de seus descendentes diretos, todas as famílias na Terra poderão ser abençoadas. É exatamente isso o que estamos vendo, pois através de Jacó veio o Salvador Jesus, pelo qual todas as pessoas, sem distinção de cor, sexo, idade, nacionalidade ou classe social, têm o direito de alcançar as mesmas bênçãos que foram determinadas para Jacó e seus descendentes.

Deus não foi e nem é egoísta de querer abençoar apenas um povo, não! Mas, através desse povo, Ele estende os privilégios a tantos quantos aceitarem fazer uma Aliança perpétua com Ele. Do contrário, apenas continuarão vivendo por viver. Esse tipo de bênção é a Nova Aliança no sangue do Senhor Jesus.

4) “Eis que eu estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra, porque te não desampararei, até cumprir eu aquilo de que te hei referido”

Nessa última promessa, Deus dá garantias de segurança a Jacó por onde quer que ele for, até cumprir toda aquela aliança. Esse tipo de bênção é a aliança da proteção divina. O Senhor Jesus deixou esta garantia para todos os seus seguidores, dizendo:

“Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.”

Mateus 28.18-20

b) O voto de Jacó

“Tendo-se levantado Jacó, cedo, de madrugada, tomou a pedra que havia posto por travesseiro e a erigiu em coluna, sobre cujo topo entornou azeite. E ao lugar, cidade que outrora se chamava Luz, deu o nome de Betel.

Fez também Jacó um voto, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar nesta jornada que empreendo, e me der pão para comer e roupa que me vista, de maneira que eu volte em paz para a casa de meu

pai, então, o
Senhor será o meu Deus; e a pedra, que erigi por coluna, será a Casa de Deus; e, de tudo quanto me concederes, certamente eu te darei o dízimo."

Gênesis 28.18-22

É impressionante como os personagens da Bíblia usaram de
elementos simples como símbolos para manifestar a fé. A pedra que Jacó usou como travesseiro simboliza o Senhor Jesus, no qual somos:

"edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito."

Efésios 2.20-22

O azeite derramado sobre a coluna simboliza a unção do Espírito Santo sobre a Pedra Fundamental.

Jacó certamente não sabia que o que estava fazendo era uma
cerimônia profética da instauração da Igreja do Senhor Jesus Cristo neste mundo sobre a Pedra Angular. O apóstolo Pedro também confessou, dizendo:

"...Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus.

Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela."

Mateus 16.16-18

Isso significa que essa revelação de que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus Vivo, não pode ser extraída de livros filosóficos ou de conhecimento intelectual, mas foi uma revelação do próprio Deus a Pedro. E a pedra sobre a qual o Senhor edificaria a Sua Igreja não é Pedro, mas, sim, a revelação de que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus Vivo!

Jacó afirmou que a pedra, que ele havia erigido por coluna, seria a Casa de Deus, ou seja, a Igreja do Senhor Jesus Cristo e chamada também de o Reino de Deus.

O voto de Jacó foi, sem sombra de dúvida, uma atitude de fé, ousadia e coragem, tal qual a do seu avô Abrahão. Podemos observar que, no início do voto, Jacó parece estar falando consigo mesmo, mas, ao término, na última frase: "e de tudo quanto me concederes, certamente eu Te darei o dízimo", está se dirigindo a Deus. Por quê?

Porque, no sonho, a manifestação de Deus era uma aliança com ele, mas, nessa resposta, Jacó estava propondo a si mesmo e, sobretudo a Deus, uma aliança condicionada à atitude de Deus em relação a ele! Se o Senhor cumprisse todas as Suas promessas, seria o seu Deus, e Jacó pagaria a décima parte de tudo o que lhe viesse às mãos, em sinal de sua aliança com Deus. Jacó já devia ter conhecimento

de que o dízimo é um sinal de aliança com Deus, razão pela qual ele mesmo se obrigou a pagá-lo.

c) Deus muda o nome de Jacó

Depois desses acontecimentos, Jacó chegou a Harã, terra onde habitava Labão, irmão de sua mãe Rebeca, e começou o seu sofrimento. Durante os vinte anos em que esteve lá, trabalhando para seu tio-sogro, foi-lhe imposta, por meio de logro, uma esposa que ele não desejava, assim como também conseguira a bênção de seu pai, Isaque, por meio do logro. Colheu exatamente o que havia semeado.

Ainda assim, o Senhor o abençoou, de forma que se tornou mais rico que o seu próprio patrão. Ele havia deixado Canaã vinte anos antes, sozinho e de mãos vazias. Agora, volta como príncipe tribal, rico em rebanhos, manadas e servos. Aquilo que o Senhor lhe prometera estava se cumprindo; e aquilo que era desejo do seu coração e pelo qual havia feito um voto ao Senhor também estava se realizando, pois em paz estava voltando a Canaã, depois de ter feito um trato com Labão, seu ex-patrão e sogro.

Resolvido esse problema, Jacó enviou mensageiros a Esaú, seu irmão, com a finalidade de reatar as relações de paz. Os mensageiros voltaram e o informaram que Esaú vinha ao seu encontro juntamente com quatrocentos homens. Jacó teve medo e orou ao Senhor, dizendo:

"...Deus de meu pai Abraão e Deus de meu pai Isaque, ó Senhor, que me disseste: Torna à tua terra e à tua parentela, e te farei bem; sou indigno de todas as misericórdias e de toda a fidelidade que tens usado para com teu servo; pois com apenas o meu cajado atravessei este Jordão; já agora sou dois bandos.

Livra-me das mãos de meu irmão Esaú, porque eu o temo, para que não venha ele matar-me e as mães com os filhos. E disseste: Certamente eu te farei bem e dar-te-ei a descendência como a areia do mar, que, pela multidão, não se pode contar."

Gênesis 32.9-12

Na oração acima, podemos sentir o desespero e angústia de Jacó, que reclamou de Deus o cumprimento da Sua aliança. Nem sempre, em nossas orações, apenas devemos exprimir os nossos queixumes e tormentos, mas sobretudo devemos reclamar os direitos e privilégios que temos com Deus por causa de uma aliança maior feita através do Senhor Jesus Cristo. Se Jacó obteve a vitória com Deus porque reivindicou as promessas feitas numa aliança, muito mais os verdadeiros cristãos têm o direito de receber todas as bênçãos prometidas, desde Abrahão até o Senhor Jesus Cristo, pela fé!

Em seguida, tomando as suas duas mulheres, as duas servas e os onze filhos, fê-los atravessar o vau do Jaboque (vau é um determinado lugar do rio onde se pode atravessar a pé. O rio Jaboque nasce na atual Amã, percorre cerca de duzentos e cinqüenta quilômetros e desemboca no rio Jordão):

"ficando ele só; e lutava com ele um homem, até ao romper do dia. Vendo este que não podia com ele, tocou-lhe na articulação da coxa; deslocou-se a junta da coxa de Jacó, na luta com o homem.

Disse este: Deixa-me ir, pois já rompeu o dia. Respondeu Jacó: Não te deixarei ir se me não abençoares. Perguntou-lhe, pois: Como te chamas? Ele respondeu: Jacó.

Então, disse: Já não te chamarás Jacó, e sim Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste. Tornou Jacó: Dize, rogo-te, como te chamas? Respondeu ele: Por que perguntas pelo meu nome? E o abençoou ali."

Gênesis 32.24-29

Há muitas conjecturas a respeito deste episódio entre Deus e Jacó, e não temos ainda uma definição clara a respeito. O que se pode constatar evidentemente é que de fato houve uma manifestação profunda de coragem e fé por parte de Jacó em relação a Deus através de uma luta, não corporal, é claro, mas de oração perseverante e de insistência, capaz de mover a mão de Deus na sua direção, e fazê-lo vitorioso.

Isso não ocorreu apenas no seu reencontro com Esaú, pois que este aceitou a paz com Jacó a ponto de confessar ter visto o rosto dele como se tivesse contemplado o semblante de Deus, mas, além disso, a mudança do seu próprio nome, uma vez que Jacó significa "usurpador", em virtude de ter usado a astúcia e o logro para ficar com o direito de primogenitura de seu irmão. Já Israel significa "aquele que luta com Deus", portanto, um grande nome.

A mudança do nome de Jacó significava a mudança de toda a sua vida em relação ao futuro dos seus descendentes, porque todos eles iriam conquistar as bênçãos de Deus, ou seja, tudo aquilo que lhes fora prometido em função de Israel, assim como ele, Israel recebeu as bênçãos em função de Abrahão e Isaque.

Essa é a idéia principal com relação às bênçãos de Deus para os cristãos que tomaram o nome do Senhor Jesus como a chave da Porta do Trono do Altíssimo. Significa dizer que, através desse Nome, tornamo-nos filhos e herdeiros de Deus da mesma forma dos israelitas, que se acharam com o direito de possuir Canaã pela promessa feita aos patriarcas Abrahão, Isaque e Israel.

Capítulo 7

Aliança de Deus com Moisés

Deus não apenas cumpriu as suas promessas a Israel enquanto este vivia, mas continuou cumprindo-as com os seus descendentes, especialmente através de um de seus filhos chamado José.

José era o filho primogênito de Jacó com Raquel, a mulher que lhe custou quatorze anos de trabalho sem remuneração. A mulher mais amada de Jacó lhe deu um filho também mais amado. E justamente José veio a ser a principal figura do Senhor Jesus no Antigo Testamento, pois assim como foi vendido pelos irmãos a alguns mercadores de escravos que iam para o Egito, por causa da inveja de ter sido o predileto de seu pai, Jacó, também o Senhor Jesus, pelo mesmo motivo, foi vendido para os principais dos judeus.

No que tange à injustiça a que José foi submetido, também o Senhor Jesus sofreu isso perante o Seu povo. José veio a ser o governador do Egito, depois de aprisionado; Jesus veio a ser o Rei dos reis e Senhor dos senhores após a Sua prisão, morte e ressurreição. José tornou-se o salvador de toda a sua família como governador e o Senhor Jesus, o Salvador de toda a Humanidade!

Tendo José trazido toda a sua família composta de setenta pessoas para o Egito, esta se multiplicou grandemente num período de quatrocentos e trinta anos, perfazendo cerca de três milhões de pessoas, de forma que se fortaleceram, causando preocupações a seus governantes:

"Entrementes, se levantou novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José. Ele disse ao seu povo: Eis que o povo dos filhos de Israel é mais numeroso e mais forte do que nós.

Eia, usemos de astúcia para com ele, para que não se multiplique, e seja o caso que, vindo guerra, ele se ajunte com os nossos inimigos, peleje contra nós e saia da terra.

E os egípcios puseram sobre eles feitores de obras, para os afligirem com suas cargas. E os israelitas edificaram a Faraó as cidades-celeiros, Pitom e Ramessés.

Mas, quanto mais os afligiam, tanto mais se multiplicavam e tanto mais se espalhavam; de maneira que se inquietavam por causa dos filhos de Israel; então, os egípcios, com tirania, faziam servir os filhos de Israel e lhes fizeram amargar a vida com dura servidão, em barro, e em tijolos, e com todo o trabalho no campo; com todo o serviço em que na tirania os serviam."

Êxodo 1.8-14

Essa era a condição do povo de Deus no Egito e esta continua sendo a mesma situação do povo cristão na face da Terra; quanto mais é afligido, tanto mais se multiplica e tanto mais se espalha. Aliás, cristianismo é sinônimo de perseguição na linguagem espiritual. Humanamente falando, é impossível servir ao Senhor Jesus sem que haja perseguição por parte daqueles que não O servem.

O povo de Israel no Egito era como o povo de Deus neste mundo caótico, isso porque Israel simboliza a Igreja do Senhor Jesus; o Egito, o mundo e o faraó, o diabo.

O povo de Deus crescia, se multiplicava e se tornava cada vez mais forte porque havia uma aliança de Deus com ele; assim também deve acontecer com a Igreja Cristã: tem de crescer, multiplicar e desenvolver o seu potencial como o verdadeiro braço de Deus neste mundo, a fim de estabelecer o Reino de Deus dentro dos corações de todos os que são sinceros na fé. Não importa a religião que a pessoa pratica; se o seu coração demonstra uma busca sincera para servir o Deus verdadeiro, com certeza Deus fará o possível para que ela tenha a chance de conhecê-Lo pessoalmente, como Ele é:

"Decorridos muitos dias, morreu o rei do Egito; os filhos de Israel gemiam sob a servidão e por causa dela clamaram, e o seu clamor subiu a Deus.

Ouvindo Deus o seu gemido, lembrou-se da sua aliança com Abraão, com Isaque e com Jacó. E viu Deus os filhos de Israel e atentou para a sua condição."

Êxodo 2.23-25

Deus não Se esquece de coisa alguma, pois não é homem para que tenha a memória limitada. Na verdade, sua lembrança da Aliança com Abrahão, Isaque e Jacó é uma forma de dizer que no tempo determinado, no tempo certo, atentou para a condição do seu povo, de acordo com as alianças feitas com seus antepassados.

a) A chamada de Moisés

Em todas as épocas, quando o povo de Deus se manifestou através de um clamor sincero, em espírito e em verdade, Deus também respondeu de maneira clara e objetiva, levantando um servo ungido com a finalidade de resgatar aquele povo que O invocou. De fato, a resposta de Deus para o Seu povo, que parecia tão demorada, na realidade já acontecera, com o nascimento de Moisés.

Deus também esperou o momento adequado para entrar em ação através daquele servo, que, por sua vez, estava sendo treinado para servi-Lo. Muitas vezes, em meio a angústias, invocamos o Senhor esperando Suas respostas imediatas; quase nunca Lhe damos o tempo necessário para nos responder. Mas uma coisa é certa: a Sua resposta sempre vem no tempo oportuno! Nem antes, nem depois. Moisés foi a resposta de Deus ao Seu povo, Israel.

Moisés era da tribo de Levi, portanto, da tribo dos sacerdotes. Sua mãe chamava-se Joquebede, seu pai, Anrão, e a sua irmã, Miriã. Naqueles dias, o rei do Egito ordenara que as parteiras hebréias matassem todos os meninos nascidos no reino e deixassem apenas as meninas com vida, porque temia que os meninos pudessem gerar maior número de israelitas e fortalecê-los ainda mais naquela terra.

Por isso, quando Moisés nasceu, esconderam-no por três meses. Não podendo, porém, escondê-lo por mais tempo, sua irmã Miriã colocou-o num cesto calafetado e largou-o à beira do rio, justamente onde a filha do Faraó descia para banhar-se. Vendo o cesto no rio, ela pediu a sua criada que o recolhesse.

Abrindo-o, viu a criança; eis que o menino chorava e ela teve compaixão dele. Foi aí que Miriã se aproximou e perguntou à filha do Faraó se queria que uma das hebréias servisse de ama e criasse o menino. Diante da resposta afirmativa, Miriã chamou sua própria mãe e de Moisés, que além de ter o

prazer de criar o filho, contaria com a proteção da filha do Faraó e ainda receberia um salário por isso.

Joquebede não tinha conhecimento dos provérbios de Salomão, que nem existiam ainda, mas ela sabia perfeitamente, na prática, o que estava escrito: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.” (Provérbios 22.6).

Sendo uma mulher sábia, educou Moisés no caminho do Deus de Abrahão, de Isaque e de Jacó; passou-lhe o espírito de temor pelo Deus de Israel e o ensinou a guardar a Sua Palavra até o momento em que o menino se fez grande e apto para o ensino dos homens.

Em seguida, Moisés foi entregue à filha do Faraó que completou a sua educação visando ao reinado do Egito. Ele recebeu toda a instrução da literatura dos egípcios, que nesse tempo excediam em civilização a qualquer outro povo do mundo. Porém, tudo isso estava perfeitamente dentro da resposta de Deus para o Seu povo.

Moisés viveu cerca de quarenta anos dentro do palácio do Faraó, e acredita-se que, quando homem feito, foi designado para exercer uma função militar importante no governo do Egito e chegou a comandar um exército
no Sul do país. Com certeza, deve ter conquistado autoridade e reputação consideráveis entre seus contemporâneos. Mas, jamais esqueceu suas
origens, de maneira que, ao ver um egípcio espancar um hebreu, matou o egípcio e o escondeu na areia.

No dia seguinte, quando foi separar uma briga entre dois hebreus, um deles perguntou: “...Quem te constituiu autoridade e juiz sobre nós? Acaso, queres matar-me, como fizeste ontem ao egípcio?” (Atos 7.27,28). Certo de que já sabiam o que tinha feito, temeu e fugiu da presença do Faraó para o território midianita.

A posição de Moisés era realmente privilegiada, pois era o único israelita em todo o Egito com regalias. Era livre, respeitado por todos os egípcios e, sobretudo, um futuro brilhante o esperava, pois acredita-se que a filha do Faraó, Hatchepsute, que o tomou das águas do rio Nilo, veio a ser a primeira grande rainha da História.

Moisés poderia estar dividido em si mesmo, face a sua situação. Entretanto, o Senhor Deus o colocou à prova antes de chamá-lo, e foi justamente o fato de se rebelar com a opressão de um egípcio a um israelita que mostrou a Deus que ele estava preparado para passar à segunda parte preparatória e fazer a Sua vontade.

Naturalmente, não deve ter sido nada fácil para Moisés fazer a sua escolha, porém, a voz da fé, que sempre fala mais alto, mesmo nas situações mais difíceis da vida, foi decisiva para que até hoje possamos ver quão
grande foi esse homem. Ele renunciou ao reinado do Egito; sacrificou toda a sua vida de príncipe egípcio para tornar-se um andarilho fugitivo no deserto, exclusivamente pela fé no Deus de seu pai, Abrahão.

Quantas pessoas há neste mundo, que, pelo sucesso financeiro ou por uma vida regalada, assumem pactos com o próprio Satanás, jurando dar-lhe suas almas em troca do que é tão passageiro!

Moisés tinha o que todos os homens de Deus têm: visão! Sabia que a glória do presente não poderia ser comparada com a glória do futuro, e, por isso, fez a escolha certa. Ele acertou com Deus, apostou nas Suas promessas eternas e não foi decepcionado. Hoje, quando se fala no seu nome e nos seus feitos, a Humanidade silencia em sinal de respeito à sua fé em Deus; e não são poucas as pessoas que têm-se espelhado na vida desse homem para vencer as dificuldades cotidianas.

Ao longo da história dos heróis da Bíblia, podemos observar que até as suas falhas e erros transformaram-se em acertos porque tinham uma intenção pura no coração e estavam voltados para servir a Deus.

Depois de quarenta anos de vida palaciana, Moisés foi levado pelas circunstâncias a enfrentar mais quarenta anos de deserto, e tudo isso dentro do plano perfeito de Deus para ele assumir a liderança de três milhões de pessoas, como estadista, legislador, conselheiro e mediador entre Deus e os homens.

Em Midiã, conheceu a sua mulher, Zípora, filha de Jetro, sacerdote na região, o que leva a crer que Jetro realmente era um sacerdote do Deus de Abrahão.

Durante quarenta anos, Moisés alargou seus conhecimentos religiosos, familiarizou-se com as formas de culto, conheceu os caminhos do deserto, seus segredos e os recursos naturais que ali havia, além de estudar o clima do deserto e os costumes do povo midianita. Certamente todas as dificuldades apresentadas pelo deserto foram de substancial importância para o aprendizado de Moisés, que aprendeu como pastor de ovelhas do seu sogro, para mais tarde servir como pastor de ovelhas de Deus.

Depois que Moisés ficou preparado física e espiritualmente para a obra determinada pelo Senhor, Deus apareceu a ele pela primeira vez para designar a sua tarefa:

“Apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Midiã; e, levando o rebanho para o lado ocidental do deserto, chegou ao monte de Deus, a Horebe. Apareceu-lhe o Anjo do Senhor numa chama de fogo, no meio de uma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia.

Então, disse consigo mesmo: Irei para lá e verei essa grande maravilha; por que a sarça não se queima? Vendo o Senhor que ele se voltava para ver, Deus, do meio da sarça, o chamou e disse: Moisés! Moisés! Ele respondeu: Eis-me aqui!

Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa. Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus.

Disse ainda o Senhor: Certamente, vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento; por isso, desci a fim de livrá-lo da mão dos

egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel; o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu.

Pois o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito. Então, disse Moisés a Deus: Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?

Deus lhe respondeu: Eu serei contigo; e este será o sinal de que eu te enviei: depois de haveres tirado o povo do Egito, servireis a Deus neste monte. Disse Moisés a Deus: Eis que, quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi?

Disse Deus a Moisés: Eu Sou o Que Sou. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vós outros. Disse Deus ainda mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração.

Vai, ajunta os anciãos de Israel e dize-lhes: O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me apareceu, dizendo: Em verdade vos tenho visitado e visto o que vos tem sido feito no Egito.

Portanto, disse eu: Far-vos-ei subir da aflição do Egito para a terra do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu, para uma terra que mana leite e mel.

Respondeu Moisés: Mas eis que não crerão, nem acudirão à minha voz, pois dirão: O Senhor não te apareceu.

Perguntou-lhe o Senhor: Que é isso que tens na mão? Respondeu-lhe: Um bordão. Então, lhe disse: Lança-o na terra. Ele o lançou na terra, e o bordão virou uma serpente. E Moisés fugia dela.

Disse o Senhor a Moisés: Estende a mão e pega-lhe pela cauda (estendeu ele a mão, pegou-lhe pela cauda, e ela se tornou em bordão); para que creiam que te apareceu o Senhor, Deus de seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó.

Disse-lhe mais o Senhor: Mete, agora, a mão no peito. Ele o fez; e, tirando-a, eis que a mão estava leprosa, branca como a neve. Disse ainda o Senhor: Torna a meter a mão no peito. Ele a meteu no peito, novamente; e, quando a tirou, eis que se havia tornado como o restante de sua carne.

Se eles te não crerem, nem atenderem à evidência do primeiro sinal, talvez crerão na evidência do segundo. Se nem ainda crerem mediante estes dois sinais, nem te ouvirem a voz, tomarás das águas do rio e as derramarás na terra seca; e as águas que do rio tomares tornar-se-ão em sangue sobre a terra.

Então, disse Moisés ao Senhor: Ah! Senhor! Eu nunca fui eloqüente, nem outrora, nem depois que falaste a teu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua.

Respondeu-lhe o Senhor: Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor?

Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar. Ele, porém, respondeu: Ah! Senhor! Envia aquele que hás de enviar, menos a mim.

Então, se acendeu a ira do Senhor contra Moisés, e disse: Não é Arão, o levita, teu irmão? Eu sei que ele fala fluentemente; e eis que ele sai ao teu encontro e, vendo-te, se alegrará em seu coração.

Tu, pois, lhe falarás e lhe porás na boca as palavras; eu serei com a tua boca e com a dele e vos ensinarei o que deveis fazer. Ele falará por ti ao povo; ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus. Toma, pois, este bordão na mão, com o qual hás de fazer os sinais."

Êxodo 3 e 4.1-17

A coisa mais maravilhosa que aconteceu com Moisés foi esse encontro com Deus, que certamente nunca teria ocorrido enquanto ele permanecesse no palácio do Faraó. Aliás, esta parece ser uma regra geral, porque Deus nunca Se manifestou aos sábios, entendidos e poderosos, como o próprio Senhor Jesus exclamou: "Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos." (Mateus 11.25).

Quando Moisés teve o encontro com Deus, a sua condição era a mais simples e a mais humilde que o ser humano poderia ter naquela época, pois sua ocupação era a de pastor das ovelhas de seu sogro, mas quando ele desceu do Monte Sinai, da sua condição de pastor de ovelhas e servo do sogro, passou a líder de uma nação de três milhões de pessoas que estavam na escravidão.

A partir daquele instante, o futuro do povo de Israel estava sob a sua responsabilidade; exclusivamente dele dependia a libertação do povo, já que condições espirituais não lhe faltavam, pois recebera a autoridade do próprio Deus de Abrahão para executar a libertação da nação.

Não há a menor chance de o homem tornar-se absolutamente livre, se não for através de um encontro pessoal com Deus, através do Seu Espírito. Moisés tinha uma formação perfeita, não apenas na lei religiosa de seu povo, mas também nos conhecimentos gerais da sociedade mais evoluída do mundo naquela época. Ele era de fato um homem de formação intelectual elevada e informação perfeitamente adequada ao seu tempo, mas a sua situação no encontro com Deus era de um simples empregado.

Talvez o meu amigo leitor esteja nas mesmas condições de Moisés neste exato instante: tem amplo conhecimento disto e daquilo, com formação intelectual e um grande potencial acumulado para sobrepujar todas as dificuldades da vida. Contudo, neste momento, parece estar amarrado e preso pelas circunstâncias sem saber que direção tomar para sair desta situação. A história de Moisés, que Deus nos permitiu conhecer, não é para somar aos nossos conhecimentos gerais; de forma nenhuma! Pelo contrário, temos de tirar o seu exemplo para o nosso próprio proveito.

Há que se seguir os seus passos, tendo o cuidado de desviar dos seus erros, até conquistar o que

Moisés conquistou através da fé viva no Deus Vivo. É impossível para o homem continuar na mesma situação, após um real encontro com Deus. A maioria tem comido com as mãos dos outros, ou seja, tem fundamentado suas vidas pelas informações de terceiros a respeito de Deus, porém nunca O conheceu pessoalmente.

Os religiosos têm insistido em empurrar seu Deus desconhecido para outras pessoas; falam da obrigação de amar a Deus sobre todas as coisas... Todavia, como se pode amar quem não se conhece? É possível amar
alguém totalmente desconhecido? É claro que não!

Seria a mesma coisa de a pessoa confessar que adora um prato que nunca viu ou comeu! É justamente nesse aspecto que as pessoas estão errando com a sua fé. Têm fé! Mas, em quem?

Ora, Moisés ouvira durante os seus 80 anos a respeito do Deus de Abrahão, de Isaque e de Israel, porém, todo o seu conhecimento a respeito d'Ele não foi suficiente para resgatar o seu povo das mãos do Faraó. Ele precisou ter uma experiência pessoal com Deus para descobrir suas próprias forças e então executar a vontade do Pai, garantida pela Sua Palavra! Quando a pessoa se encontra com Deus, descobre a liberdade porque passa a depender de si mesma e, sobretudo, de Deus.

Lembro-me que durante dezesseis anos vivi amarrado a um emprego público. Comecei como mensageiro e cheguei até o posto de chefe de tesouraria. Durante todos esses anos me esforçava para conquistar um lugar ao sol; empenhei-me com todas as forças para vencer, mas não consegui como deveria, porque havia e há uma politicagem desgraçada dentro dos serviços públicos, e as injustiças são uma constante, mesmo para quem se esforça, servindo até de "pé-de-boi", sempre à espera de uma promoção.

É claro que aqueles que recebiam, sem trabalhar, seus altos salários em casa, foram sempre os mais privilegiados. Eram os apadrinhados de políticos, que davam até nojo quando esporadicamente apareciam na repartição. E desgraçadamente a mesma coisa tem acontecido com todas as demais repartições públicas e privadas; enquanto uns trabalham como verdadeiros escravos, sem recompensa, outros desfrutam salários de causar inveja até mesmo aos marajás.

Até que um dia, depois de ter conhecido o verdadeiro Deus, descobri que, se quisesse realmente vencer na vida, tinha de contar comigo mesmo, mas, acima de tudo, com Ele!

E é justamente esta a proposta da Igreja Universal do Reino de Deus para todos os povos: fazer as pessoas dependerem exclusivamente de si mesmas e sobretudo de Deus, porque, quando dependem dos outros, estes outros também vivem na dependência de outros ainda, e assim forma-se uma corrente de dependência uns dos outros, e, no final, ninguém conquista coisa alguma, a não ser os espertalhões apadrinhados!

Quando a pessoa tem uma experiência com Deus, passa a confiar mais em si mesma e, acima de tudo, nas promessas de Deus. Ela abandona a dependência de terceiros e passa a lutar na certeza de que vai conquistar as coisas por si mesma, porque sabe que maior é Aquele que está nela do que aquele que está no mundo! E "porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé." (1 João 5.4).

Somos um país de 500 anos. A primeira coisa que se fez nesta terra foi a celebração de uma missa. Até hoje as missas são celebradas e nada aconteceu conosco. Continuamos a ser um povo dependente! Antes éramos dependentes de Portugal, agora somos dependentes dos sete países mais ricos do mundo: EUA, Inglaterra, Itália, Alemanha, Japão, França e Canadá. Quer dizer: outrora éramos escravos de um país, hoje somos de sete. Se continuarmos neste mesmo ritmo, seremos escravos do mundo inteiro, mesmo com visitas constantes do papa, com missas e tudo o mais. Eu pergunto: até quando?

É preciso dar um basta nesta situação; não que devamos pegar em armas e fazer uma revolução, pois como está escrito em Zacarias 4.6: "...Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos."

Mas somente tendo uma experiência com Deus é que estaremos livres completamente. Aí não mais comeremos com as mãos de ninguém! Não mais ficaremos na expectativa do conhecimento de Deus através de outros, mas O conheceremos exatamente como Ele é, pela nossa própria experiência! Que maravilha! O Brasil precisa conhecer o Deus Vivo! Deixar de lado a idolatria e se voltar para o mesmo Deus de Abrahão, de Isaque e de Israel.

Oito anos antes do Brasil, os EUA foram descobertos, e hoje, apesar de ser um país em decadência, ainda assim continua sendo o primeiro do mundo. Será que nós, brasileiros, não temos condições de fazer o Brasil o maior do mundo? É claro que sim!

O nosso país é o maior do mundo em riquezas naturais, todavia é
o menor do mundo na mentalidade, porque tem cultuado as entidades do paganismo , que não falam, não ouvem ou vêem! E, ainda, quando a família se muda para outra casa, tem de carregá-las nos braços! Quando tomam poeira, tem que se esfregar um espanador nas suas "fuças" para limpá-las! Ora, meu caro leitor, onde já se viu maior ignorância?

Fazer da arte e imaginação de muitos que praticam o sexo de forma ilícita, toxicômanos e depravados, imagens de entidades, cujos autores
jamais tiveram uma oportunidade sequer de conhecer a Palavra de Deus libertadora, é o maior desaforo para Deus! É o absurdo dos absurdos o que o povo tem aprendido a fazer durante cinco séculos, e não há quem
denuncie essa aberração. Quando aparece alguém que se dispõe a fazê-lo, vêm as dondocas babilônicas – expressão exata do farisaísmo do tempo
do Senhor Jesus –, usando do poder da influência política, e fazem de tudo para tentar calar-lhe a voz, chegando ao cúmulo de colocá-lo na prisão sem justificativa alguma.

Deus estabeleceu as regras para Moisés, garantiu a Sua promessa com ele e mandou-o ir à luta! Assim também é com todos os que ousam confiar n'Ele através da Sua Palavra! Ele dá as condições; porém, nós é que temos de tomar as atitudes!

b) Aliança na Páscoa

Com a autoridade de Deus e tendo seu irmão, Arão, como seu interlocutor, voltou Moisés para o Egito com a missão de libertar o povo do jugo do Faraó. Quando chegaram diante do Faraó e falaram

como o Senhor lhes ordenara, o rei do Egito quis que eles dessem um sinal do Deus de Israel:

"...lançou Arão o seu bordão diante de Faraó e diante dos seus oficiais, e ele se tornou em serpente. Faraó, porém, mandou vir os sábios e encantadores; e eles, os sábios do Egito, fizeram também o mesmo com as suas ciências ocultas.

Pois lançaram eles cada um o seu bordão, e eles se tornaram em
serpentes; mas o bordão de Arão devorou os bordões deles."

Êxodo 7.10-12

O diabo tem estado milhões de anos na frente do ser humano, por isso não se pode e nem se deve subestimar a astúcia que ele tem usado para enganar, se possível, até os escolhidos de Deus, quanto mais aqueles que não têm o mínimo conhecimento da verdade...

Nessa passagem, por sinal, muito importante, porque Deus nos concede o entendimento de como o diabo tem iludido os seus filhos, vemos que ele tem procurado imitar Deus com suas artes de magia e ciência oculta. O Senhor Deus permitiu que as varas dos sábios e encantadores se transformassem em serpentes, tal qual a vara de Arão; e a mesma coisa aconteceu quando Arão feriu as águas que estavam no rio, à vista do Faraó e de seus oficiais; e toda a água do rio se tornou em sangue.

Os magos também conseguiram imitar a primeira praga e até a
segunda praga das rãs, mas não conseguiram retirá-las do Egito como fez Moisés. O diabo está sempre pronto para confundir as pessoas com as suas ciências ocultas, e, diga-se de passagem, consegue até uma grande receptividade entre as sociedades do mundo inteiro, porque os curiosos e profundamente vaidosos acham que pelo fato de estarem se aprofundando no estudo das ciências ocultas e dos mistérios inexplicáveis vão chegar ao descobrimento da razão de todas as coisas antes dos que acatam a Palavra de Deus de forma simplória.

Os sábios e entendidos deste mundo não sabem o que está determinado nas Sagradas Escrituras: "As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre..." (Deuteronômio 29.29).

Além do mais, foi a curiosidade que levou Adão e Eva à desobediência e à rebeldia a Deus. O espírito que os levou à desgraça é o mesmo que paira sobre os que refutam a simplicidade da Palavra de Deus para se agarrar às fábulas engenhosas do ocultismo.

Na verdade, o ocultismo jamais deixará de ser oculto, porque, quando for revelado, não terá mais pesquisadores e, conseqüentemente, o diabo perderá o seu filão. Ora, essa ignorância descabida não é apenas como um poço sem fundo, mas o que é pior: quanto mais a pessoa se aprofunda em querer descobrir as coisas ocultas, mais distante estará das coisas reveladas por Deus através do Seu Filho Jesus. É isso que prejudica a pessoa envolvida com o ocultismo. Além de atrair sofrimento e dor sobre si e sua família, mais distante da luz estará e mais difícil será para retornar.

O Senhor Jesus advertiu os Seus discípulos quando disse: "porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos." (Mateus

24.24).

Deus permitiu que os magos do Egito executassem os mesmos três primeiros sinais que Arão produziu diante do Faraó, justamente como exemplo da astúcia do diabo. Mas, por mais astucioso que ele seja, ainda assim os que vivem e dependem da fé no Deus de Abraão sempre superam as suas artimanhas com o poder do nome do Senhor Jesus.

As dez pragas que Deus enviou sobre o Egito tinham a intenção de punir os supostos deuses egípcios, para mostrar, não apenas àquele povo que os adorava, mas a todos os demais povos do mundo inteiro, que os
deuses em que eles criam e crêem não passam de um engodo diabólico com a finalidade de tentar impedi-los de crer no Único e Verdadeiro Deus.

O rio Nilo, por exemplo, era considerado um deus e fora transformado em sangue, de forma que os peixes todos morreram. O Nilo não pôde preservar a vida dos animais da região. Tornou-se podre e fedorento. Assim Deus
envergonhou tanto o rio Nilo como os seus adoradores. Animais como o
touro, uma das principais divindades do Egito, o carneiro, a vaca, o abutre, o falcão, o gavião, o crocodilo, o bode, o macaco, a rã, a serpente e o gato eram considerados deuses, assim como o Sol, os faraós, etc.

Hoje, os deuses, na sua maioria, não são representados por animais, porque estes já foram muito envergonhados no passado. Com astúcia, o diabo arranjou uma série de supostas aparições de pessoas, que vieram substituir os animais cultuados como deuses no passado.

Esses deuses foram tão bem-aceitos pela Humanidade, que os
espertalhões endiabrados até resolveram montar fábricas de imagens, porque o negócio é altamente lucrativo. Qualquer empreendimento hoje em dia corre o risco de prejuízo ou falência, mas as fábricas de imagens jamais passam por esse risco; enquanto houver bobocas idólatras no mundo, as imagens em série continuarão a ser a melhor opção financeira!

As rãs, que eram deuses do Egito, mediante a ordem de Moisés, saíram do Nilo em grande quantidade e invadiram as casas, os quartos de dormir e as cozinhas, numa clara demonstração do poder de Deus, enchendo toda aquela terra de deuses que os egípcios adoravam, até que estivessem tão cheios deles que o próprio Faraó rogou a Moisés que tirasse aquelas rãs do meio de seu povo. Deus, atendendo a Moisés, retirou as rãs, mas o coração do Faraó continuou endurecido.

Moisés, então, fez vir a praga dos piolhos, que atacaram não só o povo egípcio, mas também todos os animais, especialmente os considerados
deuses. E novamente Deus envergonhou aqueles deuses e os seus adoradores: como pode um deus ser atacado por piolhos?

Da mesma forma aconteceu quando as moscas invadiram o Egito e não deram sossego nem aos animais-deuses nem aos egípcios, que não podiam comer sem que aqueles insetos nojentos estivessem fazendo parte de suas refeições.

Quando veio a peste sobre os animais, os que eram super sagrados foram todos infectados e houve grande mortandade. Assim, mais uma vez, Deus provou àquela sociedade mais avançada do mundo que os seus deuses não prestavam. E assim aconteceu com a praga das úlceras, da chuva de pedras, dos gafanhotos e até as trevas que foram capazes de anular o poder do Sol, também considerado como deus, durante três dias consecutivos. Deus envergonhou cada linhagem dos deuses egípcios e os seus adoradores fiéis.

Será que o Senhor Deus mudou a maneira de agir em relação aos deuses deste mundo idólatra? É claro que não! Creio que os espíritos imundos que tanto têm causado dissabores e desgraças na face da Terra devem ser envergonhados diante de todos os povos e nações, a fim de que todo o mundo saiba que só o Senhor é Deus!

Interessante é que todas as pragas que atingiram em cheio os egípcios e que pela ordem natural das coisas deveriam atingir também o povo de Israel passaram longe dos israelitas, justamente para que todos vissem a distinção entre os que servem ao Deus Vivo e os que servem aos deuses criados pela arte e imaginação do homem, inspirado pelo diabo.

Temos visto e sabido de várias pestes e epidemias, sobretudo a mais temível de todas até hoje: a Aids. Não creio que Deus esteja fazendo conosco o mesmo que fez no Egito, mas acredito, sim, que a Humanidade está colhendo o fruto da semente que tem semeado.

As pragas lançadas sobre o Egito tinham a finalidade de resgatar o povo das garras da escravidão e fazê-lo uma nação livre e santa para a glória de Deus. As pragas de hoje não são enviadas por Deus, mas pelo diabo, que vê os seus dias contados com a aproximação do fim deste século.

Então, ele procura usar os seus recursos diabólicos somados aos seus fiéis seguidores para destruir a Humanidade. Os que têm sido fiéis, fazendo parte do corpo da verdadeira Igreja, cujo cabeça é o Senhor Jesus Cristo, e andado nas Suas pegadas através da obediência à Palavra, certamente não precisam temer:

“Disse o Senhor a Moisés e a Arão na terra do Egito: Este mês vos será o principal dos meses; será o primeiro mês do ano. Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro, segundo a casa dos pais, um cordeiro para cada família. (...)

O cordeiro será sem defeito, macho de um ano; podereis tomar um
cordeiro ou um cabrito; e o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde.

Tomarão do sangue e o porão em ambas as ombreiras e na verga da porta, nas casas em que o comerem; naquela noite, comerão a carne assada no fogo; com pães asmos e ervas amargas a comerão.

Não comereis do animal nada cru, nem cozido em água, porém assado ao fogo: a cabeça, as pernas e a fressura. Nada deixareis dele até pela manhã; o que, porém, ficar até pela manhã, queimá-lo-eis.

Desta maneira o comereis: lombos cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão; comê-lo-eis à

pressa; é a Páscoa do Senhor.

Porque, naquela noite, passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até aos animais; executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor.

O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito."

Êxodo 12.1-13

Nove pragas já tinham sido derramadas sobre o Egito e os seus deuses. Tanto o povo egípcio como o israelense estavam mais que convencidos de que Moisés era realmente o profeta que Deus enviara para libertar o Seu povo daquele jugo satânico, e até os oficiais do Faraó estavam convencidos disso, pelo respeito que tinham por Moisés e Arão. O mesmo não acontecia com o Faraó, que mantinha o seu coração endurecido. Era plano de Deus que ninguém saísse do Egito sem ficar definitivamente registrado na história da Humanidade, como testemunho vivo para todos os povos e nações de que só o Senhor é Deus.

Deus instruiu os Seus servos quanto à cerimônia a ser realizada antes do evento da última praga. A cerimônia era justamente a Sua aliança com aquele povo escravizado, como a Nova Aliança realizada na Santa Ceia do Senhor. O cordeiro ou o cabrito macho e sem defeito significando o sacrifício vicário do Senhor Jesus. A perfeição representava Aquele que viria a se sacrificar pela Humanidade. O animal não poderia ter mácula alguma, do contrário não serviria para o sacrifício, e o fato de ser macho significava que o Messias Salvador seria homem e não mulher.

Todo o ritual daquela primeira Páscoa no Egito apontava para o Senhor Jesus. O sangue do Cordeiro nas ombreiras e na verga da porta simbolizava o sangue do Senhor Jesus que purifica de todo pecado. O pão asmo e a carne do cordeiro significavam o corpo do Senhor Jesus e as ervas amargas eram para que o povo de Israel jamais esquecesse dos seus dias de amargura como escravos no Egito. O fato de participarem da Páscoa com "...lombos cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão..." (Êxodo 12.11) queria dizer que deveriam estar prontos para a partida imediata rumo à Terra Prometida.

Da mesma forma, não se pode participar da Santa Ceia de qualquer maneira, tendo em vista ser uma cerimônia profundamente santa e
importante, tanto para Deus como para os Seus seguidores. Daí ser necessário ter os "lombos cingidos", ou seja, estar vestido da verdade de Deus, que é a Sua Palavra. "As sandálias nos pés" significa ter a vida calçada e fundamentada no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo que é a Nova Aliança. E, finalmente, o "cajado na mão" fala da fé que Deus tem colocado à disposição de quem está vivendo em aliança com Ele. O cajado que Moisés usou para fazer as maravilhas do Egito é o símbolo da fé cristã; e cada cristão tem um cajado à sua disposição, a partir do momento em que entra em Aliança com Deus, conforme aconteceu com Moisés.

É óbvio que nem todo seguidor do Senhor Jesus tem o seu cajado na mão. A maioria dos cristãos está tão desejosa de comer a carne do cordeiro, que deixa o cajado de lado, e está usando as duas mãos para se alimentar. O povo de Israel tinha de comer da carne do cordeiro e ao mesmo tempo manter o

cajado na mão. Muita gente pensa que, pelo fato de se aprofundar no conhecimento da Palavra de Deus, estará automaticamente imune aos problemas deste mundo. É preciso se alimentar da Palavra e colocá-la em prática, de forma que possa gozar de bênçãos, que o Senhor tem guardadas para cada um que assim se conduz.

O apóstolo Paulo disse que "a fé sem obras é morta". Isso significa que o cajado guardado não funciona; assim como a fé. Se não houver uma ação da nossa parte, isto é, se não tomarmos uma atitude com relação ao conhecimento da vontade de Deus, este saber não tem nenhum valor.

Essa é a razão principal por que algumas igrejas, que se autodenominam cristãs estão, cada vez mais, envergonhando o nome do Senhor Jesus, com as suas filosofias sem fundamento bíblico e a deterioração do seu povo, física, moral e espiritualmente, apesar de muitas delas demonstrarem ter um vasto conhecimento religioso.

Esse foi o quadro que o Senhor Jesus encontrou: os principais religiosos, os escribas, os fariseus e os saduceus estavam tão absorvidos em estudar e decorar a Lei de Moisés e dos profetas que não conseguiam enxergar os milagres do Senhor. Estavam cheios de letra, mas vazios do Espírito de Deus.

Aquela Páscoa era uma aliança de Deus com Moisés e todo o povo de Israel, e, por causa dela, quando o Anjo da Morte visitou os primogênitos na terra do Egito, apenas e exclusivamente o primogênito de cada família egípcia e dos animais foram mortos. De modo que não havia casa onde não houvesse morto, à exceção das dos filhos de Israel.

c) A libertação do povo de Israel

"Então, naquela mesma noite, Faraó chamou a Moisés e a Arão e lhes disse: Levantai-vos, saí do meio do meu povo, tanto vós como os filhos de Israel; ide, servi ao Senhor, como tendes dito. Levai também convosco vossas ovelhas e vosso gado, como tendes dito; ide-vos embora e abençoai-me também a mim.

Os egípcios apertavam com o povo, apressando-se em lançá-los fora da terra, pois diziam: Todos morreremos. O povo tomou a sua massa, antes que levedasse, e as suas amassadeiras atadas em trouxas com seus vestidos, sobre os ombros.

Fizeram, pois, os filhos de Israel conforme a palavra de Moisés e pediram aos egípcios objetos de prata, e objetos de ouro, e roupas.

E o Senhor fez que seu povo encontrasse favor da parte dos egípcios, de maneira que estes lhes davam o que pediam. E despojaram os egípcios."

Êxodo 12.31-36

A lição mais importante na libertação do povo de Israel do Egito é que não há outro caminho a tomar para o livramento das pessoas que estão presas ao Egito espiritual, senão a manifestação do poder de Deus. De fato, o Faraó já tinha visto

muitos sinais do poder de Deus, incluindo a transformação do cajado de Moisés em serpente e mais dez sinais da autoridade suprema de Deus, quando da retirada das pragas, incluindo a destruição das serpentes dos mágicos egípcios pela serpente de Moisés.

Mesmo assim, o seu coração se manteve inalterado, até que, na última praga, não houve volta ou recuperação dos primogênitos mortos. Justamente aí o Faraó não resistiu à pressão do poder de Deus e, contrariando o seu próprio coração, teve que permitir a saída dos hebreus.

Temos a mesmíssima situação nos dias atuais: há pessoas querendo largar definitivamente a vida de escravidão em que vivem, mas existem faraós que não permitem. É nesse caso que as pragas são necessárias sobre os faraós deste mundo.

Os filhos de Deus têm de encontrar favor da parte de Deus para despojar os filhos do diabo, para que todos saibam que o Senhor nosso Deus não é como os deuses deste mundo. Ele mesmo disse: "Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não o serve." (Malaquias 3.18).

Ora, por que esperarmos a "outra vez"? É certo que Deus quer
manifestar a Sua grande glória e poder neste mundo imediatamente,
porém Ele depende de pessoas que não tenham medo de errar, de arriscar, de agir, de lutar e de conquistar!

Quando manifestamos a certeza e cobramos o que Deus tem
prometido, Ele corresponde à nossa oração! Deus é Espírito e a palavra "espírito", no original, dá idéia de vento, sopro, fôlego. A definição, tanto de vento, como de sopro ou fôlego, é o ar em movimento. Se nós, cristãos, temos o Espírito de Deus, se isso é realmente uma verdade assumida e crida de todo o coração, se realmente acreditamos nisso com todas as nossas forças e de todo o nosso entendimento, quer dizer que nós temos o Ar de Deus em movimento dentro de nós!

O Sopro de Deus, o Fôlego de Deus e o Vento de Deus é o Espírito de Deus em ação através dos Seus filhos! E esse Vento dentro de nós não pode ser abafado, seguro ou amarrado! Como pode alguém segurar o vento? É isso possível? É claro que não!

Deus colocou o Seu Vento dentro de nós da mesma forma quando
formou o homem do pó da terra e soprou nas suas narinas o fôlego da vida, e ele manifestou o sinal de vida (Gênesis 2.7).

No Vale de Ossos Secos aconteceu também o sopro de Deus, fazendo tornar à existência as multidões de cadáveres que antes eram apenas ossos secos (Ezequiel 37.9).

Quando o Senhor Jesus apareceu aos discípulos, que até então eram covardes e estavam a portas fechadas reunidos com medo dos judeus, mudou logo aquela situação soprando o Seu Espírito sobre eles. A partir daí, o medo sumiu e eles passaram a testemunhar da ressurreição do Senhor Jesus para todo o povo, sem receio de serem aprisionados ou mortos (João 20.19).

A descida do Espírito Santo sobre as muitas pessoas no dia de Pentecostes aconteceu quando elas

estavam reunidas no mesmo lugar, e de repente veio um som, como de um vento impetuoso e encheu toda a casa onde estavam assentadas (Atos 2.2). É como a mulher grávida: carrega o seu filho no ventre durante nove meses e não pode descansar colocando-o à parte. Não! Quer esteja dormindo, tomando banho, trabalhando... a criança está bem lá dentro dela! E na hora de nascer também não pode segurá-la, ou prendê-la; tem que se esforçar para colocá-la para fora!

Deus tem estado dentro do verdadeiro cristão como um vento,
movimentando-o, quer para um lado, quer para o outro, mas sempre se movimentando! Como pode alguém, com Deus dentro de si, ficar parado! É impossível! O Senhor Jesus disse: "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas
não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito." (João 3.8).

Quando o cristão é verdadeiro, o Vento o carrega para onde quer... Então ele se movimenta, age e se agita dentro de si mesmo, produzindo algo grande para a glória de Deus, porque é nascido de Deus e tem as características de Deus.

A verdade é que, infelizmente, a Igreja do Senhor Jesus está tão afogada nas diversas doutrinas, tanto nas da Bíblia quanto nas filosofias deste mundo, que não tem tempo e nem condições de ouvir a voz do Dirigente dela, para saber o que fazer com o que tem recebido de Deus.

Quantos pregadores têm estudado a fundo a mensagem que vão apresentar ao povo no próximo domingo? Eles não estão nem aí para saber o que as pessoas precisam ouvir. Pelo contrário, estudam a mensagem que acham que devem pregar, e quando chega o domingo, o Espírito Santo tem de sentar também junto ao povo, para ouvir o que aquele "servo" tem a falar! Isso
produz uma igreja pobre da direção do Espírito Santo, mas muito rica da direção do pastor...

As conseqüências dessa direção são as mais trágicas possíveis, a
começar pelo próprio corpo da igreja, que tem muita informação a respeito da Bíblia Sagrada, mas nenhuma experiência com o Autor dela. As pessoas são muito bem informadas, porém a sua formação cristã é a mesma de outrora.

Ou seja, pertenciam a uma religião qualquer, e, quando conheceram aquela igreja, resolveram mudar de religião ou de credo, porque o ministro daquela denominação é fantástico na colocação das palavras, as pessoas que lá freqüentam são da alta sociedade, importantes, inteligentes e sempre estão na moda – o que é muito apreciável para aqueles que não têm nada
de Deus. Então, é muito bom fazer parte daquela congregação. Essas
mesmas pessoas jamais experimentaram o sabor da presença de Deus em suas vidas, tendo apenas conhecimento de doutrinas, filosofias, mandamentos, obrigações, etc.

O povo de Israel estava gemendo no Egito, mas não creu de imediato que Moisés tinha sido chamado para libertá-lo daquela escravidão. Moisés precisou mostrar sinais diante dos anciãos do povo para que pudessem crer nas suas palavras, mas mesmo assim, mais tarde, eles vieram a se rebelar contra Moisés e sobretudo contra Deus.

Da mesma forma, o povo judeu não creu no Senhor Jesus como o
Verdadeiro Messias, ainda que Ele tivesse manifestado o Seu poder glorioso diante de seus olhos,

porque a doutrina do povo era cegante e o impedia de ver. Além de não crer nos Seus feitos, ainda O matou.

Muitos religiosos do século XXI, que se dizem cristãos, também não crêem em milagres de cura ou libertação, porque as suas doutrinas ensinam que o tempo de milagres já passou, como se Deus estivesse limitado pelo tempo. Esse também tem sido o procedimento com aqueles que procuram levar um Evangelho puro, simples e sincero aos que buscam a luz; chegam até a se unir com os filhos declarados do diabo para perseguir os filhos de Deus.

O mundo de hoje está profundamente preso às garras dos faraós da doutrina, e as dez pragas que vieram sobre o Egito seriam insuficientes para libertar o mundo desses faraós.



Deserto de Canaã

Durante a peregrinação do povo judeu pelo deserto, o Menorá, que é Candelabro de Deus, em detalhe na foto, acompanhava o tabernáculo de Moisés. Os judeus reconhecem e guardam os símbolos da sua Aliança com Deus.

Capítulo 8

Aliança de Deus com Israel

No terceiro mês após a saída de Israel do Egito, logo no primeiro dia, o povo hebreu chegou ao deserto do Sinai e acampou ao pé do Monte Sinai. Subindo Moisés ao Monte, o Senhor o chamou e lhe disse:

"Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim. Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel..."

Êxodo 19.4-7

A maior importância de uma aliança com Deus não é a certeza de uma vida abundante, mas o relacionamento e comunhão com Ele perpetuamente, através do ministério sacerdotal. O sacerdote é aquele que oferece sacrifícios a Deus, primeiro em favor de si mesmo e depois em favor do povo pelo qual é responsável perante Deus. Ele é como coluna no santuário do Altíssimo, está sempre na presença de Deus. No Antigo Testamento, o sacerdote é mediador entre Deus e o povo.

Sob a lei judaica, antigamente, o sacerdote exercia o seu ministério por toda a vida e a herança dos seus filhos era o sacerdócio. Quando o Senhor Jesus veio, tornou-se o nosso Sumo Sacerdote Eterno, e todos os Seus seguidores, como conseqüência natural, tornaram-se automaticamente reino de sacerdotes.

Ora, existe uma glória maior que permanecer diante de Deus perpetuamente como Seu sacerdote? A aliança que Deus fez com Seu povo teve a finalidade exclusiva de fazê-lo reino de sacerdotes e nação santa, isto é, separada de todas as demais nações sobre a Terra.

A partir dessa conversa de Deus com Moisés, o Senhor deu-lhe os dez mandamentos e as leis civis e religiosas, assim como, novamente, a promessa da posse da terra de Canaã. Moisés, então, transmitiu todas as palavras de Deus para Israel, conforme ordenança do Senhor:

"Disse também Deus a Moisés: Sobe ao Senhor, tu, e Arão, e Nadabe, e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel; e adorai de longe. Só Moisés se chegará ao Senhor; os outros não se chegarão, nem o povo subirá com ele.

Veio, pois, Moisés e referiu ao povo todas as palavras do Senhor e todos os estatutos; então, todo o povo respondeu a uma voz e disse: Tudo o que falou o Senhor faremos.

Moisés escreveu todas as palavras do Senhor e, tendo-se levantado pela manhã de madrugada, erigiu um altar ao pé do monte e doze colunas, segundo as doze tribos de Israel.

E enviou alguns jovens dos filhos de Israel, os quais ofereceram ao Senhor holocaustos e sacrifícios pacíficos de novilhos. Moisés tomou metade do sangue e o pôs em bacias; e a outra metade aspergiu

sobre o altar.

E tomou o Livro da Aliança e o leu ao povo; e eles disseram: Tudo o que falou o Senhor faremos e obedeceremos. Então, tomou Moisés aquele sangue, e o aspergiu sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez convosco a respeito de todas estas palavras."

Êxodo 24.1-8

Nessa aliança de Deus com o povo de Israel, vemos uma cerimônia totalmente diferente daquela feita com Abrahão, porque, nessa, Deus não passa no meio das partes dos animais; todavia, a metade do sangue deles é espargida sobre o altar, representando a parte de Deus na aliança. A outra metade do sangue é espargida sobre o povo de Israel, porém, somente depois que ele concordou com as regras estabelecidas no livro da aliança, devidamente lido para todos ouvirem.

Este modelo de aliança tem muita semelhança com a Nova Aliança, no sangue do Senhor Jesus, porque assim como aconteceu na sua realização com todos os filhos de Israel, quando certamente todos receberam pelo menos um respingo do sangue dos animais, assim também aconteceu com a aliança feita na cruz do Calvário, que, pela Santa Ceia instituída pelo Senhor Jesus, torna possível a cada cristão a renovação de sua aliança com Deus, ao tomar do cálice com vinho, que representa o sangue vertido por Ele na cruz.

É importante notar que as alianças que Deus fez com o homem vêm acontecendo ao longo da História e sempre dentro de uma sistemática na qual os filhos herdam de seus pais as promessas que Deus lhes fez, renovando sempre a aliança feita anteriormente.

Deus fez aliança com Abrahão, renovou-a com seu filho Isaque, em seguida com Jacó, filho de Isaque, e agora com todos os filhos de Jacó. Esta continuidade de renovação da aliança com os descendentes de Abrahão termina no Senhor Jesus, quando Ele mesmo Se apresenta como o Cordeiro de Deus, e, num ato de obediência e fé, dá a sua vida para possibilitar às futuras gerações a chance de ter os mesmos privilégios, e maiores ainda que os descendentes de Abrahão.

a) A Arca da Aliança

A Arca da Aliança foi construída de madeira de acácia e coberta de ouro puro por dentro e por fora; a sua medida era de 1,30 m de comprimento, 0,70 m de largura e 0,70 m de altura. Sobre a tampa da Arca foi colocado o propiciatório e dois querubins, tudo feito de uma só peça de ouro puro.

O ouro puro é o símbolo de Deus, razão pela qual a Arca e todos os demais utensílios, utilizados quer no Tabernáculo, quer no templo erguido por Salomão, e até nas vestimentas dos sacerdotes, dispunham da utilização abundante de ouro. Os reis magos, quando foram visitar o menino Jesus, levaram ouro como presente.

Dentro da Arca eram guardadas as tábuas da Aliança, a vara de Arão, que floresceu, uma urna de ouro contendo o maná e o Livro da Lei, que foi colocado ao lado da Arca como testemunha contra a rebeldia do povo de Israel. Essa Arca era o sinal da presença de Deus com o Seu povo a caminho de Canaã.

Quando Moisés construiu o Tabernáculo no deserto, ela era colocada dentro do Santo dos Santos e ia adiante do povo em todo o percurso do deserto, de forma que:

“Partindo a arca, Moisés dizia: Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os que te odeiam. E, quando pousava, dizia: Volta, ó Senhor, para os milhares de milhares de Israel.”

Números 10.35,36

A Arca da Aliança representava a Igreja, já que nela encontramos o maná, um tipo do “pão da vida”, que é o Senhor Jesus. É na Igreja do Senhor que encontramos o ambiente propício para o desenvolvimento da verdadeira fé cristã que alimenta a nossa alma com o amor de Deus, através de uma comunhão íntima com o nosso Senhor Jesus.

Também é na Igreja que encontramos o legítimo alimento para o nosso espírito, através da reflexão na Palavra de Deus. Finalmente, a exortação e a disciplina, representadas pela vara de Arão, não poderiam faltar na edificação do Corpo do Senhor Jesus. E assim como a Arca era levada apenas pelos sacerdotes, da mesma forma a Igreja do Senhor Jesus é dirigida pelo Espírito Santo e, portanto, o Espírito do Sumo Sacerdote.

A Arca da Aliança era a garantia da vitória do povo hebreu por onde quer que fosse, até tornando possível a passagem pelo rio Jordão a pé enxuto, conforme Josué 3.14-17:

“Tendo partido o povo das suas tendas, para passar o Jordão, levando os sacerdotes a arca da Aliança diante do povo; e, quando os que levavam a arca chegaram até ao Jordão, e os seus pés se molharam na borda das águas (porque o Jordão transbordava sobre todas as suas ribanceiras, todos os dias da sega), pararam-se as águas que vinham de cima; levantaram-se num montão, mui longe da cidade de Adã, que fica ao lado de Sartã; e as que desciam ao mar da Arabá, que é o mar Salgado, foram de todo cortadas; então, passou o povo defronte de Jericó. Porém os sacerdotes que levavam a arca da Aliança do Senhor pararam firmes no meio do Jordão, e todo o Israel passou a pé enxuto, atravessando o Jordão.”

A Arca do Senhor foi fundamental na vitória de Israel sobre o povo de Jericó, pois, com ela, os sacerdotes rodearam suas muralhas até que ruíram. Também serviu para que Josué se humilhasse diante de Deus, quando os seus homens foram derrotados pelos da cidade de Ai (Josué 7.6). E na renovação da aliança quando: “Todo o Israel, com os seus anciãos, e os seus príncipes, e os seus juízes estavam de um e de outro lado da arca, perante os levitas sacerdotes que levavam a arca da Aliança do Senhor...” (Josué 8.33).

Quando, na peleja contra os filisteus, Israel foi derrotado, a Arca de Deus foi tomada e os filhos do profeta Eli foram mortos, porque havia pecado em Israel. A proteção da Arca não funcionava sobre seu povo; porém, quando foi colocada na casa de Dagom, deus dos filisteus, estes o encontraram com a cabeça e as mãos decepadas diante da Arca do Senhor. Além disso, Deus feriu severamente os moradores daquele lugar com tumores, de forma que eles acabaram devolvendo a Arca para o povo de Israel.

Isso naturalmente sugere que, a partir do momento em que a Igreja do Senhor Jesus está sendo assolada pelo pecado, ela passa a ser inútil na proteção ao povo. Aliás, o que mais se vê hoje em dia é a corrupção humana dentro de alguns templos chamados cristãos. Daí a razão por que a Igreja do Senhor Jesus hoje é apenas uma caricatura da Igreja primitiva, onde os sinais da manifestação do Espírito Santo eram evidentes e havia uma congregação bem maior.

Havia uma só fé; um só Espírito; um só Senhor e Pastor para um só rebanho! Hoje, essa Igreja está esfacelada, dividida e subdividida por pastores que estão mais interessados em se pastorear do que o rebanho do Senhor, espalhado pelo mundo afora.

Existem muitas arcas hoje em dia, cada uma mais suntuosa que a outra, mas poucas são as que acolhem o necessitado, curam suas feridas e lhe dão a salvação eterna. Mas, graças a Deus, o Dono da Arca não dorme nem
cochila e tudo vê, pois como Ele mesmo afirma:

"...Eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as buscarei. Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que encontra ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas; livrá-las-ei de todos os lugares para onde foram espalhadas no dia de nuvens e de escuridão.

Tirá-las-ei dos povos, e as congregarei dos diversos países, e as introduzirei na sua terra; apascentá-las-ei nos montes de Israel, junto às correntes e em todos os lugares habitados da terra.

Apascentá-las-ei de bons pastos, e nos altos montes de Israel será a sua pastagem; deitar-se-ão ali em boa pastagem e terão pastos bons nos montes de Israel. Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas e as farei
repousar, diz o Senhor Deus.

A perdida buscarei, a desgarrada tornarei a trazer, a quebrada ligarei e a enferma fortalecerei; mas a gorda e a forte destruirei; apascentá-las-ei com justiça.

Quanto a vós outras, ó ovelhas minhas, assim diz o Senhor Deus: Eis que julgarei entre ovelhas e ovelhas, entre carneiros e bodes. Acaso, não vos basta a boa pastagem? Haveis de pisar aos pés o resto do vosso pasto? E não vos basta o terdes bebido as águas claras? Haveis de turvar o resto com os pés?

Quanto às minhas ovelhas, elas pastam o que haveis pisado com os pés e bebem o que haveis turvado com os pés. Por isso, assim lhes diz o Senhor Deus: Eis que eu mesmo julgarei entre ovelhas gordas e ovelhas magras."

Ezequiel 34.11-20

Infelizmente, a Arca do Senhor hoje está corroída e são poucos os que procuram levá-la para o meio da necessidade, onde ela pode brilhar e iluminar aqueles que se encontram em trevas. Que Deus tenha misericórdia de todos nós e capacite-nos a ajudar aqueles que precisam de ajuda!

b) A rebelião e a punição de Israel

“Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria...” (1 Samuel 15.23).

Aparentemente, este assunto não tem nada a ver com o estudo sobre as alianças de Deus com o homem. Achamos por bem inclui-lo, tendo em vista ter sido a causa de todas as tentativas do Senhor de resgatar a
Humanidade do império das trevas, pois não haveria necessidade de alianças se não existisse o pecado de rebeldia.

Todo e qualquer pecado é fruto da carne, assim como toda e qualquer virtude é fruto do Espírito. Há três áreas distintas para a ação do pecado: o corpo, a alma e o espírito. Dependendo da área que o pecado atinge, haverá maior ou menor dificuldade de a pessoa se arrepender, confessar e alcançar o perdão divino. Podemos ver essas três áreas dentro de um triângulo, cuja base é o espírito, no meio está a alma e no topo está o corpo. É claro que qualquer pecado no corpo vai refletir na alma e, conseqüentemente, no espírito.

Mas haverá sempre mais resistência na continuidade dele, porque a alma e o espírito, como bases do corpo, estarão mais firmes. Quando o pecado atinge a área do coração, representando a alma, ele já ultrapassou a primeira barreira que é a matéria, ou seja, o corpo. Nesse caso, o cristão só tem o espírito para ajudá-lo a resistir. Quando o pecado atinge o espírito, o corpo e a alma já estão totalmente tomados; o arrependimento é muito mais difícil, já que a base da estrutura espiritual do cristão está sendo corrompida.

É importante observar que essas premissas estão dentro do universo cristão, pois, do ponto de vista não-cristão, as coisas mudam de figura, haja vista que a pessoa incrédula pode estar possuída de um espírito imundo
controlando corpo, alma e espírito. Outra coisa que deve ficar clara é se o cristão pensa que pode se acomodar com o pecado que não atingiu a alma ou o espírito, e está afeito apenas ao corpo, está muito enganado, porque o pecado é como uma moléstia, que se não for tratada imediatamente, com certeza, contaminará todo o ser, tanto físico como espiritual.

Os pecados que procuram atingir a matéria ou o corpo são os mais comuns, tais como: prostituição, impureza, lascívia, facções, vícios, glutonarias, contendas, roubos, inimizades, homossexualismo, bissexualismo, mentiras e coisas semelhantes a estas. Esses pecados procuram prejudicar o corpo e, como o corpo do cristão é o templo do Espírito Santo, qualquer que seja o prejuízo causado a ele é contra o próprio Deus. Os pecados que procuram atingir o coração ou a alma são: ciúmes, invejas, iras, maldades, projetos iníquos e coisas parecidas.

O pecado que atinge a alma está mais afeito a terceiros, ou seja, atinge mais a outras pessoas. Já os pecados que procuram atingir o espírito são em número bem menor, tais como: orgulho, rebeldia e idolatria; porém são os mais venenosos e mais perigosos e atingem diretamente a Deus.

Primeiro, porque o espírito é a última fase a ser vencida, uma vez que as duas anteriores já foram ultrapassadas e não há outra base que ajude o espírito a resistir; segundo, porque sendo ele a parte mais forte e a área de comunicação com o Espírito de Deus, é o espírito humano que tem a capacidade de se alimentar da Palavra de Deus, de ouvir a voz de Deus e executar a obediência a Deus e sustentar o corpo e a alma. E, caso se deixe contaminar com o pecado, como haverá

restauração para ele? Aí está, talvez, a razão por que o pecado contra o Espírito Santo não tem perdão. Os pecados que atingem o espírito são, talvez, os que mais agridem o coração de Deus.

“Falaram Miriã e Arão contra Moisés, por causa da mulher cuxita que tomara; pois tinha tomado a mulher cuxita. E disseram: Porventura, tem falado o Senhor somente por Moisés? Não tem falado também por nós? O Senhor o ouviu.

Era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra. Logo o Senhor disse a Moisés, e a Arão, e a Miriã: Vós três, saí à tenda da congregação. E saíram eles três.

Então, o Senhor desceu na coluna de nuvem e se pôs à porta da tenda; depois, chamou a Arão e a Miriã, e eles se apresentaram. Então, disse: Ouvi, agora, as minhas palavras; se entre vós há profeta, eu, o Senhor, em visão a ele, me faço conhecer ou falo com ele em sonhos.

Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, claramente e não por enigmas; pois ele vê a forma do Senhor; como, pois, não temestes falar contra o meu servo, contra Moisés? E a ira do Senhor contra eles se acendeu; e retirou-se.”

Números 12.1-9

Sem dúvida alguma, o pecado de rebelião é o mais cruel e mais infame que existe, porque é cometido somente por aqueles que algum dia fizeram parte do Corpo e que, por uma razão qualquer, resolveram se voltar contra este Corpo. Aqueles que nunca fizeram parte do Corpo jamais poderão se rebelar contra ele! Essa foi a atitude de Miriã e Arão, provavelmente mais por Miriã, contra a autoridade do servo de Deus.

A autoridade de Moisés não era dele propriamente, mas de Deus. E mesmo que ele estivesse totalmente errado, ainda era o representante de Deus junto ao povo de Israel, e não cabia a este o direito de julgá-lo certo ou errado, pois Moisés era de fato e de direito o mediador entre Deus e Israel! Se Moisés estivesse errado, o único capaz de julgá-lo era o próprio Deus.

Pois isso é o que tem acontecido ao longo da história dos homens possuidores de autoridade divina, que um dia caíram em pecado. Nenhum deles ficou imune à justiça de Deus, até porque, se o homem é de Deus e comete um erro sem que possa ser julgado por outrem, é claro que Deus não o deixará impune, uma vez que Ele é a própria justiça.

Quando se insurgiram contra Moisés, não era exatamente contra ele que estavam fazendo aquilo, mas contra a autoridade de Deus.

É bom ficar claro que uma autoridade de Deus na Terra O representa perante o povo. Se alguém, alguns ou a maioria se voltar contra esta autoridade, estarão correndo o risco de se rebelar contra o próprio Deus.

O pior de uma rebeldia está na sua propagação, pois em todo o corpo existe sempre uma parte mais sensível e fraca, e exatamente nessa parte o veneno mortífero da rebelião toma força para evoluir mais rapidamente.

Miriã conseguiu seduzir Arão e ambos falaram contra Moisés. Se a rebelião tivesse partido de Arão, certamente ele também teria sido punido. Outro fato importante é que Miriã, com certeza, já tinha no coração esta má intenção contra Moisés, o que sempre acontece com o rebelde, que espera o momento apropriado para dar o bote.

Usando da mesma linguagem do Corpo, a tônica dos rebeldes em todas as igrejas cristãs, uma artimanha para corromper os incautos e débeis na fé, perguntaram: "Porventura tem falado o Senhor somente por Moisés? Não tem falado também por nós?". Por causa desse espírito enganador e imundo, a Igreja do Senhor Jesus tem sido dividida e serve como escândalo no mundo inteiro.

Miriã foi humilhada perante três milhões de pessoas, que tiveram de esperar a cura da sua lepra e sete dias no isolamento, antes de seguir viagem. Todavia, a lição que ela recebeu, e que o povo testemunhou, pareceu não ter surtido efeito, porque algum tempo depois, tendo Moisés enviado doze espias à terra de Canaã, eles relataram o que viram:

"... Fomos à terra a que nos enviaste; e, verdadeiramente, mana leite e mel; este é o fruto dela. O povo, porém, que habita nessa terra é poderoso, e as cidades, mui grandes e fortificadas; também vimos ali os filhos de Anaque.

Os amalequitas habitam na terra do Neguebe; os heteus, os jebuseus e os amorreus habitam na montanha; os cananeus habitam ao pé do mar e pela ribeira do Jordão.

Então, Calebe fez calar o povo perante Moisés e disse: Eia! Subamos e possuamos a terra, porque, certamente, prevaleceremos contra ela.

Porém os homens que com ele tinham subido disseram: Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós.

E, diante dos filhos de Israel, infamaram a terra que haviam espiado, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra que devora os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura.

Também vimos ali gigantes (os filhos de Anaque são descendentes de gigantes), e éramos, aos nossos próprios olhos, como gafanhotos e assim também o éramos aos seus olhos."

Números 13.27-33

Todas as promessas que Deus fizera aos filhos de Israel estavam
garantidas por uma aliança no Sinai, somadas ao sinais visíveis, quer no Egito, quer na travessia do Mar Vermelho. Mesmo assim, a sua caminhada pelo deserto não foi suficiente para que tivessem um mínimo de confiança na liderança de Moisés e, sobretudo, na direção de Deus.

No momento em que os dez espias covardes se manifestaram diante do povo sobre as dificuldades para tomar posse de Canaã, alegando que os filhos de Enaque, isto é, gigantes, habitavam aquela terra, o coração deles se derreteu e novamente se revelaram.

Essa história tem-se repetido hoje na Igreja do Senhor Jesus, pois a maioria dos verdadeiros cristãos

tem mais medo do diabo que confiança no poder de Deus. Não resta a menor dúvida de que os enaquins estão espalhados por todo o mundo ameaçando o desenvolvimento do Reino de Deus.

Com certeza, os cristãos têm observado a estatura dessa gente, a sua influência na sociedade, no poder Executivo, no Legislativo, ou no Judiciário, e, sobretudo, no quarto poder, a mídia, nas suas mais diversas formas. Jamais os cristãos ousarão enfrentá-la, usando apenas e exclusivamente o poder da fé em Deus! Por quê? Porque têm medo do que os seus olhos físicos vêem!

Esse retrocesso, que muitas vezes o cristão faz, tem enfraquecido a Igreja do Senhor e mutilado a mão de Deus, para a manifestação da Sua glória. Quanto mais nos acovardamos diante dos enaquins, mais derrotados seremos! E Deus fica impossibilitado de agir, tendo em vista que Ele precisa de alguém que não apenas creia nas Suas Palavras, mas que tome atitude, para que efetivamente se manifeste a Sua grandeza.

Ora, faltando essa coragem e determinação ao povo de Deus, faltarão milagres e maravilhas; conseqüentemente, o povo se enfraquece e em seguida se corrompe. Não faltaram sinais do poder de Deus ao povo de Israel no deserto, assim como não tem faltado sinais hoje para o povo cristão, mas a sua visão tem sido física e não espiritual.

Ora, depois de todo aquele trabalho de Deus através de Moisés, ao arrancar o Seu povo da escravidão do Egito e levá-lo quase às portas de Canaã, e Moisés receber informações dos espias de que era impossível tomar posse da Terra Prometida, os filhos de Israel entraram em pânico:

“Levantou-se, pois, toda a congregação e gritou em voz alta; e o povo chorou aquela noite. Todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e contra Arão; e toda a congregação lhes disse: Tomara tivéssemos morrido na terra do Egito ou mesmo neste deserto!

E por que nos traz o Senhor a esta terra, para cairmos à espada e para que nossas mulheres e nossas crianças sejam por presa? Não nos seria melhor voltarmos para o Egito?

E diziam uns aos outros: Levantemos um capitão e voltemos para o Egito. Então, Moisés e Arão caíram sobre o seu rosto perante a congregação dos filhos de Israel.

E Josué, filho de Num, e Calebe, filho de Jefoné, dentre os que espiaram a terra, rasgaram as suas vestes e falaram a toda a congregação dos filhos de Israel, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra muitíssimo boa.

Se o Senhor se agradar de nós, então, nos fará entrar nessa terra e no-la dará, terra que mana leite e mel. Tão-somente não sejais rebeldes contra o Senhor e não temais o povo dessa terra, porquanto, como pão, os podemos devorar; retirou-se deles o seu amparo; o Senhor é conosco; não os temais.”

Números 14.1-9

A murmuração dos filhos de Israel não era propriamente contra Moisés e Arão, mas contra Deus. Eles, na realidade, eram representantes de Deus, instrumentos da vontade de Deus com a finalidade de conduzi-los até a Terra Prometida. O mesmo espírito que havia agido em Miriã novamente se

manifestava de forma coletiva, através da palavra de dúvida, de medo e pavor que os dez espias divulgaram entre o povo.

Assim o diabo tem agido neste mundo em todas as gerações: todas as vezes que o povo de Deus está prestes a conquistar algo de extremo valor e de muita importância, vem o diabo e sorrateiramente procura usar as pessoas mais fracas para disseminar suas dúvidas e roubar-lhes a força de Deus, que é a fé.

Josué e Calebe foram os únicos sábios ao resistirem àquele espírito rebelde, mantendo a fé viva em Deus. Se o Senhor Deus não tivesse dado prova da Sua presença e grande manifestação de poder para aquela gente, seria até natural que houvesse esse tipo de procedimento diante de Moisés.

Então, com amargura, Deus falou: "...Até quando me provocará este povo e até quando não crerá em mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio dele?" (Números 14.11).

Acrescentando:

"Porém, tão certo como eu vivo, e como toda a terra se encherá da glória do Senhor, nenhum dos homens que, tendo visto a minha glória e os prodígios que fiz no Egito e no deserto, todavia, me puseram à prova já dez vezes e não obedeceram à minha voz, nenhum deles verá a terra que, com juramento, prometi a seus pais, sim, nenhum daqueles que me desprezaram a verá."

Números 14. 21-23

De fato, os primeiros homens a morrerem por causa da rebelião foram os espias incrédulos, e durante quarenta anos todo o resto daquele povo
peregrinou pelo deserto, até que todos de vinte anos para cima morreram, com exceção apenas de Calebe e Josué. E surgiu uma nova geração dos filhos de Israel, que veio a tomar posse da Terra Prometida.

Esse exemplo da rebelião de Israel é muito oportuno para todos os cristãos que têm experimentado uma libertação do poder das trevas, mas esquecido com facilidade os seus feitos, porque se detêm nas dúvidas e na falta de perseverança em obedecer à Palavra de Deus. O Senhor Se manteve fiel ao juramento, guiando aquela gente por todo o deserto. A aliança não foi quebrada por Deus, mas pela incredulidade do povo.

É muito provável que a incredulidade, uma vez manifestada por parte dos que já experimentaram, no mínimo uma vez, o poder de Deus, é a principal responsável pela quebra de uma aliança com Deus. O escritor aos hebreus afirma que:

"É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é
impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo,
estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia."

Hebreus 6.4-6

A queda do cristão está sempre diretamente ligada à intensidade da sua credulidade e à falta de perseverança; por esse caminho têm trilhado os rebeldes e fracassados que não buscam o caminho do arrependimento.

c) O pecado e a punição de Moisés

Novamente, o povo de Israel se voltou contra Moisés e Arão, pois estava possuído pelo espírito de rebelião, porque não havia água para beber naquele deserto. Então:

"Disse o Senhor a Moisés: Toma o bordão, ajunta o povo, tu e Arão, teu irmão, e, diante dele, falai à rocha, e dará a sua água; assim lhe tirareis água da rocha e dareis a beber à congregação e aos seus animais.

Então, Moisés tomou o bordão de diante do Senhor, como lhe tinha ordenado. Moisés e Arão reuniram o povo diante da rocha, e Moisés lhe disse: Ouvi, agora, rebeldes: porventura, faremos sair água desta rocha para vós outros?

Moisés levantou a mão e feriu a rocha duas vezes com o seu bordão, e saíram muitas águas; e bebeu a congregação e os seus animais.

Mas o Senhor disse a Moisés e a Arão: Visto que não crestes em mim, para me santificardes diante dos filhos de Israel, por isso, não fareis entrar este povo na terra que lhe dei."

Números 20.7-12

É extremamente importante observar que todas as alianças feitas com os homens foram fundamentadas apenas nas promessas de Deus, significando que estas somente se cumpririam mediante a resposta do homem através da sua fé.

Assim, ficou estabelecido o seguinte: da parte de Deus vêm as promessas e da parte do homem vem a fé nas promessas. Quando a fé é arranhada pela dúvida, as conseqüências são as mais desastrosas possíveis. Porém, quando o homem aceita andar pela fé nas palavras de Deus, passa a ter a força de Deus para combater e vencer o diabo. Se ele perde a força de Deus por causa das dúvidas, dá chance ao diabo de destrui-lo. Nessa luta constante contra o diabo e seus demônios não existe empate: Ou se ganha ou se perde!

Moisés e Arão já estavam mais do que acostumados a ver aquela vara manifestar as grandes maravilhas de Deus, quer no Egito, quer no Mar Vermelho. E, novamente, Deus lhes ordena que usem a vara para fazer sair água da rocha.

Porém, sua incredulidade foi maior que a do povo, pois embora tenham ouvido Deus ordenando-lhes a façanha, diante do clamor e das dúvidas do povo, tornaram-se fracos e disseram: "... porventura faremos sair água desta rocha para vós outros?" (Números 20.10). É claro que eles não fariam coisa alguma, Deus sim! O que tinham a fazer era apenas obedecer à ordem divina e mais nada!

Jamais poderiam levantar qualquer sombra de dúvida com respeito à Palavra de Deus! Mas o fizeram, não apenas com palavras, mas também em atitude, ao ferir a rocha duas vezes em vez de uma. Essa rocha representa o Senhor Jesus, pelo qual está escrito: "...A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular..." (Mateus 21.42).

No deserto, serviu para saciar a sede do povo judeu quando foi requerida através de dois toques de Moisés com seu cajado. Hoje, basta clamar o Seu nome apenas uma única vez e os Céus se abrem para saciar a sede de quem se disponha a invocá-Lo de todo o coração, tendo em vista a Sua autoridade suprema nos Céus e na Terra.

Essa rocha é o fundamento da Igreja do Senhor Jesus Cristo, assim também a pedra que Jacó usou como travesseiro e erigiu em coluna, sobre cujo topo entornou azeite e, mais tarde, construiu a Casa de Deus.
A Igreja de Deus está alicerçada justamente sobre essa Rocha Eterna.

Deus Se desagradou de Moisés e também de Arão porque não creram na Sua Palavra. Por causa disso, não puderam entrar na Terra Prometida, embora tivessem sonhado com isso durante toda a vida.

Ora, o mesmo se dá com todos os seres humanos que também não acreditam na Palavra de Deus, que aponta Seu Filho Jesus como o Salvador da Humanidade. O descrédito e o desprezo pelo Senhor têm impedido que eles venham a beber a Água da Vida e assim ser salvos para toda a eternidade.

Embora Moisés tivesse implorado ao Senhor a permissão para entrar na terra de Canaã, o Senhor não deu, senão que tivesse o privilégio de vê-la de longe:

"Então, subiu Moisés das campinas de Moabe ao monte Nebo, ao cimo de Pisga, que está defronte de Jericó; e o Senhor lhe mostrou toda a terra de Gileade até Dã; e todo o Naftali, e a terra de Efraim, e Manassés; e toda a terra de Judá até ao mar ocidental; e o Neguebe e a campina do vale de Jericó, a cidade das Palmeiras, até Zoar.

Disse-lhe o Senhor: Esta é a terra que, sob juramento, prometi a Abraão, a Isaque e a Jacó, dizendo: à tua descendência a darei; eu te faço vê-la com os próprios olhos; porém não irás para lá.

Assim, morreu ali Moisés, servo do Senhor, na terra de Moabe, segundo a palavra do Senhor. Este o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém sabe, até hoje, o lugar da sua sepultura. Tinha Moisés a idade de cento e vinte anos quando morreu; não se lhe escureceram os olhos, nem se lhe abateu o vigor."

Deuteronômio 34.1-7

d) A transmissão da liderança para Josué

Quando Moisés, servo do Senhor, estava para morrer, aos 120 anos, o Senhor lhe deu ordem para fazer aliança na terra de Moabe com os filhos de Israel, além daquela que já havia celebrado em Horebe com os seus pais. Certamente que esses filhos de Israel eram uma nova geração descendente

da anterior, rebelde ao anular a aliança com Deus em Horebe e, por isso mesmo, castigada com a morte durante os quarenta anos em que peregrinara no deserto.

Mas, com essa nova geração dos filhos de Israel, Deus fez uma outra aliança antes de entrarem na Terra Prometida. Além disso, por ordem divina e diante dos filhos de Israel, Moisés impôs as mãos sobre Josué, passando-lhe a autoridade e unção que recebera de Deus, a fim de que Josué desse prosseguimento à árdua tarefa de levar aquele povo para tomar posse da Terra Prometida.

Assim, os filhos de Israel passaram a respeitar Josué como seu
novo líder:

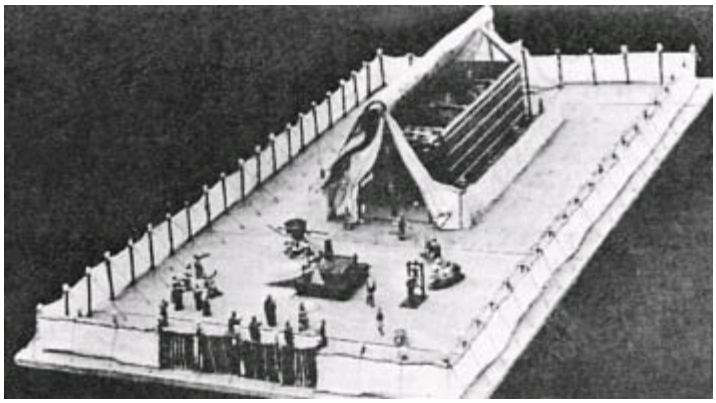
"Passou Moisés a falar estas palavras a todo o Israel e disse-lhes: Sou, hoje, da idade de cento e vinte anos. Já não posso sair e entrar, e o Senhor me disse: Não passarás o Jordão.

O Senhor, teu Deus, passará adiante de ti; ele destruirá estas nações de diante de ti, e tu as possuirás; Josué passará adiante de ti, como o Senhor tem dito.

O Senhor lhes fará como fez a Seom e a Ogue, reis dos amorreus, os quais destruiu, bem como a sua terra. Quando, pois, o Senhor vos entregar estes povos diante de vós, então, com eles fareis segundo todo o mandamento que vos tenho ordenado. Sede fortes e corajosos, não temais, nem vos atemorizeis diante deles, porque o Senhor, vosso Deus, é quem vai convosco; não vos deixará, nem vos desamparará.

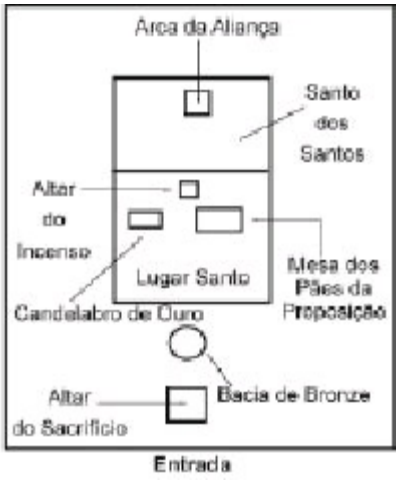
Chamou Moisés a Josué e lhe disse na presença de todo o Israel: Sê forte e corajoso; porque, com este povo, entrarás na terra que o Senhor, sob juramento, prometeu dar a teus pais; e tu os farás herdá-la. O Senhor é quem vai adiante de ti; ele será contigo, não te deixará, nem te desamparará; não temas, nem te atemorizes."

Deuteronômio 31.1-8

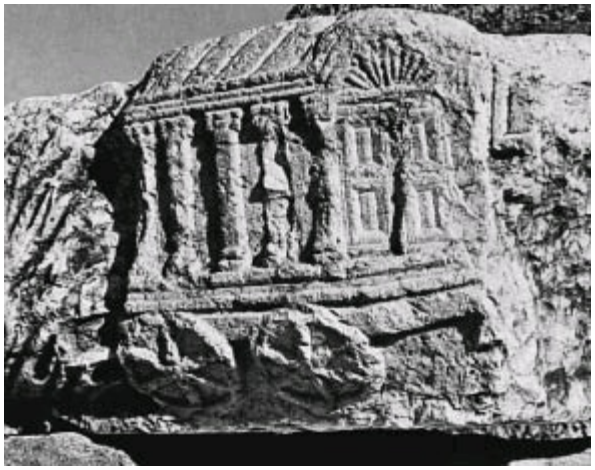


O Tabernáculo

Construído por Moisés, estava voltado para o Oriente, onde nasce o Sol, como se estivesse aguardando a chegada do Sol da Justiça, Jesus, anunciado assim pelo profeta Malaquias (4.2)



Disposição do Tabernáculo de Moisés



Arca da Aliança

Esta é a única figura em todo o mundo do modelo da Arca da Aliança: um alto relevo gravado na pedra que fazia parte de uma sinagoga do tempo do Senhor Jesus, em Cafarnaum

Capítulo 9

Aliança de Deus com Josué

A aliança de Deus com Josué teve a mesma característica da aliança com Isaque e Jacó, isto é, Deus Se utilizou apenas da Sua Palavra. Aliás, esse tipo de aliança é o que tem sido feito com o homem desde a morte, ressurreição e ascensão do Senhor Jesus. O Espírito Santo tem sido o Mediador dessa nova aliança, confirmando a Palavra de Deus no coração dos que se submetem às Suas regras.

Assim como foi feita a aliança com Abrahão, tendo Deus passado pelo meio das partes dos animais e em seguida vindo a confirmação dessa aliança com os filhos de Abrahão, apenas pela palavra de promessa e não com novos derramamentos de sangue, também o próprio Deus, na pessoa do Seu Filho Jesus, passou pelo sacrifício do Calvário, para que todos aqueles que n'Ele crêem venham a estar em aliança perpétua com Deus.

É claro que houve sacrifício de animais quando ocorreu a aliança de Deus com o povo de Israel, no deserto a caminho de Canaã, quando na ocasião, metade do sangue dos animais fora aspergido sobre o altar e a outra metade sobre o povo de Israel. Aquele sacrifício era como um memorial da aliança feita com Abrahão, da mesma forma como a Santa Ceia do Senhor é um memorial da Nova Aliança no sangue do Senhor Jesus Cristo.

A aliança com Josué, celebrada na Palavra da promessa, mesmo sem o sacrifício de sangue, teve e tem a mesma força do ritual da aliança de sangue, porque, se no ritual da aliança houve a promessa de Deus, essa mesma promessa não pode ser anulada com o tempo, pois a Palavra de Deus é como Ele: jamais envelhece ou caduca, ela permanece a mesma para sempre. A fé de Josué nas promessas de Deus feitas a seus pais, e agora renovadas no seu chamamento, eram suficientes para que ele transmitisse esse mesmo espírito para todo o povo, e, juntos, partissem para a conquista da Terra Prometida.

a) A chamada de Josué

A chamada que Deus fez a Josué registra uma das mais belas páginas da Bíblia, porque a maneira como o Senhor agiu estimula e renova a fé.

Particularmente, os primeiros nove versos do livro de Josué têm sido uma verdadeira fonte de encorajamento para mim, especialmente nos dias de tempestade pelos quais tenho passado. Creio, de todo o coração, que essa fala de Deus a Josué é para os cristãos de hoje tanto quanto o foi para Josué, porque a Terra Prometida aos seguidores do Senhor Jesus deve ser conquistada individualmente por cada cristão.

Ninguém pode conquistá-la através do esforço de outro; cada um tem que fazer a sua parte, lutar as suas lutas e perseverar até o fim para alcançá-la. É justamente o que o Senhor disse: "Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele." (Mateus 11.12).

"Sucedeu, depois da morte de Moisés, servo do Senhor, que este falou a Josué, filho de Num,

servidor de Moisés, dizendo: Moisés, meu servo, é morto; dispõe-te, agora, passa este Jordão, tu e todo este povo, à terra que eu dou aos filhos de Israel.

Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado, como eu prometi a Moisés. Desde o deserto e o Líbano até ao grande rio, o rio Eufrates, toda a terra dos heteus e até ao mar Grande para o poente do sol será o vosso limite.

Ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida; como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei, nem te desampararei. Sê forte e corajoso, porque tu farás este povo herdar a terra que, sob juramento, prometi dar a seus pais.

Tão-somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem-sucedido por onde quer que andares.

Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido.

Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares."

Josué 1.1-9

A primeira coisa que o Senhor exigiu de Abrahão, quando o chamou, foi a saída da sua terra, da sua parentela e da casa de seu pai... A chamada de Moisés foi caracterizada pela sua renúncia ao reino do Egito; na chamada de Josué, Deus exigiu o abandono do passado, já que ele estava prostrado, curtindo a tristeza pela perda de seu amigo e líder Moisés.

Ora, a verdade é que sempre que Deus escolhe alguém para uma determinada missão exige a sua entrega total e irrestrita. Josué jamais poderia servir a Deus enquanto estivesse curtindo ou vivendo o passado dentro de si mesmo. Assim tem sido com a maioria das pessoas que procuram usar a fé como instrumento de conquista: ao mesmo tempo em que olham para a frente, pois assim é a lei da fé – as pessoas sempre olham para frente com a mais absoluta certeza de que vão alcançar o objetivo –, deixam escapar a visão de um futuro certo para se fixar num passado incerto.

Aqueles que, porventura, tentam andar para frente e não perdem de vista o que para trás ficou, jamais vão chegar a lugar algum. Esse tipo de atitude é o que mais tem derrotado as pessoas, mesmo cristãs, pois ficam olhando para o que passou e se esquecem de se armar para enfrentar o futuro. O passado as tem distraído para que não enxerguem o futuro.

É certo, o passado só deve ser visto ou lembrado para se tirar proveito no futuro; do contrário, só somará fracassos. Quando o passado mau é trazido à baila no presente, com ele também vêm as dúvidas e temores que, por sua vez, anulam o poder da fé, responsável pela vitória. Muitos têm vivido de derrota em derrota na vida física, espiritual, financeira e sentimental. E o que é pior, além de se tornarem exemplos vivos do fracasso, ainda conseguem servir como fonte

geradora de dúvidas por onde forem!

Examine, caro leitor, a sua própria vida. Quantas vezes você perdeu oportunidades de ouro para conquistar algo de grande valor simplesmente porque ficou pensando nas experiências amargas do passado?! Quantas
vezes o sentimento do medo de errar outra vez o impediu de tomar uma atitude de fé que o levaria ao sucesso?

Muitos continuam paralisados pelos fracassos do passado. Muitos, embora tendo fé para ir adiante; estão amarrados a uma dúvida gerada com aquela experiência. Alguns ficam mais preocupados com o passado dos entes queridos que com o seu próprio!

De repente, meu amigo leitor, você deixa de andar para frente, perdendo a chance de lutar e conquistar, porque tem medo de agir ou arriscar e cometer o mesmo erro de alguém que você muito ama! O diabo que destruiu aquele seu ente querido mantém aceso na sua mente o fracasso dele; e aí vêm as dúvidas que o impedem de andar para frente! Dê uma reviravolta nos seus pensamentos, alie-se com Deus e vá em frente, porque Ele será com você todo o tempo!

Deus nunca usou pessoas que estavam presas ao passado, e aquelas que insistiram em andar olhando para trás e para frente ao mesmo tempo não conseguiram qualquer coisa de Deus, porque Ele determinou: “todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma.” (Hebreus 10.38).

Isso significa que o ser humano somente conseguirá conquistar a plenitude da vida através da certeza absoluta, que é a fé. Mas jamais a conquistará se a dúvida estiver mesclada com a certeza. Justamente aí as pessoas têm-se enganado: ao mesmo tempo que manifestam grande certeza de alguma coisa, se deixam levar por um grão de dúvida.

Temos aprendido pela lei da fé que um mínimo de dúvida anula o maior grau de fé possível. Enquanto isso, um mínimo de fé sem nenhuma dúvida é capaz de realizar o impossível. Eis por que Deus exige que nos desvencilhemos de tudo o que produz dúvidas em nosso coração para que possamos andar com Ele. Assim sendo, Deus refrescou a memória de Josué, dizendo que Moisés estava morto. Ele queria que Josué parasse de ficar pensando na morte do seu grande amigo e seguisse em frente para a conquista da Terra Prometida.

b) A travessia do Jordão

A travessia do rio Jordão foi tão fundamental para a conquista da Terra Prometida quanto a travessia do Mar Vermelho o foi para a liberdade total do povo de Israel da escravidão egípcia.

Da mesma forma como o Mar Vermelho foi atravessado, também foi o rio Jordão, ou seja: a pé. Cada um de nós tem que, pelo menos uma vez na vida, chegar à margem de um grande mar ou de um pequeno rio e ser obrigado a atravessá-lo de qualquer maneira. Não se pode voltar atrás, não se pode tentar contorná-lo e, finalmente, não se pode ficar parado à sua margem, esperando que um tapete mágico apareça e nos leve ao outro lado.

Quando Deus nos propõe uma aliança, é justamente para que, diante das travessias impossíveis, possamos contar com a Sua mão poderosa.
É muito importante que observemos acuradamente os momentos de dificuldade a que somos levados pelas situações desta vida, e venhamos a tirar proveito deles. A adversidade nem sempre é um mal. Às vezes, prova retidão de caráter.

Há um propósito divino em todas as adversidades pelas quais passam as pessoas. Claro que não significa dizer que Deus promove as tempestades em nossas vidas. Ele as tem permitido para que venhamos a ter experiências com Seu grande poder.

Numa ocasião em que o Senhor Jesus e os discípulos encontraram um cego de nascença, perguntaram ao Senhor quem havia pecado, o cego ou seus pais, para que aquele homem nascesse cego; e o Senhor respondeu: "Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus" (João 9.3).

A maioria dessas situações incômodas que passamos devem servir para que se manifestem as obras de Deus em nós, especialmente quando se crê n'Ele de todo o coração. Dentro do contexto cristão, podemos ter a mais absoluta certeza de que há algo de tremenda grandeza a se manifestar após os momentos de dor.

O apóstolo Paulo, que passou por tantas provações e tormentas, sabia, por experiência própria, que "...todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito." (Romanos 8.28).

Quando o Senhor falou a Josué: "Tenha disposição agora, levanta-te e atravessa este Jordão", não queria que Josué perdesse nem mais um minuto sequer e tomasse posse logo da Sua bênção.

Esse é o espírito da mensagem de Deus para todos nós! Deus já determinou coisas grandes e portentosas para os Seus aliados, mas Ele não pode fazer somente aquilo que está nos limites dos Seus aliados. Há que se avançar sobre as trincheiras do diabo, com as armas que Deus colocou à nossa disposição e arrancá-lo de lá.

As nossas armas são muito mais eficazes que as dele, pois têm o poder de penetrar no mais profundo da casamata de Satanás e queimá-lo juntamente com todos os seus demônios. Eles não agüentam o fogo das nossas armas, porque estas foram construídas pelo próprio Deus, a fim de fazer Seus aliados invencíveis em todas as batalhas.

Por isso, o Senhor estimulou Josué a tomar uma atitude imediata e conquistar logo o que Ele dera para o Seu povo, pois o problema não estava na luta com o inimigo – isso seria apenas um exercício para o exército de Josué –, mas na disposição para a luta, que uma vez executada, traria a vitória.

c) A conquista da Terra Prometida

Não resta dúvida de que o grande segredo da conquista da Terra Prometida estava, tão-somente, no fato de Josué ter determinado, em seu coração, que iria obedecer a palavra que Deus lhe dera.

Na verdade, a situação de Josué não era nada confortável, uma vez que ele estava do outro lado do rio Jordão, diante da terra tão desejada por ele e por seus antepassados, mas totalmente ocupada pelos inimigos de Israel, que eram mais fortes, melhor preparados fisicamente e, sobretudo, entrincheirados na sua própria terra. Isso significava dizer que a fé de Josué não tinha ainda sido provada pelo fogo desde que saíra do Egito, mas, agora, lá estava a sua chance de mostrar para os seus companheiros e o povo de Israel que ele fora realmente o escolhido de Deus para dirigi-los à vitória na conquista daquela terra.

Até ali, Josué mantivera a convicção, a fé e a determinação em Deus, mas sob a liderança de Moisés. Agora que Moisés estava morto, a responsabilidade de fazer aquele povo tomar posse da terra era totalmente dele. E tudo o que o Senhor Deus dera a Moisés também deu a ele, isto é: a Sua Palavra, a Sua garantia, a Sua segurança; enfim, a mais absoluta certeza da vitória! Esta era a sua arma: a fé!

Tudo o que tinha a fazer era andar para frente, não obstante as dificuldades que iria encontrar, contando com a garantia de que a partir do momento em que desse um passo avante, aquele pedaço de terra passaria automaticamente a ser dele. E quanto mais andasse em frente, mais conquistaria, e, se por acaso, voltasse atrás, com certeza perderia o seu domínio. Não havia outra opção: ou ia em frente, conquistando, ou voltava atrás, derrotado.

Assim é a fé! Ou a pessoa a conquista, ou não! Certamente, Deus não iria exigir que andássemos pela fé se não houvesse uma garantia da sua parte que nos permitisse isso. Também é óbvio que os que vivem em aliança permanente com Deus não devem temer absolutamente nada, porque a Sua Palavra garante se cumprir, pois: “Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?” (Números 23.19).

A fé é o termômetro que mede o grau de aliança com Deus. A fé viva no Deus Vivo que uma pessoa alimenta em seu coração é a característica
evidente de que há uma intimidade dessa pessoa com Deus. Josué vinha exercitando a sua fé fundamentado nas alianças que Deus fizera com seus antepassados, mas, agora, havia uma promessa direta, significando a aliança entre Deus e ele. E foi nessa fé que Josué atravessou o rio Jordão, convicto de que, se Deus era com ele, tudo teria de dar certo.

O primeiro grande resultado da sua aliança com Deus veio logo, na travessia do rio Jordão. O Senhor mandou que a Arca da Aliança fosse levada pelos sacerdotes levitas adiante do povo. Quando os sacerdotes puseram seus pés no rio, imediatamente abriu-se um caminho por entre as águas, de forma que o povo de Israel passou a pé enxuto. E os sacerdotes ficaram parados no meio do rio até que todo o povo passasse.

Ora, aquela Arca da Aliança era a garantia de segurança para todo o povo de Israel, da mesma forma como o foi a aliança feita no Calvário. A Arca servia como um sinal da Velha Aliança. Contudo, o tempo não pode e nem poderá desfazer o sinal da cruz do Calvário por ser ele o sinal da Nova e Definitiva Aliança de Deus, não com apenas uma espécie de povo, mas com todos os povos da Terra.

Assim como a Arca da Aliança abriu um caminho para a passagem do povo de Israel à Terra Prometida, da mesma forma a Cruz do Calvário abriu um caminho para tantos quantos quiseram

passar e conquistar todas as bênçãos prometidas por Deus na Bíblia Sagrada. É muito importante notar que assim como a Arca da Aliança abriu um caminho seguro para a passagem do povo de Israel na conquista da Terra Prometida, assim também Deus nos oferece a salvação através de uma aliança no Calvário.

A segunda prova de que a Aliança com Deus era um fato consumado veio tão logo Josué atravessou o rio Jordão. Diz a Escritura Sagrada que "...Jericó estava rigorosamente fechada, por causa dos filhos de Israel; ninguém saía nem entrava" (Josué 6.1). E o povo de Israel não tinha outro caminho para prosseguir a sua jornada; tinha de passar obrigatoriamente por aquela cidade.

A vitória sobre a cidade era o sinal da conquista de todo o restante da terra, e, se por acaso não conseguisse conquistar Jericó, certamente o povo não teria estímulo para prosseguir na conquista. Jericó representava não apenas uma cidade inimiga, mas a porta de entrada principal de toda a terra de Canaã.

Assim como a Arca da Aliança teve participação muito importante na passagem do rio Jordão, da mesma forma o foi na conquista de Jericó. Novamente os sacerdotes levaram a Arca e, desta feita, entre os homens armados de Israel que iam adiante, e os demais homens da retaguarda. Por treze vezes consecutivas rodearam as muralhas intransponíveis de Jericó, e, na última volta, o povo gritou com todas as suas forças, o suficiente para que as muralhas de Jericó não resistissem e viessem abaixo, permitindo que os soldados entrassem na cidade para conquistá-la definitivamente.

Esse episódio, somado à passagem pelo rio Jordão a pé enxuto, criou um terrível temor em todos os inimigos de Israel. Essas vitórias foram consolidando ainda mais a fé do povo e motivando-o no firme propósito de expulsar da terra os cananeus, os heteus, os heveus, os ferezeus, os girgaseus, os amorreus e os jebuseus.

É bom destacar que esses inimigos continuam ocupando a terra ou o espaço que Deus já determinou para os que estão em aliança com Ele. Por isso, foi o Seu povo, imbuído da Sua força, cheio de certeza, de convicção e de fé que os expulsou daquela terra. Essa vitória Deus também concede aos que se aliarem a Ele, através do sangue do Senhor Jesus, para que conquistem Suas terras que têm sido ocupadas pelos espíritos malignos.

Embora os seus nomes tenham sido modificados, eles continuam agindo no sentido de não apenas consolidar os espaços que já ocuparam, mas também estender por todo o planeta, e entre todos os povos, a área de ação de suas obras mortíferas.

Há cristãos pensando que Deus é quem deve lutar para que a vitória aconteça em sua vida; pensam que o simples fato de entregarem a Deus os seus problemas, através de uma oração, garantirá as respostas de forma
automática, sem que haja necessidade de lutar. É claro que não é tão simples assim; se fosse, o próprio Deus enviaria um anjo para exterminar os inimigos de Seu povo sem ser preciso derramar sangue.

Não é dessa forma que o Senhor Deus trabalha. Ele tem concedido aos Seus seguidores condições físicas e espirituais, a fim de que possam conquistar as suas vitórias, através de seus próprios

esforços. O Senhor Jesus ensinou isso, quando disse:

“Por isso, vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á.”

Lucas 11.9-10

Em outro momento, o Espírito Santo, através do apóstolo Paulo, disse:

“Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis.

Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça.

Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; embraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno.

Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos”

Efésios 6.13-18

Esses dois versículos são suficientes para entendermos que Deus jamais vai lutar as nossas batalhas; para isso Ele nos dá a armadura, a fim de que nós mesmos possamos lutar e vencer para a Sua glória. Além do mais, imagine o leitor se Deus mesmo lutasse por nós. Como iríamos conquistar a nossa própria vitória? Como poderíamos desenvolver a fé e a nossa salvação?

Vejamos, por exemplo, o desenvolvimento de uma criança: poderiam os pais fazê-la aprender a andar, engatinhando e dando os primeiros passos por ela? Imagine os pais dessa criança explicando-lhe nos mínimos detalhes como se deve andar, sem lhe permitirem tentar. Seria possível para ela andar? É claro que não!

Assim também Deus age conosco. O seu amor e carinho por nós não é menor que o que temos por nossos filhos, não é? Pelo contrário, Ele tem muito mais amor por nós que nós temos para com os nossos filhos, tanto é que Ele teve a coragem de dar o Seu Único Filho em nosso favor, o que nenhum de nós faria. Mas como é fundamental assumirmos o nosso próprio desenvolvimento, Deus nunca vai assumir uma batalha por quem Ele já deu condições de lutar e vencer! Toda e qualquer vitória nossa depende metade de nós mesmos e metade de Deus. Obviamente, que a primeira metade tem de ser executada por nós e, quando for concluída, Deus fará o restante.

E foi nesse ânimo que Josué entrou na Terra Prometida. Ele sabia que a vitória era certa, mas teria de lutar para isso se tornar realidade. Embora não tivesse nem o nome do Senhor Jesus Cristo e nem o selo do Espírito do Senhor Jesus, tinha a promessa de Deus selada por uma aliança. E isso foi o bastante para que expulsasse os moradores intrusos de lá e assim conquistasse aquela terra tão almejada.

d) A rejeição do Reinado de Deus

Depois que os filhos de Israel conquistaram a terra de Canaã e se estabeleceram nela, ainda sob a liderança de Josué, houve a renovação da aliança do Senhor com o Seu povo por duas vezes. Na primeira renovação, Josué erigiu um altar ao Senhor no monte Ebal, de pedras toscas, e diante de todo o povo de Israel leu as palavras da Lei de Moisés. Na segunda, Josué reuniu todas as tribos de Israel, em Siquém, e chamou os anciãos de Israel, os seus cabeças, os seus juízes e os seus oficiais; e eles se apresentaram diante de Deus:

"Então, Josué disse a todo o povo: Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Antigamente, vossos pais, Tera, pai de Abraão e de Naor, habitaram dalém do Eufrates e serviram a outros deuses. Eu, porém, tomei Abraão, vosso pai, dalém do rio e o fiz percorrer toda a terra de Canaã; também lhe multipliquei a descendência e lhe dei Isaque.

A Isaque dei Jacó e Esaú e a Esaú dei em possessão as montanhas de Seir; porém Jacó e seus filhos desceram para o Egito. Então, enviei Moisés e Arão e feri o Egito com o que fiz no meio dele; e, depois, vos tirei de lá.

Tirando eu vossos pais do Egito, viestes ao mar; os egípcios perseguiram vossos pais, com carros e com cavaleiros, até ao mar Vermelho.

E, clamando vossos pais, o Senhor pôs escuridão entre vós e os egípcios, e trouxe o mar sobre estes, e o mar os cobriu; e os vossos olhos viram o que eu fiz no Egito. Então, habitastes no deserto por muito tempo.

Daí eu vos trouxe à terra dos amorreus, que habitavam dalém do Jordão, os quais pelejaram contra vós outros; porém os entreguei nas vossas mãos, e possuístes a sua terra; e os destruí diante de vós.

Levantou-se, também, o rei de Moabe, Balaque, filho de Zipor, e pelejou contra Israel; mandou chamar Balaão, filho de Beor, para que vos amaldiçoasse. Porém eu não quis ouvir Balaão; e ele teve de vos abençoar; e, assim, vos livrei da sua mão. Passando vós o Jordão e vindo a Jericó, os habitantes de Jericó pelejaram contra vós outros e também os amorreus, os ferezeus, os cananeus, os heteus, os girgaseus, os heveus e os jebuseus; porém os entreguei nas vossas mãos.

Enviei vespões adiante de vós, que os expulsaram da vossa presença, bem como os dois reis dos amorreus, e isso não com a tua espada, nem com o teu arco. Dei-vos a terra em que não trabalhastes e cidades que não edificastes, e habitais nelas; comeis das vinhas e dos olivais que não plantastes.

Agora, pois, temei ao Senhor e servi-o com integridade e com fidelidade; deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais dalém do Eufrates e no Egito e servi ao Senhor. Porém, se vos parece mal servir ao Senhor, escolhei, hoje, a quem sirvais: se aos deuses a quem serviram vossos pais que estavam dalém do Eufrates ou aos deuses dos amorreus em cuja terra habitais. Eu e a minha casa serviremos ao Senhor."

Josué 24.2-15

Em seguida, após o povo ter confessado que servia ao Senhor Deus de Abrahão e se comprometer com Ele através daquela renovação de aliança, podemos ver a exortação de Josué ao povo:

"Josué escreveu estas palavras no Livro da Lei de Deus; tomou uma grande pedra e a erigiu ali debaixo do carvalho que estava em lugar santo do Senhor. Disse Josué a todo o povo: Eis que esta pedra nos será testemunha, pois ouviu todas as palavras que o Senhor nos tem dito; portanto, será testemunha contra vós outros para que não mintais a vosso Deus. Então, Josué despediu o povo, cada um para a sua herança."

Josué 24.26-28

Depois dessas coisas, sucedeu que Josué faleceu com a idade de 110 anos. Outras gerações se levantaram e, como não conheciam o Senhor, tampouco o que fizera a Israel, passaram a servir a outros deuses. Essas atitudes das gerações de Israel enfraqueceram a sua fé. Em decorrência disso, vieram as derrotas para outros povos que também haviam sido derrotados por Israel.

E é claro, tudo o que se planta, se colhe. Quando as pessoas dão as costas a Deus, automaticamente passam a curvar-se diante do diabo; e quando dão as costas ao diabo, passam a curvar-se perante Deus. Quanto mais perto se está de Deus, mais longe do diabo; quanto mais longe de Deus, mais perto do diabo. Não há um meio-termo na vida espiritual: ou a pessoa serve a Deus ou serve ao diabo; ou está com Deus ou está com o diabo.

O Senhor Jesus disse isso em outras palavras: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro..." (Mateus 6.24).

Quando servimos a Deus, há garantia de sucesso em todos os sentidos da nossa vida; mas quando não temos compromisso com Deus, as coisas na nossa vida nunca dão certo. Quer na vida material, física ou sentimental. Nada dá certo!

Enquanto Josué liderava Israel e servia a Deus, levou o povo aos pastos verdejantes e trouxe a prosperidade em todos os sentidos. Após a morte de Josué, os sacerdotes e os profetas ouviam e dirigiam as palavras do Senhor para todo Israel. Isso aconteceu até a época do profeta Samuel, que, tendo envelhecido, constituiu os seus filhos por juízes.

Porém, seus filhos não estavam agindo corretamente com o povo de Israel, conforme a Bíblia nos relata:

"Então, os anciãos todos de Israel se congregaram, e vieram a Samuel, a Ramá, e lhe disseram: Vê, já estás velho, e teus filhos não andam pelos teus caminhos; constitui-nos, pois, agora, um rei sobre nós, para que nos governe, como o têm todas as nações. Porém esta palavra não agradou a Samuel, quando disseram: Dá-nos um rei, para que nos governe. Então, Samuel orou ao Senhor.

Disse o Senhor a Samuel: Atende à voz do povo em tudo quanto te diz, pois não te rejeitou a ti, mas a mim, para eu não reinar sobre ele."

1 Samuel 8.4-7

Essa atitude que tiveram com o Senhor foi muito cruel, pois Israel foi um povo totalmente escravo dos egípcios. Deus então o tirou daquela situação e o fez uma nação forte e temível diante de todos os habitantes da Terra. O Senhor realizou isso, usando apenas os Seus servos consagrados; contudo, o povo preferiu ter um rei. O povo desprezou a direção divina para se sujeitar à humana.

Esse tipo de coisa aconteceu também quando o Senhor Jesus estava sendo julgado. O mesmo povo, que tinha assistido a tantos milagres e a tantas maravilhas feitos pelo Senhor Jesus, que só ajudou àqueles que O invocaram de todo o coração, optou por Barrabás, que era assaltante, ladrão e assassino. Esse mesmo espírito continua a agir no meio dos povos, pois mesmo apesar dos testemunhos de maravilhas, através da unção do Espírito Santo, a maioria tem-se esquivado da graça de Deus e preferido os Barrabás deste mundo.

Capítulo 10

Aliança de Deus com Saul

As alianças que Deus fez com os homens tinham sempre o objetivo de beneficiar os próprios homens coletivamente. Foi assim com Abrahão, que além de ser abençoado, abençoou também toda a Humanidade por intermédio de sua fidelidade; da mesma forma, Isaque, Jacó, Moisés e Josué, além do povo de Israel.

Com os que vieram após Abrahão, Deus apenas foi renovando a Sua antiga aliança. Assim aconteceu com Saul, a fim de que ele pudesse, como rei, liderar o povo nas suas conquistas e dominar como nação.

a) A chamada de Saul

Todo e qualquer clamor da parte do povo de Deus sempre traz respostas do Céu. E, se o pedido for da vontade de Deus, Ele atenderá mediante a expressão de fé da pessoa. Por isso, a fé é um elemento fundamental para obtermos respostas aos nossos pedidos.

Tudo o que pedirmos em oração deve ter sempre a expressão: "Segundo a Tua vontade, ó Deus". O Senhor Jesus disse: "...tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco." (Marcos 11.24). É preciso ter o cuidado de pedir a Deus o que já está prometido, pois o que passar disso pode tornar-se em tristeza.

Quando Saul já estava há três dias procurando as jumentas de seu pai que haviam-se extraviado, ele decidiu se encontrar com o profeta Samuel e pedir sua ajuda, pois, como vidente, Samuel podia dizer onde os animais se encontravam:

"(Antigamente, em Israel, indo alguém consultar a Deus, dizia: Vinde, vamos ter com o vidente; porque ao profeta de hoje, antigamente, se chamava vidente.)"

1 Samuel 9.9

"Samuel respondeu a Saul e disse: Eu sou o vidente; sobe adiante de mim ao alto; hoje, comereis comigo. Pela manhã, te despedirei e tudo quanto está no teu coração to declararei.

Quanto às jumentas que há três dias se te perderam, não se preocupe o teu coração com elas, porque já se encontraram. E para quem está reservado tudo o que é precioso em Israel? Não é para ti e para toda a casa de teu pai?

Então, respondeu Saul e disse: Porventura, não sou benjamita, da menor das tribos de Israel? E a minha família, a menor de todas as famílias da tribo de Benjamim? Por que, pois, me falas com tais palavras?"

1 Samuel 9.9,l9-21

Com a escolha de Saul dentre a menor família da menor das tribos de Israel, Deus deixa um exemplo para a Humanidade de que o critério que utiliza para escolher os Seus servos está justamente na situação humilde em que eles se encontram, conforme o apóstolo Paulo disse aos cristãos de Corinto:

"Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus."

1 Coríntios l.26-29

A aliança entre Deus e Saul se deu quando o Senhor, através do profeta Samuel, derramou um vaso de azeite sobre a sua cabeça. O azeite sempre foi um símbolo do Espírito Santo, usado para ungir os escolhidos de Deus, tais como os sacerdotes, profetas e reis em Israel. Também era usado para ungir os utensílios da Casa do Senhor. Essa unção separava ou santificava aquilo que passava a pertencer exclusivamente aos propósitos divinos.

De fato, depois de o profeta ter ungido Saul como rei, este passou a
ter a unção de profeta entre os demais profetas; ainda assim Saul não tinha recebido autoridade para profeta, mas para rei. Ao receber a unção, foi
declarado a ele: "O Espírito do Senhor se apossará de ti, e profetizarás com eles e tu serás mudado em outro homem." (1 Samuel 10.6).

Saul chegou a profetizar simplesmente porque o Espírito do Senhor estava sobre ele, mas isso não significava que passara a ser também um profeta. Essa falta de entendimento fê-lo perder o reinado e até a salvação, como nós teremos oportunidade de ver mais tarde.

Muitas pessoas cristãs, infelizmente, também têm-se deixado enganar pelos espíritos imundos que estão atuando dentro das igrejas, fazendo-as pensar que profetizam. É bem verdade que é possível o Espírito Santo usar um servo Seu para edificar a Sua Igreja através de uma palavra profética, pois o dom de profecia pertence exclusivamente a Ele, mas isso não pode ser considerado, em hipótese alguma, como um dom que ela passou a ter a partir do dia em que profetizou.

Saul serviu apenas como um vaso de Deus naquele momento oportuno, quando estava entre os verdadeiros profetas que tinham sido ungidos para essa finalidade, o que não era o seu caso, visto ter sido ungido apenas para o reinado de Israel.

O azeite da unção de Saul foi um sinal de aliança de Deus com ele, e essa aliança significava que, a partir daquele momento, ele podia contar com a ajuda de Deus para vencer todos os seus inimigos. Saul teria de se submeter totalmente à Palavra de Deus, do contrário não poderia haver garantia da aliança.

Já vimos que numa aliança não pode haver quebra do compromisso por nenhuma das partes sob pena de ser cancelada. E foi justamente o que aconteceu com Saul: a sua desobediência à Palavra culminou com a sua derrota, vergonha e morte.

b) A queda de Saul

Infelizmente, há uma corrente entre alguns que se dizem cristãos afirmando que, uma vez a pessoa salva, pode ficar despreocupada, porque a sua salvação está garantida. O diabo usa filosofias modernas, que satisfazem tanto os que estão caindo, como os já caídos, e essa doutrina tem feito um verdadeiro estrago entre o povo de Deus. Filosofias, como o "cair pelo poder de Deus", fanerose, ou "os salvos serem predestinados", têm feito muitos cristãos sinceros apagar o Espírito de Deus em si mesmos e esfriarem a cada dia.

Esse exemplo é o mais claro e evidente para tantos quantos têm olhos para ver e ouvidos para ouvir. Saul foi um homem escolhido e ungido por Deus para ser o primeiro em todo Israel. Ele profetizou entre os profetas e venceu os amonitas, porque o Espírito de Deus havia-se apossado dele, mas isso tudo ainda não foi forte o suficiente para impedi-lo de perder tudo. E por quê?

Por causa da sua falta de confiança em Deus, Saul desobedeceu à palavra de um homem de Deus. Ele tinha sido ungido e recebido a seguinte ordem do profeta Samuel:

"Tu, porém, descerás adiante de mim a Gilgal, e eis que eu descerei a ti, para sacrificar holocausto e para apresentar ofertas pacíficas; sete dias esperarás, até que eu venha ter contigo e te declare o que hás de fazer."

1 Samuel 10.8

Os filisteus reuniram um grande número de soldados bem preparados para pelejar contra Israel, e os homens de Saul ficaram cobertos de temores e se esconderam pelas cavernas, pelos buracos, pelos penhascos, túmulos e cisternas, pois o pavor havia tomado conta deles.

O rei Saul, temendo a derrota, não esperou por Samuel, a fim de realizar o holocausto e oferecer as ofertas pacíficas, já que era a única coisa que poderia mudar aquela situação desesperadora; e, aí, ele mesmo fez o sacrifício.

Veja, leitor amigo, quão importante é a oferta para aquele que a oferece. Quantas vezes temos ensinado o povo sobre o valor da oferta e a importância dela na vida do ofertante, mas muitas pessoas, infelizmente, com o coração endurecido com a Obra de Deus, têm amarrado as mãos do Senhor, impedindo-O de abençoar.

É simplesmente impossível alcançar a plenitude das bênçãos divinas quando se mantém o coração amarrado às coisas materiais. As pessoas somente vão aprender a receber quando aprenderem a dar.

O holocausto e as ofertas pacíficas eram fundamentais para que o povo de Israel tivesse a certeza de que Deus iria lhe dar vitória. O povo tinha plena convicção de que o holocausto e as ofertas pacíficas garantiriam o sucesso em todas as suas jornadas contra os seus inimigos. Ele estava absolutamente consciente de que as ofertas dadas a Deus trariam o espírito da fé e da certeza de que a vitória era certa.

O rei Saul não esperou pela chegada do profeta Samuel, e, por iniciativa própria, mandou que

trouxessem o holocausto e as ofertas pacíficas e os ofereceu ao Senhor. Estava louco de medo dos filisteus e a oferta era a única solução para o seu problema, porque pensava que o fato de oferecer o holocausto reuniria novamente o povo espalhado e poderia fazer frente aos filisteus e vencê-los com a benevolência de Deus.

Diz a Bíblia que, mal acabara de oferecer o holocausto, o profeta Samuel chegou dizendo:

"...Procedeste nesciamente em não guardar o mandamento que o Senhor, teu Deus, te ordenou; pois teria, agora, o Senhor confirmado o teu reino sobre Israel para sempre.

Já agora não subsistirá o teu reino. O Senhor buscou para si um homem que lhe agrada e já lhe ordenou que seja príncipe sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o Senhor te ordenou."

1 Samuel l3.13-14

Saul realmente estava certo ao crer que o holocausto e mais as ofertas pacíficas iriam criar um novo ânimo no povo, mas estava totalmente errado ao pensar que poderia oferecer os sacrifícios a Deus. Tinha sido ungido para rei e não para sacerdote. Os sacrifícios oferecidos a Deus jamais seriam aceitos, porque ele não era sacerdote.

A oferta de sacrifício, antes da vinda do Senhor Jesus Cristo, somente poderia ser oferecida pelos sacerdotes. Sacerdote significa "o que oferece sacrifícios ao Deus Altíssimo". E, para que a pessoa pudesse servir como sacerdote do Senhor, tinha de pertencer à tribo dos levitas, o que não era o caso de Saul, da tribo de Benjamim. Por outro lado, também, a oferta devia ter espírito e vida; do contrário estava morta e não era aceita pelo Senhor. A oferta que se oferece simboliza a que Deus oferece à Humanidade, isto é: o Seu Filho Jesus Cristo.

Se a oferta que Deus nos oferece tem Espírito e Vida, a oferta que ele nos exige também deve ter espírito e vida. O sacrifício que Saul ofereceu a Deus era morto e sem valor, por estar sem condições espirituais para realizá-lo. Somente o profeta Samuel reunia condições para isso, tanto é assim que Saul esperou por Samuel durante sete dias. Ele poderia mandar trazer um outro profeta menor para proceder ao sacrifício, todavia aquele era um especialmente destinado a garantir a vitória de Israel na luta contra os filisteus.

Esse foi o primeiro grande erro de Saul com o Senhor. O segundo, e definitivamente fatal, foi quando o Senhor mandou que Saul destruísse totalmente tudo o que havia em Amaleque. Saul saiu e destruiu os amalequitas; porém, deixou vivo o seu rei, Agague, e o melhor das ovelhas e dos bois, os cordeiros e os animais gordos e o melhor do que havia, pois não os quis destruir totalmente. Novamente, Saul provou a sua rebeldia às ordens de Deus...

Embora tivesse alegado que o despojo trazido era para oferecer como sacrifício ao Senhor, foi totalmente rebelde ao desobedecer-Lhe. Mesmo que as razões que o levaram à desobediência tivessem sido justas, houve uma transgressão à Palavra, e Deus não podia e não pode suportar esse tipo de atitude daqueles que escolhe para uma determinada missão.

O Senhor se arrependeu de haver constituído Saul rei, porquanto este deixou de dar ouvidos a Sua

voz e de executar a Sua vontade.

A partir de então, aquela unção que Saul recebera já não mais existia, pois o Espírito de Deus Se afastara dele. E é melhor que a pessoa jamais conheça a Deus que conhecê-Lo, provar do Seu Espírito, da Sua presença e, em seguida, permitir que se perca tudo. É como o náufrago que nada quilômetros para chegar à praia, e quando chega lá, não agüenta e morre.

Aqueles que acreditam ser impossível perder a salvação deveriam ler com mais cuidado sobre a vida do rei Saul e tirar as suas próprias conclusões.

Com respeito à salvação que recebemos em Cristo Jesus, creio que fomos salvos, estamos salvos e seremos salvos se andarmos de acordo com a orientação da Palavra de Deus! É como o Senhor Jesus disse:

"Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha."

Mateus 7.24,25

Capítulo 11

Aliança de Deus com Davi

A glória de Deus pertence exclusivamente a Ele, assim também os Céus e a Terra. Todo poder e domínio pertencem ao nosso Deus, e quando o homem anda segundo seus próprios pensamentos sem dar crédito à Palavra do Criador, tem de estar preparado para assumir as conseqüências de sua rebelião.

Assim aconteceu com o rei Saul, que devido à desobediência a Deus, não apenas perdeu toda a glória de Israel, mas, sobretudo, a própria salvação. E, porque a Obra de Deus não pode parar, o Senhor levantou outro homem, segundo o Seu próprio coração, para que fizesse a Sua santa vontade e desse prosseguimento à construção do reinado de Israel.

a) A chamada de Davi

Da mesma maneira como Deus chamou Saul, também chamou Davi, ou seja, através do Seu servo e profeta Samuel. E, novamente, o Senhor utilizou o azeite como elemento para determinar a Sua unção naquele servo, instrumento da Sua vontade. Eis que disse o Senhor a Samuel: "...Enche um chifre de azeite e vem; enviar-te-ei a Jessé, o belemita; porque, dentre os seus filhos, me provi de um rei." (1 Samuel 16.1).

É interessante observar que a chamada dos que vão servir a Deus sempre foi provida pelo próprio Deus e não por homens. Isso significa dizer que não importa se a pessoa se esmera para o sacerdócio dentro de um seminário, alcançando um conceito elevado nos estudos e ganhando assim a simpatia de todos os colegas e professores, se ela não teve realmente uma experiência pessoal com Deus. Todo o esforço que fizer no sentido de querer servir a Deus será absolutamente em vão.

A chamada de um homem de Deus depende exclusivamente de Deus, pois é Ele quem escolhe os Seus servos. Afinal de contas, a Obra de Deus não pode ser feita pela sabedoria e inteligência dos homens, mas do próprio Deus, que unge o Seu escolhido com o Espírito Santo para que possa fazer tudo de acordo com a Sua instrução.

Quando o profeta Samuel chegou à casa de Jessé, este apresentou-lhe seus filhos; pela aparência, o profeta imaginou logo que seria o primeiro filho de Jessé, Eliabe, o ungido. No entanto, o Senhor deu a seguinte mensagem a Samuel:

"...Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei; porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração."

1 Samuel 16.7

Jessé, então, continuou apresentando os seus filhos mais qualificados até o sétimo, os quais foram também rejeitados pelo profeta. Então:

"Perguntou Samuel a Jessé: Acabaram-se os teus filhos? Ele respondeu: Ainda falta o mais moço,

que está apascentando as ovelhas. Disse, pois, Samuel a Jessé: Manda chamá-lo, pois não nos assentaremos à mesa sem que ele venha.

Então, mandou chamá-lo e fê-lo entrar. Era ele ruivo, de belos olhos e boa aparência. Disse o Senhor: Levanta-te e unge-o, pois este é ele.

Tomou Samuel o chifre do azeite e o ungiu no meio de seus irmãos; e, daquele dia em diante, o Espírito do Senhor se apossou de Davi..."

1 Samuel 16.11-13

Certamente, a chamada de Davi se deu em função do seu coração
afinado com a vontade de Deus. Deus conhece os que têm o firme propósito de servi-Lo; e são estes que o Senhor escolhe para andar junto d'Ele.

Infelizmente, a maioria das pessoas que faz parte da Igreja do Senhor
Jesus está mais desejosa de servir-se das bênçãos do Senhor que propriamente servi-Lo com as suas vidas, e talvez seja essa a maior razão pela qual a Igreja tem estado doente, fraca e desgastada em toda a Terra.

Davi era apenas um menino cuja experiência única era tomar conta de ovelhas, o que fazia com todo zelo e amor. Quando o seu rebanho estava em pastos verdejantes e havia segurança, o seu coração puro se deleitava com louvores ao Deus de seus pais. E foi então, em meio às ovelhas e trabalhando, que o Senhor chamou Davi, o filho caçula entre os oito de Jessé.

b) A unção de Davi

A partir do momento em que Davi recebeu a unção, a sua vida inteira deixou de ser sua, para ser de Deus. No momento em que o óleo foi derramado sobre a sua cabeça, houve uma aliança de Deus com ele. O Espírito Santo se apossou logo de Davi, selando aquele compromisso.

O objetivo da unção não foi somente no sentido de dar a Davi poder para manifestar a grandeza de Deus em sua vida, mas, sobretudo, fazer dele um com o Senhor, para que através dessa unidade viesse a nascer uma nação grande e poderosa em preparação para a chegada do Rei dos reis.

A unção que o Espírito Santo deu a Davi foi notória diante de Israel, pois em todas as suas jornadas ele sempre foi muito bem-sucedido. Não
havia tarefa que não desempenhasse com sucesso, a começar pelo fato de, ainda menino e sem reunir condições até para servir ao exército, aceitar o desafio que o filisteu Golias havia lançado ao exército de Israel. E a verdade é que, quando o servo de Deus tem a unção do Espírito Santo, não há impossíveis para ele. Ao contrário, as maiores dificuldades são meras oportunidades de mostrar o Deus que tem crido. Assim era Davi, depois da aliança com Deus.

Quando existe uma aliança entre duas ou mais pessoas, é comum
haver uma certa confiabilidade entre as partes, justamente por causa do trato firmado entre as mesmas, até porque nem poderia haver razão para uma aliança se não houvesse um mínimo de

confiança.

Ora, é exatamente o mesmo que ocorre quando há uma aliança entre Deus e o homem. Ele passa a contar com a nossa confiança e, em contrapartida, confia-nos a unção do Seu Santo Espírito, para que haja um perfeito entrosamento entre Ele e nós, a fim de que o Seu Reino venha a ser implantado nos corações de todos os seres humanos.

E foi com a unção de Deus que Davi veio a ser rei em Israel e pôde trazer para o povo judeu segurança e prosperidade na presença de Deus, obedecendo à Sua Palavra e mantendo a sua confiança no Senhor. E não houve inimigo que pudesse fazer frente a seu poder.

c) O pecado de Davi e suas conseqüências

Assim como Deus não leva em conta o nosso débito com Ele quando
O invocamos de todo o nosso coração, também não leva em conta o nosso crédito quando O servimos e O glorificamos através dos frutos do nosso serviço e caímos na desgraça do pecado. Foi justamente o que aconteceu com o rei Davi: foi ungido rei em Israel, manifestou a glória de Deus entre todos da sua época, conquistou mais espaços para o seu povo e, no entanto, veio a cair num erro fatal.

Diz a Bíblia que, enquanto o exército de Davi estava sitiando a cidade de Rabá, inimiga de Israel, o rei Davi permanecia no palácio:

"Uma tarde, levantou-se Davi do seu leito e andava passeando no
terraço da casa real; daí viu uma mulher que estava tomando banho; era ela mui formosa. Davi mandou perguntar quem era. Disseram-lhe: É Bate-Seba, filha de Eliã e mulher de Urias, o heteu.

Então, enviou Davi mensageiros que a trouxessem; ela veio, e ele se deitou com ela. Tendo-se ela purificado da sua imundícia, voltou para sua casa. A mulher concebeu e mandou dizer a Davi: Estou grávida."

2 Samuel 11.2-5

Enquanto o rei Davi esteve à frente de seus soldados, mantinha a sua fé viva e atuante a ponto de conquistar vitórias para seu povo. A partir do momento em que deixou de ir à luta e passou a curtir as vitórias do passado, isto é, a partir do instante em que deixou de exercitar a unção que Deus lhe deu, enfraqueceu-se na fé e a primeira investida satânica passou a ter êxito.

É claro, quando somos fracos na fé, todos os problemas se tornam muito mais difíceis e até impossíveis de serem resolvidos. Mas quando a nossa fé está viva e sendo exercitada, os problemas, por mais difíceis ou impossíveis, passam a ter solução, uma vez que de acordo com o Senhor Jesus: ""Tudo é possível ao que crê." (Marcos 9.23).

Davi, perante o problema da gravidez de sua amante Bate-Seba, tentou de todas as formas possíveis contorná-lo, sem nenhum sucesso. Mas precisava resolver, pois tinha cometido adultério com uma mulher cujo marido estava juntamente com outros milhares de soldados lutando contra ele pelo seu reinado.

E a lei, que o rei tinha obrigação, não apenas de observar, mas também de fazer cumprir, naquela época, dizia: “Se um homem for achado deitado com uma mulher que tem marido, então, ambos morrerão, o homem que se deitou com a mulher e a mulher; assim, eliminarás o mal de Israel.” (Deuteronômio 22.22).

De modo que a situação do rei Davi era bastante grave. E, não vendo outra solução, planejou a morte do marido de sua amante. O próprio Urias, marido de Bate-Seba, se encarregou de levar uma carta lacrada do rei para o seu comandante Joabe, instruindo-lhe a colocar Urias na frente da batalha e deixá-lo só contra os inimigos para que estes o matassem.

E como Davi planejou, assim aconteceu.

Veja, leitor amigo, como o pecado tem a força de cegar o entendimento e arrancar o bom senso das pessoas. O pecado de Davi, que já era terrível, tornou-se ainda mais insuportável e cruel. Embora tivesse desposado Bate-Seba e tentado assim encobrir a sua vergonha diante do povo de Israel, não conseguiu encobri-lo do Senhor, que enviando o profeta Natã lhe disse as seguintes palavras:

“... Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Eu te ungi rei sobre Israel e eu te livrei das mãos de Saul; dei-te a casa de teu senhor e as mulheres de teu senhor em teus braços e também te dei a casa de Israel e de Judá; e, se isto fora pouco, eu teria acrescentado tais e tais coisas.

Por que, pois, desprezaste a palavra do Senhor, fazendo o que era mal perante ele? A Urias, o heteu, feriste à espada; e a sua mulher tomaste por mulher, depois de o matar com a espada dos filhos de Amom.

Agora, pois, não se apartará a espada jamais da tua casa, porquanto me desprezaste e tomaste a mulher de Urias, o heteu, para ser tua mulher. Assim diz o Senhor: Eis que da tua própria casa suscitarei o mal sobre ti, e tomarei tuas mulheres à tua própria vista, e as darei a teu próximo, o qual se deitará com elas, em plena luz deste sol.

Porque tu o fizeste em oculto, mas eu farei isto perante todo o Israel e perante o sol. Então, disse Davi a Natã: Pequei contra o Senhor. Disse Natã a Davi: Também o Senhor te perdoou o teu pecado; não morrerás. Mas, posto que com isto deste motivo a que blasfemassem os inimigos do Senhor, também o filho que te nasceu morrerá.”

2 Samuel 12.7-14

A verdade é que não há meios que possam encobrir o pecado, porque as suas conseqüências aparecem de qualquer forma. As pessoas podem
esconder o pecado por algum tempo, mas jamais conseguirão impedir que os seus frutos apareçam. Daí, a melhor maneira de se tratar o pecado é reconhecê-lo, através de uma sincera confissão, e, em seguida, abandoná-lo definitivamente por intermédio de uma consagração maior com Deus.

Deus até permitiu que todo o desenvolvimento da vergonha do pecado de Davi viesse à tona e chegasse a nós para que pudéssemos ter um exemplo das conseqüências do pecado, mesmo cometido por alguém que tinha autoridade máxima em Israel e, portanto, meios de tentar encobri-lo.

Naturalmente, o rei não conseguiu escondê-lo e até o tornou mais abominável ainda quando tentou apagá-lo com o sangue inocente de Urias. Mas, se por um lado Davi permitiu que os inimigos do Senhor blasfemassem por sua causa, por outro lado também não se lembrou da sua posição de rei, quando se apresentou diante de Deus com o coração quebrantado, humilhado e arrependido.

Embora os frutos do pecado não pudessem ser cancelados, uma vez que sempre colhemos os frutos daquilo que plantamos, Davi alcançou a misericórdia de Deus por causa do seu arrependimento sincero. O livro de Salmos, capítulo 51, descreve com precisão o coração de Davi diante do Senhor, e aí está o segredo de ele vir a ser um homem "segundo o coração de Deus".

Há os que têm confessado o Senhor Jesus como Salvador e vivido uma vida muito aquém daquela prometida pelo Senhor; têm a certeza da salvação e nutrido essa convicção ao longo da sua vida. Infelizmente não conseguem ver os frutos da sua "fé", como, por exemplo, a vida abundante prometida pelo Senhor e tão evidente na Palavra de Deus, porque não sabem que a raiz do sucesso espiritual, físico e financeiro depende de um coração totalmente rendido a Deus.

Às vezes, as pessoas chegam a pensar que, pelo fato de viverem uma vida limpa e fiel à sua crença, terão automaticamente o direito de alcançar a vida abundante. Mas não é verdade. Para que possamos ter tudo que quisermos de Deus, é preciso também entregarmos toda a nossa vida em Suas mãos.

O próprio rei Davi, que conhecia muito bem a maneira de agradar a Deus e assim conquistar todas as Suas promessas, disse: "Agrada-te do Senhor, e ele satisfará os desejos do teu coração." (Salmos 37.4).

O segredo está num coração cem por cento entregue a Deus, o que realmente tem sido muito difícil para o ser humano, pois está quase sempre com o coração dividido entre a sua fé e o amor pelos entes queridos. Não é que seja um erro amar os entes queridos, muito pelo contrário, mas acontece que o amor maior tem de ser devotado Àquele que deu a Sua vida por nós.

O Senhor Jesus disse que quem ama seu pai, sua mãe, filhos, etc., mais que a Ele, não é digno d'Ele. Ou seja, o coração está em jogo. Quando o nosso coração está realmente entregue a Deus, é fácil perdoar e até amar os inimigos, quanto mais os entes queridos.

A transgressão de Davi trouxe imediatamente a miséria a Israel, além de confusão e vergonha na família real, pois Absalão, filho de Davi, usurpou o trono de seu pai, dormiu com as suas mulheres e, ainda o perseguiu tentando matá-lo. E quando o exército de Davi venceu o de seu filho, a morte de Absalão trouxe profunda amargura para o rei Davi.

O pecado de Davi lhe trouxe tanta amargura, tristeza e agonia que, se não tivesse a sua vida por inteiro na mão de Deus, certamente não suportaria toda a pressão sofrida. Por isso é que devemos investir nossas vidas de corpo e alma na fé em Deus, para que, quando vierem as tempestades, tenhamos sustentação espiritual para manter a salvação.

d) O arrependimento de Davi

Muitos têm-se enganado com respeito a esse assunto, porque não
sabem a diferença entre o arrependimento e o remorso. Arrependimento não significa remorso e remorso também não significa arrependimento. Quando Judas Iscariotes traiu o Senhor Jesus, vendo que Ele tinha sido condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas para os sacerdotes e retirou-se para se enforcar.

O remorso está fundamentalmente apoiado num sentimento de pesar da pessoa no momento em que cai na realidade. A pessoa que tiver esse sentimento ou acaba no esquecimento ou entra num processo de depressão tal que pode até tomar uma decisão como a de Judas: o suicídio.

O arrependimento é completamente diferente, pois a pessoa arrependida toma imediatamente algumas atitudes com respeito ao seu ato errado.

Primeiro:

Reconhece o seu erro com humildade.

Segundo:

Confessa o seu erro sem tentar justificá-lo.

Terceiro:

Passa a odiar o seu erro de tal forma que se recusa a lembrá-lo, a não ser para dar testemunho a fim de que outras pessoas venham a se beneficiar dele. Nesse último passo, ela abandona definitivamente o seu erro. Foi justamente esse o coração de Davi, quando se arrependeu e proferiu a seguinte oração:

“Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões.

Lava-me completamente da minha iniqüidade e purifica-me do meu pecado. Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim.

Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar. Eu nasci na iniqüidade, e em pecado me concebeu minha mãe.

Eis que te comprazes na verdade no íntimo e no recôndito me fazes conhecer a sabedoria. Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve.

Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que exultem os ossos que esmagaste. Esconde o rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas iniqüidades.

Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável.

Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito. Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário.

Então, ensinarei aos transgressores os teus caminhos, e os pecadores se converterão a ti.

Livra-me dos crimes de sangue, ó Deus, Deus da minha salvação, e a minha língua exaltará a tua justiça.

Abre, Senhor, os meus lábios, e a minha boca manifestará os teus louvores. Pois não te comprazes em sacrifícios; do contrário, eu tos daria; e não te agradas de holocaustos.

Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus. Faze bem a Sião, segundo a tua boa vontade; edifica os muros de Jerusalém.

Então, te agradarás dos sacrifícios de justiça, dos holocaustos e das ofertas queimadas; e sobre o teu altar se oferecerão novilhos."

Salmos 51

e) A transmissão da bênção para Salomão

Um dos maiores sonhos do rei Davi era a construção do Templo do Senhor, onde seria colocada a Arca da Aliança. Aquela Arca que continha o maná, a vara de Arão e as tábuas com os dez mandamentos da provisão de Deus para o Seu povo durante a sua travessia pelo deserto, no período de quarenta anos. A Arca da Aliança, além de ser o símbolo da presença de Deus para o homem do povo, era também um marco da aliança de Deus com Israel.

O rei Davi desejava ardentemente construir um templo digno daquela Arca, no que foi impedido por Deus, tendo em vista as suas mãos terem
derramado muito sangue, em especial o do inocente Urias. E, tendo convocado os representantes do povo, transmitiu-lhe as palavras do Senhor com respeito ao seu sucessor no trono de Israel, dizendo:

"Teu filho Salomão é quem edificará a minha casa e os meus átrios, porque o escolhi para filho e eu lhe serei por pai. Estabelecerei o seu reino para sempre, se perseverar ele em cumprir os meus mandamentos e os meus juízos, como até ao dia de hoje."

1 Crônicas 28.6,7

Convém salientar que não foi Davi quem escolheu Salomão, mas o próprio Deus, porque queria dar um exemplo real do Seu perdão a Davi, uma vez que Salomão era justamente o filho de Davi com Bate-Seba, a viúva de Urias. Com essa atitude, Deus dá uma lição de que não há pecado que não possa ser perdoado e não há pecador que não possa se arrepender.

Na realidade, essa escolha de Salomão tem, pelo menos, duas grandes lições para tantos quantos desejam estar dentro da vontade de Deus. A primeira é que a obra divina é dirigida pelo próprio Deus, através do Seu Espírito. Isso significa que não adianta paternalismo dentro da Igreja do Senhor Jesus. Isto é, se o pai exerce alguma autoridade espiritual dentro da igreja, não significa

necessariamente que o seu filho vá herdar essa autoridade para tomar conta da igreja.

Pode acontecer até de o filho do pastor ser também um pastor; porém, a unção de seu pai só pode ser passada para o filho se o Espírito Santo assim o determinar; nunca o próprio pai. Fazemos questão de tocar neste ponto, a fim de mostrar ao povo de Deus como é desenvolvida a Igreja do Senhor Jesus.

Tem sido muito comum Deus levantar homens para a Sua Obra e essa Obra ter uma continuidade pelos filhos daqueles homens, o que nem sempre tem sido a vontade de Deus. Muitos trabalhos que começaram muito bem tomaram e têm tomado um rumo diferente daquele inicial. Aí, o resultado é desastroso, porque a Igreja se torna fraca e vulnerável à ação do diabo. Temos presenciado, infelizmente, esse tipo de coisa acontecendo em todo o mundo. Que Deus tenha misericórdia daqueles que insistem nesse tipo de paternalismo!

A segunda grande lição é a forma como Deus trata o pecador arrependido. Davi tomou a mulher de Urias e mandou matá-lo para ficar com ela, e, ainda assim, dessa mesma mulher nasceu o substituto dele no trono de Israel por escolha exclusiva de Deus. A misericórdia de Deus se mescla com a Sua justiça e nenhuma das duas é alterada ou desprezada. Aí está a grandeza do nosso Deus! Ora, o rei Davi, diante da congregação de Israel, chamou a atenção de seu filho Salomão dizendo o seguinte:

"Pelo que Davi louvou ao Senhor perante a congregação toda e disse: Bendito és tu, Senhor, Deus de Israel, nosso pai, de eternidade em eternidade.

Teu, Senhor, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, Senhor, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos.

Riquezas e glória vêm de ti, tu dominas sobre tudo, na tua mão há força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força.

Agora, pois, ó nosso Deus, graças te damos e louvamos o teu glorioso nome. Porque quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos dar voluntariamente estas coisas? Porque tudo vem de ti, e das tuas mãos to damos.

Porque somos estranhos diante de ti e peregrinos como todos os nossos pais; como a sombra são os nossos dias sobre a terra, e não temos permanência.

Senhor, nosso Deus, toda esta abundância que preparamos para te edificar uma casa ao teu santo nome vem da tua mão e é toda tua.

Bem sei, meu Deus, que tu provas os corações e que da sinceridade te agradas; eu também, na sinceridade de meu coração, dei voluntariamente todas estas coisas; acabo de ver com alegria que o teu povo, que se acha aqui, te faz ofertas voluntariamente.

Senhor, Deus de nossos pais Abraão, Isaque e Israel, conserva para sempre no coração do teu povo estas disposições e pensamentos, inclina-lhe o coração para contigo; e a Salomão, meu filho, dá coração íntegro para guardar os teus mandamentos, os teus testemunhos e os teus estatutos, fazendo tudo para edificar este palácio para o qual providenciei."

1 Crônicas 29.10-l9



Maquete da cidade de Salomão

Empreendedor, Salomão edificou tudo o que desejava, “...em Jerusalém, no Líbano e em toda a terra do seu domínio.” (2 Crônicas 8.6)

Capítulo 12

Aliança de Deus com Salomão

A essência da aliança de Deus com o homem está no tipo de relacionamento que passa a existir desde então. É uma ligação entre Deus e o homem que faz possível o relacionamento entre ambos.

Todos os pactos que Deus fez com os homens em suas respectivas épocas apontavam para uma nova e definitiva aliança a ser realizada, envolvendo o sangue do próprio Filho de Deus. Desde Adão até o Senhor Jesus Cristo, o Senhor Deus vinha renovando a Sua aliança com Seu povo.

A aliança que Deus celebrou com Davi garantiu a que foi feita também com Salomão, e, a partir da mesma, a permanência do descendente de Davi no trono de Israel. E da mesma forma como seu pai Davi foi ungido com azeite e consagrado para o serviço do Senhor como rei de Israel, também o foi Salomão com o mesmo objetivo.

É evidente que as circunstâncias que cercavam Davi na época em que foi ungido foram totalmente diferentes das de Salomão, pois Davi não tinha a nobreza real como Salomão. Davi veio do nada, enquanto Salomão nascera e fora criado dentro do palácio.

Embora a aliança feita com Salomão tivesse tido a mesma importância da realizada com Davi, não teve o mesmo suporte de fé, pois Davi precisou lutar com as suas próprias mãos e usar as suas forças físicas e espirituais para se estabelecer como escolhido de Deus no trono de Israel.

Esse exercício de fé certamente lhe deu maturidade espiritual para que reinasse em Israel durante quarenta anos, mantendo sempre um íntimo relacionamento com Deus, capaz de terminar os seus dias em ditosa velhice, cheio de dias, riquezas e glórias, além do prazer de ver o seu substituto no trono.

Infelizmente, assim não aconteceu com Salomão que, mesmo tendo começado bem o seu reinado em Israel, construído o Templo do Senhor e trazido uma grande fartura e prosperidade para Israel, não teve a mesma sorte de seu pai, porque abandonou o primeiro amor quando desprezou a sua aliança com o Deus de seu pai.

a) A chamada de Salomão

A escolha de Salomão como sucessor no trono de Israel aconteceu quando o rei Davi manifestou um grande desejo de querer construir um Templo do Senhor. Naquela oportunidade, o Senhor respondeu-lhe negativamente a esse respeito:

“Então, chamou a Salomão, seu filho, e lhe ordenou que edificasse casa ao Senhor, Deus de Israel. Disse Davi a Salomão: Filho meu, tive intenção de edificar uma casa ao nome do Senhor, meu Deus.

Porém a mim me veio a palavra do Senhor, dizendo: Tu derramaste sangue em abundância e fizeste grandes guerras; não edificarás casa ao meu nome, porquanto muito sangue tens derramado na terra, na minha presença.

Eis que te nascerá um filho, que será homem sereno, porque lhe darei descanso de todos os seus inimigos em redor; portanto, Salomão será o seu nome; paz e tranqüilidade darei a Israel nos seus dias.

Este edificará casa ao meu nome; ele me será por filho, e eu lhe serei por pai; estabelecerei para sempre o trono do seu reino sobre Israel."

1 Crônicas 22.6-10

A recusa de Deus em permitir que Davi lhe edificasse um templo para estabelecimento do Seu nome está fundamentada no fato de que a Casa do Senhor não pode ser construída por mãos que derramam sangue. A Salomão foi dada esta incumbência por ter sido um homem sereno e de paz, exatamente um tipo de Senhor Jesus, o qual veio a este mundo em paz e permitiu-Se sacrificar em favor da paz no íntimo de todo aquele que n'Ele vive e crê.

O Templo do Senhor somente pode ser edificado na base do amor. Todos os demais filhos de Davi cresceram sedentos pelo poder, a ponto de matarem-se uns aos outros, visando exclusivamente à herança do trono.

Absalão chegou a ponto de usurpar o trono de seu pai por algum tempo e até persegui-lo de morte por causa da coroa. O espírito que pairava entre os filhos de Davi jamais permitiria que o Templo do Senhor fosse edificado como realmente foi por Salomão.

Deus escolheu aquele que de fato tinha o coração brando, sereno e capaz de fazer a Sua vontade. E isso foi logo constatado porque quando o Senhor lhe apareceu e lhe disse: "...Pede-me o que queres que eu te dê." (2 Crônicas l.7), Salomão não pediu a Deus riquezas, bens ou honras, nem a morte de seus inimigos, tampouco longevidade, mas sabedoria e conhecimento para fazer prevalecer em Israel o reto juízo.

No reino das trevas, as pessoas mais fortes procuram tirar vantagens das que são mais fracas; a lei entre elas é pior que a lei das selvas.

A sede pelo poder e glória tem cegado o entendimento das pessoas a ponto de fazê-las irracionais. Contudo, no reino da luz, onde as pessoas sabem o que é certo ou errado, há a lei do amor, do respeito e da consideração pelo ser humano. E o caráter do escolhido para servi-Lo é provado pelo próprio Deus. Então, não há como ultrapassar a lei do Espírito da Luz e do Amor.

Quando Deus escolhe alguém, não há como passar-lhe a frente e destitui-lo dos propósitos divinos. Assim como com Jessé, que tinha mais de sete filhos acima de Davi, e Deus escolheu o último por causa do seu coração, da mesma forma foi com Salomão, separado pelo Senhor devido ao seu caráter segundo Deus.

b) A construção do Templo

A edificação da casa ao nome do Senhor Deus de Israel por Salomão era como a construção do templo do Espírito Santo, hoje edificado pelos

discípulos do Senhor Jesus quando pregam o Evangelho.

No local exato onde foi edificado o templo, o Monte Moriá, já havia acontecido dois grandes fatos: o primeiro, quando Abrahão levou seu filho Isaque para sacrificá-lo ao Senhor; e o segundo, quando o Senhor apareceu a Davi.

Salomão começou a edificar o templo do Senhor no segundo dia, do segundo mês, do quarto ano em que começou a reinar sobre Israel, no ano de 959 a.C e levou cerca de sete anos para completá-lo. Designou trinta mil homens de Israel, que iam e vinham do Líbano, afora os chefes oficiais do rei, em número de três mil e trezentos, que dirigiam a obra e o povo estrangeiro, que era de cento e cinqüenta e três mil e seiscentos homens. Esses estrangeiros são aqueles que, desde a ascensão do Senhor Jesus Cristo aos Céus, têm trabalhado na propagação do Evangelho por todo o mundo, edificando assim o templo do Senhor no coração dos homens.

A Casa do Senhor tinha cerca de 27 metros de comprimento por 9 de largura e l3,5 de altura e todas as pedras já vinham preparadas das pedreiras, de forma que nem martelo, nem machado, nem instrumento algum de ferro se ouviu na Casa quando a edificavam (1 Reis 6.2,7).

O Santo dos Santos, onde a Arca da Aliança ficava, tinha 9 metros de largura por 9 de comprimento e 9 de altura; portanto o Santo Lugar era uma construção de 729 metros cúbicos. A disposição do Templo que Salomão ergueu para o Senhor tinha as seguintes características:

1) O Santo dos Santos – onde ficava a Arca da Aliança;

2) O Lugar Santo – ante-sala do Santo dos Santos, era separado por um véu e continha o Altar do Incenso;

3) Contornando o Santo dos Santos e o Lugar Santo estava a recâmara, cuja porta ficava em frente aos dois pilares;

4) Os dois pilares, por sua vez, ficavam em outra recâmara que contornava a primeira;

5) Em frente aos dois pilares estava a porta da segunda recâmara, que dava acesso através de uma escada ao lado de fora do templo. Havia, do lado esquerdo, a bacia de bronze, e do lado direito, o Altar do Sacrifício.

O templo construído por Salomão teve um gasto de toneladas de ouro, prata, bronze, ferro, madeira, além de pedras de ônix, pedras de engaste, pedras de várias cores, de mosaicos, e de toda sorte de pedras preciosas e mármore, e tudo em abundância, oferecido não só por Davi e Salomão, mas também por todo o povo, que teve coração completamente aberto para a obra da Casa do Senhor.

Toda a riqueza e beleza do templo que Salomão ergueu para a glória do Senhor Deus de Israel nada mais significava do que o templo que hoje é construído nos corações daqueles que aceitam Jesus como Senhor e Salvador.

As pessoas, em sua maioria, desconhecem o verdadeiro Templo do Senhor, e que somente com suas ofertas de sacrifício serão capazes de construir o Templo do Espírito Santo no coração.

Normalmente, elas estão mais
propensas a construir templos de cimento, ferro e areia que templos espirituais. Isso acontece porque não sabem que Deus não habita em templos feitos pelas mãos dos homens. Por mais luxuosos que sejam ou por mais sacrifícios financeiros que despendam, ainda assim a Casa de Deus só é edificada pelo próprio Espírito Santo. E o Espírito de Deus constrói a Sua Casa da seguinte maneira:

Primeiro:

Um cristão qualquer testemunha para outra pessoa a transformação que o Senhor Jesus realizou na sua vida, ou seja, através de fatos concretos, como por exemplo: deixou de ser um viciado, um homossexual, uma prostituta, um bandido, etc. Por uma experiência real com o Senhor, o Espírito Santo tem a chance de convencer a outra pessoa a respeito de sua necessidade espiritual e assim convertê-la.

Segundo:

Através de um ou mais versículos da Bíblia, o Espírito Santo pode falar profundamente com uma pessoa e convertê-la ao Senhor Jesus Cristo. É claro que um veículo de comunicação como a leitura, o rádio ou a televisão é de suma importância para tornar possível que a Palavra de Deus venha a se difundir mais rapidamente.

Terceiro:

A partir do novo nascimento, através da água, que é a Palavra de Deus e do Espírito Santo, a pessoa passa a servir como Templo de Deus, conforme está escrito: “Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1 Coríntios 3.l6).

O povo de Israel tinha uma profunda consciência de que o Templo representava a presença de Deus na Terra, razão por que não mediu esforços para realizar o seu sonho. Toda a necessidade para a edificação foi suprida com abundância, de forma que o Templo levou sete anos para ser construído.

Ora, se um povo de dura cerviz, como diz a Bíblia, foi capaz de ter consciência para edificar o Templo do Senhor com esmero e sacrifício, muito mais deve ter o povo cristão com respeito aos templos de carne, habitação de Deus no Espírito em todos os povos do mundo inteiro! Essa foi a ordem do Senhor Jesus aos seus seguidores: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.” (Mateus 28.l9,20).

c) A queda de Salomão

Se por um lado a sabedoria e riqueza que Deus deu a Salomão trouxeram-lhe a glória que nenhum rei na face da Terra teve e jamais terá, por outro lado também a sua idolatria foi capaz de lhe roubar tudo o que tinha e ainda causar tamanho estrago, de maneira tal, que nunca mais Israel foi o mesmo. E foi assim que a destruição começou em Israel:

“Ora, além da filha de Faraó, amou Salomão muitas mulheres estrangeiras: moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hetéias, mulheres das nações de que havia o Senhor dito aos filhos de Israel: Não caseis com elas, nem casem elas convosco, pois vos perverteriam o coração, para seguirdes os seus deuses. A estas se apegou Salomão pelo amor.

Tinha setecentas mulheres, princesas e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe perverteram o coração. Sendo já velho, suas mulheres lhe
perverteram o coração para seguir outros deuses; e o seu coração não era de todo fiel para com o Senhor, seu Deus, como fora o de Davi, seu pai.

Salomão seguiu a Astarote, deusa dos sidônios, e a Milcom, abominação dos amonitas. Assim, fez Salomão o que era mau perante o Senhor e não perseverou em seguir ao Senhor, como Davi, seu pai.

Nesse tempo, edificou Salomão um santuário a Quemos, abominação de Moabe, sobre o monte fronteiro a Jerusalém, e a Moloque, abominação dos filhos de Amom. Assim fez para com todas as suas mulheres estrangeiras,
as quais queimavam incenso e sacrificavam a seus deuses.”

1 Reis 11.1-8

O erro de Salomão não foram as suas centenas de mulheres e concubinas, mas o seu desprezo pelo conselho de Deus. Ele sabia que não deveria tomar mulheres dentre as nações que não criam no mesmo Deus de Israel, pois havia essa ordem da parte do Senhor para o povo de Israel. Mas Salomão deixou-se levar pela vaidade de seu coração de ter entre as suas mulheres aquelas que eram princesas em seus países.

Deus jamais erra nas palavras! Quando pronuncia algum mandamento, Ele não quer amarrar os Seus seguidores, não. A verdade é que, como onisciente, sabe antecipadamente de todas as conseqüências com respeito a uma atitude contrária à Sua Palavra. Então, como uma prevenção, Ele nos aconselha a não tomar determinadas atitudes, que certamente nos destruirão.

Deus não havia proibido Salomão de tomar mulheres, tantas quantas quisesse, mas já prevenira a Seu povo que não casasse ou se aliasse com os de outras nações, pois com certeza lhe perverteriam o coração. Como Salomão desobedeceu ao Senhor, naturalmente achando que a sua grande sabedoria iria lhe guardar os pés de se contaminar com a fé pagã de suas mulheres, provou a Deus que o seu coração não era totalmente d’Ele.

Na realidade, o fato que mais se acentua na queda de Salomão aconteceu no seu coração. Ele começou muito bem, obedecendo à Palavra do Senhor em detalhes. Todavia, os seus olhos foram sendo seduzidos, primeiramente pelas aparências das mulheres estrangeiras e, finalmente, pela submissão aos seus conselhos diabólicos. Quer dizer: Salomão foi transferindo a fidelidade do seu coração ao Deus de seus pais Abrahão, Isaque, Israel e Davi para os deuses de suas mulheres.

Ficamos imaginando o que a Igreja do Senhor Jesus seria se os homens que um dia foram escolhidos e ungidos por Deus tivessem casado com mulheres também chamadas e ungidas por Deus. Temos presenciado, infelizmente, muitos homens se deixarem levar pelas aparências e, como

conseqüência, serem traídos pelos seus sentimentos.

Uma aliança através do matrimônio pode definir o futuro de um povo, como foi o caso de Salomão. Assim também muitas igrejas têm sido abaladas e até destruídas pelo fato de seus líderes subestimarem o valor de uma
mulher de Deus.

Quem quiser saber se um rebanho é forte, basta olhar para o seu pastor e sua esposa. Se ela é de Deus, o pastor será bem-sucedido e, conseqüentemente, todo o rebanho; se não é, todo o esforço será inútil, a não ser com intercessão junto a Deus para que transforme a sua esposa, e isso, efetivamente, seja feito, porque, do contrário, é muito difícil dar certo.

Por isso, o apóstolo Paulo, dirigido pelo Espírito Santo, exorta os cristãos fiéis a não se posicionarem em jugo desigual com os incrédulos, isto é, a não se casarem com pessoa que não participe da mesma fé. E não adianta a pessoa achar que a outra crê em Deus, apesar de pertencer a outra religião, mas acredita no Senhor Jesus, ou é de outra denominação, não!

O ideal é que o rapaz cristão se case com moça cristã da mesma
denominação, porque ambos se "alimentarão do mesmo prato, com o mesmo tempero". Isso é muitíssimo importante, não apenas para o futuro do casal mas, sobretudo, da própria comunidade cristã.

Salomão não pôde evitar o desvio da fidelidade do seu coração ao seu Deus porque, como um homem já idoso, afastado da sua fé original e, conseqüentemente, debilitado de forças, tornou-se ainda mais dependente daquelas mulheres, que, cheias de demônios, não precisaram fazer muita força para o conduzirem para o maior e mais abominável pecado contra Deus, ou seja, o pecado da idolatria.

Essa transgressão é a que mais provoca a ira de Deus contra o homem, uma vez que leva o ser humano a juntar-se ao diabo e virar-se contra Deus. O afastamento do Criador enfraquece a criatura; e o enfraquecimento da criatura fortalece o diabo. Daí, vem o caos em todo o planeta.

d) A ira de Deus contra Salomão

"Pelo que o Senhor se indignou contra Salomão, pois desviara o seu coração do Senhor, Deus de Israel, que duas vezes lhe aparecera. E acerca disso lhe tinha ordenado que não seguisse a outros deuses.

Ele, porém, não guardou o que o Senhor lhe ordenara. Por isso, disse o Senhor a Salomão: Visto que assim procedeste e não guardaste a minha aliança, nem os meus estatutos que te mandei, tirarei de ti este reino e o darei a teu servo. Contudo, não o farei nos teus dias, por amor de Davi, teu pai; da mão de teu filho o tirarei. Todavia, não tirarei o reino todo; darei uma tribo a teu filho, por amor de Davi, meu servo, e por amor de Jerusalém, que escolhi."

1 Reis 11.9-13

Como toda semente produz fruto, o pecado da desobediência custou a Israel duas grandes penalidades: a primeira aconteceu na casa de Salomão, pois o seu filho, Roboão, perdeu noventa por cento do seu reino, ficando esta parte justamente com um servo da casa de seu pai. Isso foi humilhante para a casa de Davi e em especial para Roboão.

Imagine o empregado tomar posse de noventa por cento da herança. Os dez por cento do reino de Israel somente ficaram com o filho de Salomão por causa do amor e consideração de Deus com Davi; não fosse isso, a casa de Davi seria absolutamente apagada de Israel.

E o pior é que aquele templo tão suntuoso e tão expressivo espiritualmente deixou de sê-lo, porque a presença de Deus já não mais estava lá. Todos os objetos da Arca da Aliança já não tinham mais razão de ser; perderam totalmente a função, pelo fato de o Senhor abandonar aquele templo.

e) A destruição de Israel

A destruição de Israel foi a maior penalidade sofrida por toda a nação, pois, a partir da divisão do reino de Israel, veio o enfraquecimento deste e, como conseqüência, as sucessivas derrotas para os inimigos que, até então, estavam sob o seu domínio. É como o Senhor Jesus afirmou: "Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá." (Mateus 12.25).

Com a divisão da nação em dois reinos, a idolatria ganhou mais força, pois Jeroboão, que dominava dez tribos, temendo que o seu povo fosse para Jerusalém sacrificar ao Senhor e ser cativado pelo rei Roboão, fez dois bezerros de ouro: um colocou em Dã e o outro, em Betel.

E logo conclamou todo o povo para não subir mais a Jerusalém e vir para sacrificar em Dã ou Betel, que lá estaria o seu deus. Isso se tornou um grande pecado, pois o povo ia até Dã para adorar o bezerro de ouro. Além disso, Jeroboão fez também santuários nos altos e, dentre o povo, constituiu sacerdotes, que não eram dos filhos de Levi.

Enquanto isso acontecia entre as dez tribos de Israel dirigidas por Jeroboão, no reinado de Roboão em Judá não era diferente, pois esse levou também o povo a cometer toda a sorte de ignomínia perante o Senhor Deus, porque construiu também estátuas, postes-ídolos e colunas no alto de todos os elevados outeiros e debaixo de todas as árvores verdes.

Havia também na terra os prostíbulos cultuais, que repetiam todas as coisas abomináveis que as nações combatidas pelo Senhor diante dos filhos de Israel praticavam.

Esse quadro foi se desenrolando de tal maneira, que não houve quem pudesse restaurá-lo, muito embora alguns dos demais reis subseqüentes a Jeroboão e Roboão tivessem tentado, mas não conseguiram porque a casa de Israel já havia sido dividida. Muitos profetas se levantaram, tentando redimir o povo de sua culpa, mas também acabaram por pagar com as suas próprias vidas ao tentar levar o povo ao arrependimento.

O que Salomão fez desencadeou um processo de autodestruição tão grande em Israel, que nem todos os profetas, por mais santos e consagrados que fossem, conseguiram restaurá-lo.

Seus reis foram levados presos para outras nações, o melhor do povo levado como escravo e o restante espalhado pelo vento da desordem física, moral e espiritual. O templo edificado por Salomão foi destruído, as muralhas de Jerusalém derribadas...

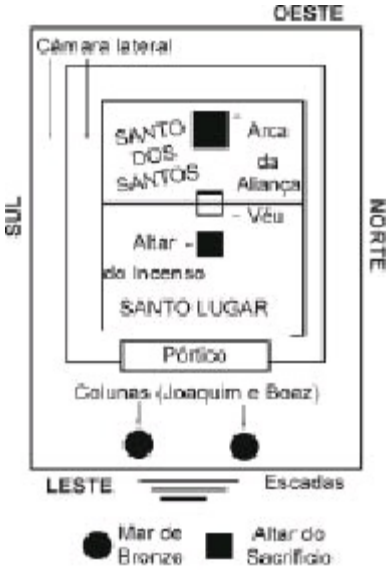
Enfim, a praga da idolatria fez contaminar e destruir todas as gerações futuras, a ponto de o profeta Jeremias dedicar um livro apenas para suas lamentações a respeito da sorte de Israel.

Agora, o leitor pode entender o espírito da pergunta que os discípulos do Senhor Jesus Lhe fizeram antes d'Ele ascender aos Céus: "...Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?" (Atos 1.6). O Senhor Jesus havia determinado que eles não se ausentassem de Jerusalém, até que recebessem a promessa do Pai.

Pelo fato de ainda não terem recebido o Espírito Santo, pensavam que o reino de Israel edificado por Davi viria a ser restaurado para eles. Mas o Senhor Jesus não estava falando do reino de Israel físico, mas do reino
de Israel espiritual, edificado nos corações dos que aceitassem Jesus como Senhor e Rei.

O reino de Israel não estaria mais restrito a uma pequena área daquela região, mas a toda a Terra, porque onde há um cristão verdadeiro, aí há um cidadão do Reino de Israel celestial.

Depois da queda de Salomão, a nação de Israel somente veio a ser restabelecida em 1948, após um sacrifício coletivo de mais de seis milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Mas isso também já havia sido profetizado como um dos primeiros sinais da segunda vinda do Senhor Jesus.



Disposição do Templo de Salomão

Este templo foi destruído pelo exército de Nabudonosor e reconstruído por Herodes, o rei. O templo da época de Jesus foi o de Herodes



Visão da porta do Templo de Salomão

Capítulo 13

Aliança de Deus com os homens

Quando Deus criou o primeiro ser humano, era Sua intenção que esta criatura viesse a se desenvolver e procriar na face da Terra, colaborando assim com o Criador na edificação de uma sociedade perfeitamente justa, da qual Ele receberia o perfeito louvor. E aí entra a razão principal por que Deus criou o ser humano: Ele o fez para que O adorasse.

A palavra "Deus" significa "Um que é adorado". Quando uma pessoa adora alguma coisa ou alguém que não seja o Deus Único e Vivo, Criador dos Céus e da Terra, essa pessoa torna-se idólatra em função daquele ou daquilo que adora. Temos visto na história do povo de Israel as várias advertências que o Senhor Deus fez para evitar que o Seu povo viesse a ser idólatra. Vimos também a ira de Deus se manifestar contra Salomão e todos os demais reis em Israel, devido à idolatria e as conseqüências drásticas por causa disso. Na verdade, Deus, como o nosso Criador, não aceita, em hipótese alguma, dividir a Sua glória com quem quer que seja.

O apóstolo Tiago disse: "Ou supondes que em vão afirma a Escritura: É com ciúme que por nós anseia o Espírito, que ele fez habitar em nós?" (Tiago 4.5).

Não é difícil entender esse ponto de vista da parte de Deus, porque qual é o pai ou a mãe que tem prazer em saber que o filho tem chamado e considerado qualquer outra pessoa como pai ou mãe?

Com a desobediência de Adão e Eva à Palavra de Deus, este não teve outra alternativa senão executar um plano para tentar resgatar a Humanidade oriunda daquela rebelião. No plano divino, alguém deveria dar a sua vida em troca de todos os demais, mas este alguém não podia também ser qualquer um; tinha de ser semelhante ao homem original ou ter a mesmíssima estrutura física de Adão, viver neste mundo e jamais cometer qualquer pecado, por mínimo que fosse.

Em outras palavras: o sacrifício tinha de ser perfeito, física e espiritualmente, para servir. A única opção estava na vinda do Filho de Deus como Salvador. Ele seria sacrificado em favor da Humanidade, e, para que Ele pudesse vir, foi necessário criar uma nação separada de todas as demais.

A partir de Abrahão, Deus começou a construir uma nação especial para esse propósito; fez dele a nação de Israel, e dentre os dessa nação escolheu uma moça virgem e pura para que concebesse Jesus, a fim de que, por seu intermédio, fosse feita uma nova e definitiva aliança com todos os que se submetessem à Sua Palavra.

É claro que todas as tentativas de aliança que Deus fez com o ser humano falharam, não porque as exigências da parte de Deus fossem impossíveis de ser atendidas, mas porque a índole humana é pecaminosa por natureza. Já examinamos a aliança que Deus fez com Adão, Noé, Abrahão, Isaque, Jacó, Moisés, o povo de Israel, Saul, Davi e finalmente, Salomão.

Vimos os benefícios que uma aliança com Deus traz imediatamente para aquele que se submete às regras; vimos as conseqüências desastrosas quando essas regras são quebradas; e pudemos verificar

que, mesmo sabendo antecipadamente que o homem iria falhar na sua parte, Deus insistiu em dar-lhe nova oportunidade. Nem uma única palavra que Deus pronunciou caiu no vazio, pois todas realizaram o propósito divino.

Vamos falar agora na nova e definitiva aliança de Deus, não com uma raça especial, mas com qualquer ser humano que aceita a oportunidade que Deus dá para a sua vida.

a) O nascimento do Senhor Jesus Cristo

O nascimento do Filho de Deus foi assim: "... estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo." (Mateus 1.8).

É importante saber que, embora José e Maria estivessem casados há alguns meses, a Bíblia não faz referência quanto a isso, mas sabemos que era costume naquela época alguns casais fazerem um voto e não coabitarem durante algum tempo. Esse sacrifício feito pelos nubentes tinha naturalmente um caráter espiritual, visando a um fim proveitoso para ambos. É como o jejum, que a pessoa faz em favor de algo que deseja conquistar.

José e Maria, mesmo casados, ainda não tinham tido lua-de-mel. Mas, vendo José que a barriga de sua esposa aumentava a cada dia sem que tivessem coabitado, deduziu logo que estava grávida de alguém.

Então, por ser um homem de bom caráter, não quis difamá-la e assim resolveu deixá-la secretamente. Enquanto ponderava nessas coisas, eis que lhe apareceu em sonho um anjo do Senhor, explicando-lhe que Maria estava realmente grávida, mas não de algum homem, e, sim, do Espírito de Deus.

Assim como o Espírito Santo envolveu Maria e nela fez nascer o Filho de Deus, também envolve qualquer pessoa e, por um ato de graça e misericórdia, transforma-a segundo a Sua vontade. A partir desse instante, o caráter da pessoa se modifica e esta passa ter o caráter de Deus.

Obviamente, isso só acontece quando a pessoa toma uma atitude de fé e coragem para se submeter ao Senhor Jesus como seu Salvador pessoal. Mas a ação do Espírito Santo é a mesma, pois o simples fato de se desejar seguir o Senhor é obra Sua.

O Senhor Jesus foi a única pessoa que nasceu com duas naturezas: a divina e a humana. Divina porque nasceu por obra e graça do Espírito Santo, e humana, porque nasceu de uma virgem.

É a única pessoa que tem Pai na parte espiritual, mas não tem mãe, e na parte física, tem mãe, mas não tem pai. Importante frisar que, em toda a Sua vida terrena, mesmo durante o exercício do Seu ministério, Sua natureza divina só foi demonstrada pelos milagres que fez, mas jamais quis ter as atribuições de Deus-Pai.

Aliás, o diabo tentou fazê-lo manifestar a Sua divindade quando sugeriu a Ele que transformasse as pedras em pães. O Senhor Jesus bem que poderia tê-lo feito, mas aí teria de usar do Seu poder divino. Se o fizesse, já não serviria como Salvador da Humanidade. Ele não podia nunca se manifestar neste mundo como Deus. Todos os milagres que Ele operou durante o Seu ministério

foram realizados usando exclusivamente o poder da fé que a Sua natureza humana tinha naturalmente.

b) O Batismo do Senhor Jesus Cristo

O batismo nas águas por imersão que João Batista realizava não estava entre os mandamentos que Moisés havia recebido de Deus e dado ao povo de Israel. Havia, sim, cerimônias de purificação na consagração dos levitas, que envolvia a água, como por exemplo, o que o Senhor disse a Moisés: "...Toma os levitas do meio dos filhos de Israel e purifica-os; assim lhes farás, para os purificar: asperge sobre eles a água da expiação; e sobre todo o seu corpo farão passar a navalha, lavarão as suas vestes e se purificarão;" (Números 8.5-7).

E como havia uma relação entre a purificação interior e a aspersão com água pura, é muito provável que João Batista tenha se inspirado nessa cerimônia judia e levado o povo ao arrependimento e em seguida ao batismo nas águas por imersão, como uma forma evidente da conversão.

João Batista tinha vindo com o propósito divino de preparar o caminho para o Senhor Jesus. Como o povo de Israel vinha de todos os lados ter com ele para ser batizado, o Senhor Jesus achou por bem ser batizado também por João, uma vez que, fazendo assim, Ele estaria aprovando essa forma de o povo se aliar com Deus.

Vale a pena lembrar que a primeira geração de Israel, quando saiu da escravidão egípcia, teve de passar pelo Mar Vermelho, mas somente a segunda geração conseguiu entrar na Terra da Promessa, e também precisou passar pelo rio Jordão. Ambas as gerações, na verdade, passaram por um batismo nas águas, embora de modo diferente.

O batismo nas águas do Senhor Jesus teve também um outro aspecto de suma importância: a primeira identificação magnífica da Santíssima Trindade. O Deus-Pai que, falando do Céu, disse: "Este é o meu filho amado, em quem me comprazo"; o Deus-Filho, sendo batizado por imersão por João Batista e, finalmente, o Deus-Espírito Santo, descendo sobre Jesus, em forma corpórea de uma pomba.

O ministério do Senhor Jesus teve início apenas depois que Ele recebeu o batismo nas águas e com o Espírito Santo. Até então, Jesus jamais se
manifestara ao mundo. A história que algumas religiões contam de que Ele, quando jovem, fez uma pomba de barro e em seguida soprou nas suas narinas e ela voou é pura balela e fantasia; não há absolutamente nenhum indício de que isso tenha acontecido.

Certamente inventaram essa história para ter o que contar para as crianças. De fato, não haveria a menor chance de Jesus ter feito isso ou qualquer outro milagre, enquanto não tivesse recebido o batismo com o Espírito Santo, o que somente ocorreu quando Ele tinha 30 anos.

Isaías, profetizando a respeito do Senhor Jesus, após receber o Espírito de Deus, disse:

"O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso

Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória."

Isaías 61.1-3

c) O Ministério do Senhor Jesus Cristo

Essa profecia identifica exatamente a vontade de Deus para os que se predispõem a servi-Lo como mensageiros da paz; justamente o que o Senhor Jesus fez. O ministério d'Ele não se limitou ao ensino, mas também à libertação.

Se a Igreja do Senhor Jesus deseja realmente servi-Lo de todo o coração, deve, no mínimo, querer imitá-Lo em toda a plenitude do Seu ministério e dar continuidade ao trabalho que Ele começou.

A unção que todo e qualquer homem de Deus recebe do Espírito Santo logo é manifesta entre os povos pelos frutos do seu trabalho constante:

1) Ele prega boas-novas aos quebrantados – significa que, em vez de pregar costumes, leva aos aflitos e desesperados a palavra de fé e esperança.

2) É enviado a curar os quebrantados de coração – significa que vai até aqueles cujos corações estão em migalhas pelas circunstâncias da vida, curando-os com a palavra de amor, perdão e reconciliação com Deus.

3) Proclama libertação aos cativos – significa que divulga a Palavra para que, pelo conhecimento da Verdade, os cativos sejam soltos.

4) Põe em liberdade os algemados – significa que, pelo poder do Espírito Santo, em nome do Senhor Jesus e pela Palavra d'Ele, arranca pelas raízes os espíritos imundos, deixando as pessoas em perfeita liberdade.

5) Apregoa o ano aceitável do Senhor – significa que Deus não leva em conta o tempo da ignorância e aceita todos os que se chegam a Ele, independente dos erros cometidos no passado, e noticia que este é o tempo em que o Senhor aceita todos como estão.

6) Anuncia o dia da vingança do nosso Deus – é que o Dia do Juízo está próximo para os que têm rejeitado a misericórdia do Senhor.

7) Consola a todos os que choram – o Espírito de Deus O usa para confortar aqueles que sofrem clamando justiça.

Esse era o ministério contínuo do Senhor Jesus Cristo! Quando João Batista enviou mensageiros ao Senhor para perguntar se Ele era Aquele que estava para vir ou se tinha de esperar outro, o Senhor Jesus disse: "...Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho." (Mateus 11.4,5).

O Senhor Jesus apresentava ao povo não um Deus punitivo, mas um Deus amoroso e cheio de compaixão.

d) A morte do Senhor Jesus Cristo

O sacrifício do Senhor Jesus já estava planejado antes mesmo da fundação do mundo, pois não poderia haver salvação para o ser humano sem que alguém desse a vida em seu favor.

Todo o processo de perseguição, prisão, julgamento e morte do Senhor Jesus já era esperado, tanto é que Ele preparou os Seus discípulos a esse respeito, dizendo que seria morto, sepultado, ressuscitado e que voltaria para o Pai, mas que não os deixaria órfãos, pois que enviaria Um Outro Consolador, que estaria para sempre com eles e dentro deles.

Todas as condições para o Seu sacrifício estavam perfeitamente de acordo com os mandamentos de Davi a Moisés, com respeito aos sacrifícios pelo perdão de pecados.

O Senhor Jesus satisfazia todos os requisitos para ser o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Todos os sentimentos que um ser humano qualquer tem, além do sofrimento da dor, foram manifestos no Senhor Jesus, desde o Seu nascimento até a Sua morte na cruz.

As características de Sua natureza terrena foram claramente constatadas, visto que ali estava o Filho do Homem, isto é, que a Sua natureza humana estava evidente. Vejamos alguns exemplos da manifestação da Sua natureza humana:

1) O Senhor Jesus teve sede: “Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, para se cumprir a Escritura, disse: Tenho sede!” (João 19.28).

2) O Senhor Jesus teve fome: “Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome;” (Mateus 21.l8).

3) O Senhor Jesus sentiu cansaço: “Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta.” (João 4.6).

4) O Senhor Jesus dormiu: “E eis que sobreveio no mar uma grande tempestade, de sorte que o barco era varrido pelas ondas. Entretanto, Jesus dormia. Mas os discípulos vieram acordá-lo, clamando: Senhor, salva-nos! Perecemos!” (Mateus 8.24,25).

5) “Jesus chorou.” (João 11.35).

6) Ele orou no Jardim do Getsêmani três vezes, repetindo as mesmas palavras, o que significa que a Sua aflição era tão grande que não encontrava outras palavras para exprimir a Sua dor. E isso é um fato, pois quando nos encontramos no fundo do poço e no maior sofrimento e dor, não conseguimos nem achar palavras para exprimir o que sentimos. É como uma forte dor de cabeça, a gente só sabe gemer, repetindo as mesmas palavras: ai, ai, ai...

7) “deram-lhe a beber vinho com fel; mas ele, provando-o, não o quis beber.” (Mateus 27.34).

Outra vez se manifesta a Sua natureza humana, impedindo-o de beber a mistura de vinho com fel.

Todas essas evidências da natureza humana do Senhor Jesus, somadas à Sua vida de pureza e sem nenhum pecado, habilitaram-nO para o sacrifício em favor de todos.

e) A Ressurreição do Senhor Jesus Cristo

O resultado final do plano da salvação incluía, de forma obrigatória, a ressurreição do Senhor Jesus Cristo, já que todas as Suas promessas estavam fundamentadas nesse fato.

Se o sacrifício do Senhor Jesus Cristo não fosse seguido de Sua ressurreição, todo o plano de salvação da Humanidade estaria irremediavelmente perdido, porque se a Sua morte permitiu que houvesse o elemento sangue para servir como aliança entre Deus e os homens, a Sua ressurreição não era menos importante que o Seu sacrifício, uma vez que somente ela poderia garantir o cumprimento daquela aliança.

Já vimos que nas diversas alianças feitas por Deus com os Seus escolhidos no passado sempre houve três elementos em destaque: Deus, o sangue e o homem. Nos sacrifícios expiatórios no Velho Testamento havia também três elementos: o sacerdote, o sangue do animal sacrificado e o ofertante.

Na Nova Aliança, no sangue do Senhor Jesus também continuam a existir os três elementos: o Senhor Jesus Cristo, como Deus e Sumo Sacerdote, o Seu precioso sangue e a pessoa arrependida. Por isso também o Senhor Jesus é chamado o Mediador da Nova Aliança. Caso não ressuscitasse, não haveria um Salvador que pudesse interceder em favor dos perdidos. A quem invocaríamos para que nos pudesse salvar?

A mensagem da ressurreição do Senhor Jesus deve ser a mais explorada possível, porque num mundo onde as pessoas estão se afundando, tanto espiritual como fisicamente, se não houver um anúncio contínuo d'Aquele que morreu e ressuscitou, não haverá esperança para os que estão se perdendo.

A certeza de que Ele ressuscitou faz nascer a fé, capaz de remover toda e qualquer barreira, por mais intransponível que seja. Se o Senhor Jesus venceu a morte, qual é a doença, enfermidade, vício ou desgraça que pode resistir ao Seu grande poder?

Os que entram em aliança com Deus, através d'Ele têm a Sua garantia de vida eterna, porque não estão mais sujeitos à lei da morte, que só tem o controle dos que rejeitam Jesus como Senhor e Salvador.

Graças a Deus pela ressurreição do nosso Senhor Jesus Cristo, porque ela garantiu a nossa ressurreição também. O mesmo Espírito que deu vida ao Senhor também nos dará a vida eterna, pois como está escrito: "Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita." (Romanos 8.11).

f) O Espírito do Senhor Jesus Cristo

Conforme relato de Lucas, o médico, o Senhor Jesus "...depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas

concernentes ao reino de Deus.

“E, comendo com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias.”

Atos 1.3-5

Podemos dividir a história da revelação da Santíssima Trindade para a Humanidade em três períodos de tempo: o primeiro, foi a manifestação do Deus-Pai. Foi Ele quem falou com Adão, Noé, Abrahão, etc., apontando o Messias e Salvador do mundo. O primeiro período foi o das promessas.

O segundo, o da manifestação do Deus-Filho, Jesus Cristo. Através d’Ele, Deus se revelou para a Humanidade consumando o plano por intermédio da Salvação. Esse período pode ser chamado o do cumprimento da execução do plano da salvação para a Humanidade.

E, finalmente, vem o período da manifestação do Deus-Espírito Santo, que é chamado também do tempo da graça. Em cada período houve manifestação de Uma Pessoa da Santíssima Trindade. Este último período pode ser chamado de tempo da colheita ou “o ano aceitável do Senhor”, que significa que todos têm a oportunidade de alcançar os benefícios do sacrifício do Senhor Jesus. É o tempo em que Deus está pronto para entrar em aliança com quem assim o desejar.

O Pai recomendou o Filho; o Filho recomendou o Espírito Santo; e o Espírito Santo testifica do Filho. Como Deus, o Senhor Jesus cumpriu com os homens a Obra do Deus-Pai, assim como o Deus-Espírito Santo cumpre com os homens a obra do Deus-Filho; e nessa triangulação perfeita de ação, através do tempo, conclui-se a Aliança Eterna.

Embora os profetas e alguns reis de Israel tivessem recebido a unção de Deus, a vivência do Espírito em nós somente foi possível a partir da ascensão do Senhor Jesus.

Durante o ministério terreno do Senhor Jesus, os Seus seguidores tinham experimentado apenas a presença do Jesus-Homem-de-Deus e Homem-de-Fé. Enquanto estavam na presença de Jesus, havia segurança, confiança e fé, mas quando Ele se ausentava da companhia dos discípulos, havia temor, dúvida e insegurança. Isso acontecia pelo simples fato de não terem ainda sido selados com o batismo no Espírito Santo, ou seja, não terem recebido o Espírito de Deus.

Em várias ocasiões, tais seguidores se mostraram débeis na fé e até covardes diante das circunstâncias. Mas, após ter o Senhor Jesus ressuscitado e soprado o Espírito Santo sobre eles, houve uma reviravolta em suas vidas. Pedro, que até então havia negado o Senhor Jesus três vezes, com medo dos judeus, tornou-se intrépido e corajoso para enfrentar até a morte na cruz de cabeça para baixo.

Na verdade, o Espírito Santo é o substituto do Senhor Jesus e a Sua tarefa é convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo (João 16.8). É Ele o dirigente da Igreja do Senhor Jesus Cristo; é Ele quem revela o Senhor Jesus.

Não adianta, por exemplo, alguém querer convencer as pessoas a respeito da salvação em Cristo Jesus ou pregar toda a Bíblia que não tornará possível a conversão delas, não! Somente o Espírito Santo é capaz de converter o ser humano ao Senhor Jesus. Somente Ele é capaz de guiar as pessoas a toda a Verdade; somente Ele é capaz de guardar-nos de todo o mal; somente Ele é capaz de ensinar-nos todas as coisas que precisamos saber para o nosso bem-estar.

É Ele quem opera todos os frutos e todos os dons espirituais de Deus em nós, porque, uma vez habitando dentro de nós, torna possível que manifestemos o Seu caráter e o Seu poder diante da sociedade em que vivemos.

O recebimento do batismo com o Espírito Santo é o selo da aliança com Deus. Quando a pessoa recebe o batismo no Espírito Santo é como se ganhasse o diploma do curso que lhe dará o direito de exercer uma profissão.

Assim acontece com os batizados no Espírito Santo: eles passam a ter a condição espiritual para exercer o ministério da pregação do Evangelho do Senhor Jesus, expulsar os demônios, curar os doentes pela oração da fé, enfim, fazer exatamente o que o Senhor Jesus Cristo fez.

O Espírito Santo não foi importante apenas para o Senhor Jesus, mas para tantos quantos recebem a mesma unção que Ele recebeu. O Espírito Santo não estava mais presente com o Senhor Jesus que com os Seus verdadeiros seguidores batizados, não, pois também está escrito: "...porque Deus não dá o Espírito por medida." (João 3.34).

O Espírito do Senhor Jesus Cristo é a energia eterna de Deus para a Sua Igreja e, sem Ele, a Igreja é como um corpo sem vida ou como uma lâmpada apagada. O cristão que não tem o selo do Espírito de Deus dificilmente prevalece na luta contra as hostes do inferno.

g) A ordem de evangelização

"Finalmente, apareceu Jesus aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado. E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado.

Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados."

Marcos 16.14-18

"Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século."

Mateus 28.18-20

Não há um único cristão batizado com o Espírito Santo que não tenha sede de ganhar almas para o Senhor Jesus. É impossível à pessoa que experimentou o amor de Deus através da Sua salvação não ter o desejo de ver o mesmo acontecer com o seu semelhante. Isso é um fato, porque o próprio Espírito de Deus a impele a agir assim. A ordem do Senhor Jesus continua de pé e somente obedecem aqueles que, de fato, O reconhecem como Senhor de suas vidas.

A Nova Aliança que Deus fez conosco através do Seu Filho Jesus pode ser resumida na oração sacerdotal do Senhor, quando disse:

"...Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti, assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.

E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer; e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo.

Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra. Agora, eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti; porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste.

É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus; ora, todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e, neles, eu sou glorificado.

Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós.

Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura.

Mas, agora, vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos.

Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.

Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade. Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste.

Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me

enviaste e os amaste, como também amaste a mim.

Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo.

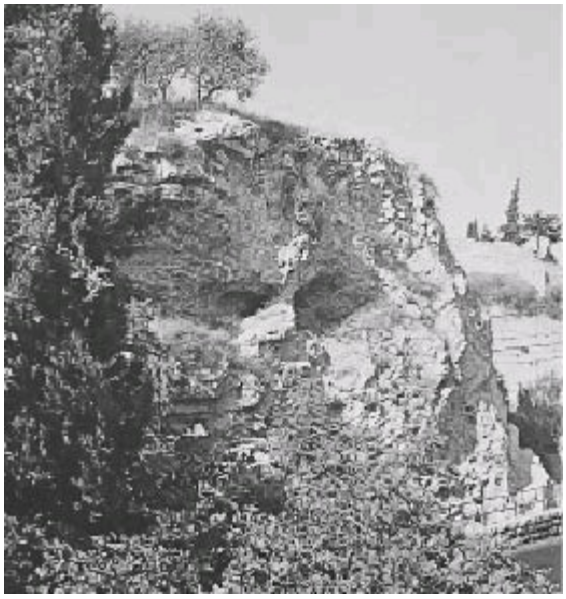
Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste. Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja."

João 17



Templo de Herodes

Este templo foi construído por Herodes e é o templo do Senhor Jesus



O Monte Calvário

Palco da maior tragédia da Humanidade, ao mesmo tempo se tornou um símbolo de fraternidade, paz, tolerância, amor e compreensão, através do sacrifício do Senhor Jesus



Jardim do Túmulo

“Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Não temais; porque sei que buscais Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia.” Mateus 28.5-6

Na foto em detalhe, traduzimos: “Jesus Cristo foi designado Filho de Deus com poder, ela ressurreição dos mortos”, em alusão a Romanos 1.4

A Terra Santa

A Terra Santa está situada no ponto extremo oriental do Mar Mediterrâneo. Limita-se ao Norte com o Líbano, a este com a Síria e a Jordânia e ao Sul com o deserto do Sinai. Apesar de sua pequena área (cerca de 20.600km²), a Terra Santa tem desempenhado considerável papel na história da Humanidade. Na Antiguidade, ela era cortada pelas mais importantes linhas de comunicação, que ligavam o Egito, a Síria e a Mesopotâmia. Por fazer parte do Oriente Médio, ponte entre três continentes, e por ser reivindicada pelas três grandes religiões monoteístas: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, raras vezes gozou de paz.

Essa é a terra na qual se encontram as ruínas das mais antigas civilizações do mundo, a terra que, através de sua vasta história, foi o ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente.

É a terra dos profetas e de Cristo, que, com seus imortais ensinamentos e leis, dirigiu o curso da Humanidade, pregando ideais de justiça, paz e amor que, ainda hoje, inspiram as três grandes religiões monoteístas. Para os judeus, esta é a terra da Bíblia e suas glórias passadas; para os cristãos, esta é a terra onde Jesus viveu e sofreu, a terra que ouviu Suas palavras sobre o Reino dos Céus e que O viu realizar seus numerosos milagres; para os muçulmanos, esta é a terra de onde ascendeu seu profeta aos Céus.

Desde os tempos mais remotos até hoje, têm convergido peregrinos provenientes de todas as nações e povos, sobrepondo-se à fadiga e ao
desconforto, fazendo frente a todos os tipos de perigos, para ver a terra que, desde sua mais tenra infância, já lhes era tão familiar. Essa terra de fé e amor tem sido também uma terra de guerras, sangue e miséria. Desde épocas muito antigas até nossos dias, uma guerra foi seguida de outra, rebelião atrás de rebelião, saturando o seu santo solo de sangue humano. Não há outro país no mundo que tenha uma história mais dramática que a Terra Santa.

Eis aqui um resumo cronológico

da história da Terra Santa:

Os arqueólogos de hoje nos dizem que comunidades urbanas, as mais antigas conhecidas atualmente, viveram na Terra Santa antes do ano 9000 a.C., mas sua história começa com Abrahão, quando este chegou a Canaã vindo de Ur, na Mesopotâmia, em aproximadamente 1950 a.C.

1250 a.C. — Josué cruza o rio Jordão, conquista a Terra de Canaã e divide-a entre as doze tribos.

1200 a.C. — Os filisteus provenientes de Creta invadem Canaã, que, depois deles, passa a ser chamada de Palestina.

1025 a.C. — Coroação de Saul, o primeiro rei de Israel.

1004 a.C.-965 a.C. — Reinado de Davi.

965 a.C.-922 a.C. — Reinado de Salomão e construção e dedicação do

primeiro Templo.

953 a.C.-930 a.C. — Cisão, separação entre Israel (10 tribos) e Judá (2 tribos).

721 a.C. — Os assírios invadem e ocupam Samaria e levam para o cativeiro as 10 tribos do norte, pondo fim, assim, ao Reino de Israel.

587 a.C. — Nabucodonosor destrói Jerusalém e o Templo, expulsando as tribos de Judá para a Babilônia.

539 a.C. — Ciro conquista a Babilônia e permite aos judeus voltar a Jerusalém. O Templo é reconstruído por Zorobabel.

334 a.C. — Alexandre Magno conquista a Palestina e, após a sua morte, ela é controlada pelos ptolomeus do Egito.

198 a.C. — Antíoco III da Síria vence os egípcios e a Palestina passa às mãos dos seleucidas.

175 a.C. — Antíoco IV é coroado. Ordena abolir o culto ao Deus de Israel e profana o Templo, oferecendo sacrifícios impuros em seu altar.

167 a.C. — Os judeus, liderados por um sacerdote ancião, Matitias, e seus filhos, revoltam-se contra os seleucidas e os vencem.

64 a.C. — Pompeu conquista a Palestina.

40 a.C. — Os partos surpreendem os romanos e tomam o país.

39 a.C. — Herodes, o Grande, expulsa os partos e, em nome de Roma, reina até o ano 4 a.C.

33 — Crucificação de Jesus.

66 — Os judeus revoltam-se.

70 — Tito reprime a revolta dos judeus e destrói completamente a cidade de Jerusalém.

132-135 — Os judeus revoltam-se pela segunda vez, sob a liderança de Bar Kochba. A revolta é dominada por Adriano que destrói Jerusalém, reconstruindo-a, depois, como uma cidade pagã, a qual chama de Aelia Capitolina.

330-634 — A Palestina passa ao domínio bizantino. Depois da conversão de Constantino, o cristianismo espalha-se rapidamente. Muitas igrejas são construídas.

614 — Os persas invadem a Palestina. Milhares de cristãos são massacrados e centenas de igrejas destruídas.

636 — Os muçulmanos conquistam a Palestina, fazendo de Jerusalém a sua terceira cidade santa, depois de Meca e Medina.

1009 — O califa fatimita Hakem destrói a Igreja do Santo Sepulcro juntamente com muitos outros santuários cristãos, espalhando a guerra e a animosidade por 200 anos entre o Oriente e o Ocidente, dando origem às Cruzadas.

1099 — Jerusalém é tomada pelos cruzados e o reino latino é nela estabelecido.

1187 — Saladino, príncipe muçulmano egípcio, derrota os cruzados nos Cornos de Hittin, dando fim ao reino latino do Oriente.

1263 — O sultão mameluco Bibars, do Egito, conquista as fortalezas do litoral que estavam em mãos dos cruzados, e que durante os próximos 250 anos permaneceriam sob ocupação mameluca.

1400 — Tribos mongólicas, lideradas por Tamerlane, invadem a Palestina.

1517 — O império turco-otomano conquista a Palestina, dominando-a por 400 anos.

1917 — A Palestina é tomada pelos Aliados na Primeira Guerra Mundial, comandados pelo General Allenby. Este foi o ano da Declaração Balfour em favor da criação de um Lar Nacional Judeu na Palestina.

1922 — O mandato britânico sobre a Palestina é confirmado pela Liga das Nações.

1947 — A Organização das Nações Unidas adota um plano de partilha da Palestina para formar um Estado judeu e um Estado árabe.

1948 — Fim do mandato britânico. Em 14 de maio, o Conselho Nacional Judaico estabelece o Estado de Israel. Tem início a guerra entre judeus e árabes, com a invasão do novo Estado pelos países vizinhos. Assina-se um armistício entre Israel, de um lado, e Egito, Síria, Jordânia e Líbano, de outro. A Palestina fica dividida entre Israel e Jordânia.

1967 — 5 de junho. Irrompe uma guerra entre árabes e Israel. Ela termina depois de seis dias de lutas com a ocupação, por Israel, da Península do Sinai, das Colinas do Golan e da margem Ocidental do rio Jordão.

1973 — 6 de outubro. Irrompe mais uma guerra entre árabes e israelenses. Depois de 16 dias de batalhas, o cessar-fogo é conseguido.

2003 — Inúmeros outros conflitos vêm acontecendo em Israel até os dias atuais com os países vizinhos, transformando aquela região em um “barril de pólvora” pronto a explodir.

Esperemos e oremos para que a paz venha num futuro próximo, que judeus e árabes – que viveram pacificamente durante séculos – possam encontrar a paz, depois de décadas de animosidade, conviver e trabalhar juntos outra vez para a prosperidade e pelo futuro desta terra.

“Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência. Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus. Disse mais Deus a Abraão: Guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das suas gerações.”

Gênesis 17.7-9